

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR)

**: OBRAGENS DE CRAMULHÃO.
E FRAGMENTOS E EXPERIÊNCIAS E CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS E
DIZERES CIDADES E VIDA E POLÍTICA**

RICARDO JOSÉ DE MOURA

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós- Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Planejamento Urbano e Regional.

Orientador: DR. FREDERICO GUILHERME BANDEIRA DE ARAÚJO

**Rio de Janeiro,
2016**

RICARDO JOSÉ DE MOURA

**: OBRAGENS DE CRAMULHÃO.
E FRAGMENTOS E EXPERIÊNCIAS E CONTAÇÃO DE
ESTÓRIAS E DIZERES CIDADES E VIDA E POLÍTICA**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós- Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Planejamento Urbano e Regional.

Orientador: Dr. Frederico Guilherme
Bandeira de Araújo

Rio de Janeiro

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Moura, Ricardo José de

: Obragens de Cramulhão.

e fragmentos e experiências e contação de estórias e dizeres cidades e vida e política

Ricardo José de Moura. - 2016.

243 f.: il color, mapas, 30cm.

Tese (doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2016

Bibliografia: f. 167-175

1. Fragmentos 2. Experiências. 3 Cidade. 4.Política - Uso - Rio de Janeiro (RJ). I. Título.

RICARDO JOSÉ DE MOURA

: OBRAGENS DE CRAMULHÃO.

**E FRAGMENTOS E EXPERIÊNCIAS E CONTAÇÃO DE
ESTÓRIAS E DIZERES CIDADES E VIDA E POLÍTICA**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós- Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Planejamento Urbano e Regional.

Orientador: Dr. Frederico Guilherme
Bandeira de
Araújo

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Frederico Guilherme Bandeira de Araújo

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional/UFRJ

Professora Dra. Soraya Silveira Simões

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional/UFRJ

Professora. Dra. Ana Cabral Rodrigues

Universidade Federal Fluminense/UFF

Professor Dr. Mauro José Sá Rego Costa

Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ

Professora Dra. Ana Lúcia de Almeida Sotto Mayor

Colégio Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAP/UFRJ)

CIP - Catalogação na Publicação

M488o Moura, Ricardo José de
Obragens de Cramulhão: e fragmentos e
experiências e contação de estórias e dizeres
cidades e vida e política / Ricardo José de Moura.
-- Rio de Janeiro, 2016.
242 f.

Orientador: Frederico Guilherme Bandeira de
Araújo.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento
Urbano e Regional, Programa de Pós-Graduação em
Planejamento Urbano e Regional, 2016.

1. Fragmentos. 2. Experiências. 3. Narrativas.
4. Cidade. 5. Política. I. Bandeira de Araújo,
Frederico Guilherme, orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

Para Isabelli Luíza, minha lindeza

AGRADECIMENTOS

A minha filha, Isabelli, pelo encontro do amor em verdade;

A Minha mãe Luíza pela grandeza da sua história;

A minha esposa, Luana, por compreender minhas ausências neste momento;

Ao orientador Fred. Uma figura doce, alegre, cheio de energia e que topa as nossas loucuras no campo das epistemologias das intensidades;

Ao Maique Souza pela presteza em ajudar-me em algumas montagens;

Aos colegas da secretaria do IPPUR, André, Zuleika e Ana Cristina, pela atenção dispensada;

Aos dianhos, dianhas do Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura (GPMC), pelas provocações, agenciamentos e amizade;

Ao CNPQ pelo incentivo que possibilitou desenvolver a pesquisa;

Ao Instituto Raízes em Movimento por apostar na diferença e na experiência como ato político. Um lugar de muito aprendizado;

Aos que me inspiraram a construir causos, como os que estão contados, em especial, senhor Miguel do morro do Alemão.

EPÍGRAFE

uma menina para seu pai:

- papai os peixes dentro do aquário são pequenos,
mas daqui de fora eles parecem grandes.

acho que é por causa do vrido.

É a imaginação papai.

olha lá a nossa foto atrás do aquário.

eu queria mesmo era voar.

voar igual um passarinho.

bem-ti-vi.

- papai você já sonhou?

- sim, filha.

- papai ontem eu sonhei que o guilherme
batia na cara da tia da escola.

- foi?

- sim! depois eu dizsonhei (risos).

RESUMO

Uma das intenções deste trabalho é (re)colocar questões, a partir de construções de narrativas periféricas, no que concerne a ideia de cidade. Hoje o que se vê, na maioria dos discursos sobre cidade, especialmente os “oficiais”, é a continuidade de um pensamento totalizante que dominou e ainda domina o modo de conceber cidade. A cidade desenvolvimentista. A cidade dita a partir de um artigo definidor, portanto, limitador e hegemônico. A cidade expressa no singular. Singular que sugere universalização de algo nomeado cidade. Sugere esse dizer (cidade) um discurso único. Cidade é (alguma coisa) em si. Esta perspectiva, através de modos e formas diferentes, sempre fez parte das estratégias de dominação. Nesse sentido, tensionar, borrar, rasurar as representações hegemônicas e criar estórias como disputa de dizer cidade, torna-se um exercício importante. Não se trata de criar um modo, agora verdadeiro, de dizer, constituir cidade. Mas, apostar politicamente na criação de dizeres cidades através de narrativas, cinicamente descartadas por um tipo de pensamento rígido que insiste em uma totalidade, em um mundo unificado em que a própria linguagem figura como modo de pensamento “que permite a construção dos diversos tipos de discursos cidade legitimados por certa pertinência ao campo. Portanto, apostar numa experimentação política em que narrativas apareçam como pacto diabólico, como máquina de guerra, intensidades demoníacas, talvez, possa oxigenar pensamentos sobre cidade. Como diziam Deleuze e Guattari: *a palavra. Eu não a vejo, eu a invento. A expressão deve quebrar as formas, marcar as rupturas e as ligações novas.* Narrarexperienciaragenciar como ação de constituir cidades.

Palavras-chaves. Fragmentos. Experiência. Narrativas. Cidade. Política.

ABSTRACT

One of the purposes of this work is to (re)place questions based on the narrative constructions peripheral related to the concept of city. Nowadays what is noticeable in the majority of discourses about cities, especially the “official ones”, is the continuity of a totalizing thought concerned to the designing of city that prevailed and is still predominant. The expansionist city. The city considered taking into account a defining view, thus, restraining and hegemonic. The city expressed from a singular viewpoint. Singularity that suggests the universalization of something nominated “city”, proposed from an unique discourse. Such perspective being always part of a strategy achieved through different ways of domination. In this sense, stressing, blurring and erasing the hegemonic representations besides creating stories as a way of challenging the commonly known meaning of “city” turns out to be an important exercise. It has nothing to do with the creation of a true way of saying, of constituting the concept of city, but to politically believe in the creation of “ways” of conceiving “cities” based on narratives cynically discarded by a kind of unilateral thought, in a world where language itself features as a way of thinking, allowing the construction of many kinds of devising city legitimized by certain relevance to the field. Therefore, to believe in a political experimentation in which the narratives emerge as a diabolical pact, as a “war machine”, demoniacal intensities, that perhaps, may shed some light on the concept of city. As Deleuze and Guattari would claim: *The word. I do not see it, I make it. The expression must break the forms; mark the disruptions and the new connections.* Narrate experience manage as an action of conceiving cities.

Keywords: Fragments. Experience. Narratives. City. Politics.

SUMÁRIO

OU ESBOÇO DA QUESTÃO, OU PROBLEMA, OU INQUIETAÇÕES, OU	11
FRAGMENTOS DESÚTEIS	32
Visgoso Ventoseiro da Gravidade	32
Das primeiras motivações ou, do estado da arte ou, Memorial do Carma Urbano	35
ESCRITURAS	49
ou saci, ou chapeuzinho vermelho,ou	50
Conversa a-fiada	53
Chapeuzinho Vermelho	54
Vá Gina. Sonhadora	64
Carta Erótica	73
E causos e estórias e rumações	75
Cidade	108
Mobilidade urbana	139
Fragmentos complexos. As cidades do alemão	156
FRAGMENTOS OUTROS	177
Cartografia Íntima	178
Donzela da Noite	188
. PONTO	236
REFERÊNCIAS	237

: Obrações de Cramulhão

ou esboço da questão, ou problema, ou inquietações, ou

- Fala aí meu rei!

- Ô doto, o senhô ta sumido!

O doutor puxa uma cadeira, senta-se e pede o de sempre.

- Uma cerveja bem gelada, por favor, meu rei!

- que isso dotô, rei aqui só o senhô. Seu pedido é uma ordem.

Seu coxo, como era conhecido nos arredores, dirige-se à geladeira do bar, retira a cerveja e leva à mesa.

- aqui está dotô sua cerveja bem gelada.

Quase ao mesmo tempo um amigo chega ao bar.

- Fala meu amigo coxo! do jeito que o diabo gosta pra começar o dia - bate no balcão.

- Peraí Gambiarra to atendendo o dotô.

- Eu espero.

O doutor pergunta:

- Do jeito que o diabo gosta?

- Depois eu te dou uma dose dotô, mas devo advertir que do jeito que o diabo gosta é pros fortes de espírito.

O doutor titubeou. E disse:

- num outro momento meu rei. Vou continuar na minha cervejinha.

- O senhor é quem manda dotô. Agora me dê licença que o gambiarra precisa do jeito que o diabo gosta.

Neste ínterim, seu coxo serve ao seu amigo Gambiarra a tão famosa e temida do jeito que o diabo gosta. E num único gole gambiarra mata de vez.

- Traz mais uma pro seu amigo, coxo.

- Você hoje está com sede heim - risos.

O doutor vendo aquela cena sente-se impelido a puxar conversa com Gambiarra e diz:

- Desculpa, mas de onde vim não havia nem vestígio de bebida como essa.

- e de onde o dotô veio?

- de uma cidade...

- cidade de prédios bonitos, de ruas limpas, de lugares bacanas, de homens honrados né? Não removeram nenhum aglomerado de baixa renda por lá não né?

- É... Responde meio sem graça o doutor.

- como é que encasquetaram esta coisa de desenvolvimento e progresso na nossa cabeça né não dotô?

O doutor fica meio sem graça, mas retruca.

- Mas você não é adepto do desenvolvimento e progresso?

- o dotô fala bonito. Adepto...risos...não se trata de adaptar dotô.

- então se trata de quê?

Gambiarra pede mais uma do jeito que o diabo gosta, só que desta vez, pede para seu coxo encher o copo. Ao ver o copo cheio sente-se impelido e dá uma golada daquelas de quem tem o espírito forte. E depois emenda:

- dotô o senhô quer ouvir mesmo o que eu tenho pra dizer?

- cuidado dotô quando Gambiarra começa parece que está filosofando, aquelas filosofias de botequim e de bêbado. Elas nunca têm fim - disse seu coxo rindo.

- pode filosofar. Quero ver se consegues ser contra esta maravilha que se chama desenvolvimento e progresso. Veja só como os lugares ficam mais bonitos quando planejados. Quando os governantes têm qualidades administrativas e visão de futuro. E mais quando têm bom gosto. A cidade fica outra coisa. Aquelas feiuras dão lugar a beleza que só o progresso é capaz de ordenar.

- certamente.

- você concorda?

- com o quê doto?

- com o desenvolvimento e progresso?



Maique Souza

- claro. Veja: o inventor da do jeito que o diabo gosta é um excelente engenheiro, eu diria, um alquimista. Quanto progresso ele alcançou com esta cachaça. Deve ter experimentado várias vezes, igual ao camarada da luz elétrica. O camarada da luz elétrica (Thomas Edson) de tanto experimentar ficou conhecido nos arredores como o *Feiticeiro de Menlo Park*. Imagina como o inventor da do jeito que o diabo gosta ficou depois de experimentar várias - risos.

- É. De fato, deve ter sido para alguns, um grande desenvolvimento. O doutor responde ironicamente.

- só pros de espírito forte dotô. Mesmo porque, ela é uma ótima motivação, inclusive para alívio das angústias que se apoderam de nós. Sabe por que dotô? Por que as incertezas e angústias estão sempre nos rodeando. Pelo menos rodeiam os fortes de espírito.

Doutor atento.

- Não sei se o que estou a lhes falar tem alguma serventia. Se esta falação danada tem alguma coisa que preste.

Se elas podem alguma coisa? Como não ser nostálgico ou apocalíptico? Por exemplo: até que ponto estas coisas têm serventia ou não nas conversas entre as grandes histórias que inventaram sobre liberdade do homem, consciência, conhecimento? O negócio é aqui e agora dotô. O bagulho é doido.

- não disse dotô. Gambiarra quando começa...rs!

O doutor que se aproximara de gambiarra para dizer-lhes como deveria ser a cidade ideal, maneou a cabeça para seu coxo em sinal de positivo, pediu mais uma cerveja e disse:

- Continue gambiarra, continue.

- Então. Não dá para esconder quanta angústia tudo isso traz. Sabe por quê? Porque elas estão sempre nos rodeando e embaralhando nossas cabeças. Não dá para pensar na cidade ideal como algo exterior, isto é, falar de uma determinada experiência que seja comum a todos, apenas para confirmar aquilo que pensamos como melhor, mais belo, mais digno, mais... independente da experiência. Por exemplo:

Neste momento, gambiarra acende um charuto e dá uma baforada demorada. Silêncio paira no bar.

- não gosto das conversas que insistem em coisas grandiosas, em achar que podem resolver os problemas do mundo e colocam a solução no horizonte. Estas histórias acreditam num princípio normativo, num futuro, na verdade que guiará a todos, entende dotô?

O doutor perplexo responde:

- Sim!

- na verdade, na verdade, na verdade, essas conversas que insistem em uma única maneira de ver o mundo, além de chatas, querem no fundo reconhecimento enquanto conversa boa. Mas de fundo têm a presunção de querer ordenar o inordenável. É cômodo demais, ou melhor, um cinismo e total perda tempo.

O doutor disse:

- Você é contundente em gambiarra.

- Eu? Que isso dotô. Esta conversa é apenas conversa de boteco. E ainda por cima, to cheio do jeito que o diabo gosta na cuca.

A esta altura da conversa gambiarra dizia das suas angústias por conta das suas escolhas e de suas afectações, ao mesmo tempo de alegrias em poder compartilhar experiências no boteco do seu coxo. Certamente, gambiarra não tinha a pretensão de criar uma saída para as questões apresentadas ali, na mesa do bar. Mas precisava evidenciá-las para o doutor. Mesmo sabendo que as questões apresentadas ali, tinham seus limites. Muitas dúvidas sobre o que estava a contar-lhes. E talvez, aquele momento pareceu oportuno para externalizar aquele monte de palavras insólitas. Um desabafo oriundo das muitas conversas de botequim, de algumas poucas leituras de livros esquisitos e de muitos fragmentos.

Ao que tudo indicava aquelas conversas de botequim apontavam para um problema que a nova política tem defronte. É possível pessoas vivam ou se orientem exclusivamente pela fruição da vida? O papo de vida feliz parece orientar os discursos oficiais como tarefas primordiais do pensamento vindouro. Propagandas de vida feliz. Desenvolvimento e progresso. Domínio, desenvolvimento e civilidade. Mas, os discursos de gambiarra eram como um soco no estômago. E criavam maior surdunço frentes as etiquetas civilizatórias.

- O dotô tá cansado de ouvir tanta baboseira?

- Não. Gambiarra suas palavras são fortes, mas temo não encontrar espaço para falar delas. O modelo de sucesso, de uma verdade comum a todos, de uma história universal venceu.

- tem certeza disso dotô?

- acho que sim. Vejamos um pouco de história: o marco das preocupações de um tipo de pensamento medieval, dominado pela

escolástica, talvez tenha sido formular argumentos racionais a fim de corroborar as verdades reveladas, a saber, a existência de Deus e imortalidade da alma. Um pensamento influenciado por Sócrates e Platão que se preocupavam em questões universais. Por exemplo, a ideia de bem. Daí o pensamento cristão firma-se como filosofia cristã. De santo Agostinho a Tomás de Aquino. Passado o Renascimento - transição entre Feudalismo e Capitalismo - entramos na modernidade. Uma das marcas desse tempo é o pensamento racional que tem em Descartes o apogeu.

- caramba dotô. O senhô fala bonito mesmo heim. Se for para falar bonito então... onde ficam as práticas microscópicas de uma gente invisível, incrivelmente diferente e que abraça a marginalidade como modo de vida?

- Isso é exceção. Portanto, não entra no calculo - Falou o doutor com intrepidez.

O doutor continua.

- A atenção volta-se para o domínio de dois modelos de pensamentos que marcam profundamente o ocidente - o pensamento cristão e o pensamento racional. Mais do que isso, como estes pensamentos têm um legado na atualidade, ainda mais se pensarmos em modelos de cidade idealizada, desenvolvimentista e de progresso.

- É dotô. Disse uma camarada, certa vez, num desses séculos aí que a preocupação da Academia de Belas Artes era com que hoje se chamaria de "desenho da cidade", de "boa forma urbana".

- Então você concorda comigo?

- Dotô deixa eu te falar uma coisa: sou vividor de boteco, gosto da do jeito que o diabo gosta e ainda constituo uma casta neste mundo de cramulhão.

- Você é muito liso Gambiarra.

- é que esta história de um pensamento, amparado na crença do progresso que procura ordenar o espaço urbano com algo em si, e blá, blá, blá é foda dotô. Sou do submundo. Da cidade

inventada e inventável. Sabe aquelas regras de arquitetura? Então, elas são frequentemente sacudidas, balançadas, tremidas por uma força que desafia os cálculos.

- E que forças são essas?

- certamente são forças reativas e ativas.

- como assim?

- por exemplo: forças reativas são inferiores aquelas que nos fazem adapta-se as condições vida. Olha aí dotô: eu disse adaptar-se (risos). Elas cumprem funções, e tarefas de conservação, de adaptação e de utilidade.

- gambiarra de onde você tirou isso?

- dotô devezenquando eu leio uns livros esquisitos sabe. Aí eu já sou esquisito também a coisa fica estreita (risos). Preste bem atenção dotô, pois agora vou falar igual o senhô: devemos constatar o gosto imoderado do pensamento moderno por estas características, eu diria, por este aspecto, reativo das forças [...]. A natureza das forças reativas e seu estremecimento nos fascinam.

silêncio...longo silêncio. Apenas a fumaça do charuto de gambiarra no ar...?

- Coxo, amigo, me dá mais uma do jeito que o diabo gosta.

- você agora pegou pesado gambiarra. De onde tirou isso? Perguntou seu coxo.

- esta você não conhecia né parceiro (risos).

- cada dia que você filosofa aqui, vem com alguma coisa diferente, mas é como você já estivesse falado isso...

A conversa no boteco do seu coxo estava tomada de forte indício de tensionamentos feitos por Gambiarra. Seu modo de vida era sua ética. Suas análises a respeito da cidade no singular como algo em si, com o modo de pensar construído, sobretudo, a partir da crença de que o desenvolvimento e progresso pudessem melhorar a vida na cidade, e conseqüentemente melhorar a vida individual eram fortes. E como melhorar? Um projeto de cidade que fosse comum a todos -

a todos quem? - e fundamentalmente aparecesse como ideário de beleza apolínea. Paris dos trópicos. Um pouco do que Hitler fez na Alemanha. Um pouco do Rio de Janeiro hoje.

Gambiarra era uma pessoa de hábitos modestos, mas perspicaz. Autodidata. Sabia que, neste projeto estético, uma das principais armas, era torná-lo socialmente aceitável. E como isso era possível? O que isso significava? Dominação a partir da serialização, vigilância, alinhamento, hierarquizações e disciplinarização dos corpos? Talvez. Por isso, gambiarra tensionava um tipo de pensamento universal e totalizante. Nada de submissões. Mas de disputas.

Ele recolocava questões sobre dizer mundo, especialmente, dizer cidade como disputa de poder dizer. Para ele, não se tratava de criar nenhuma verdade, de dizer, constituir cidade. Mas de viver a vida com inúmeras possibilidades. Talvez, isso fosse uma aposta política. Dizer cidade, viver cidade, dizer vida, viver vida.

Por isso, suas filosofias de botequim eram poderosas, pois não queriam um lugar que não fosse a do jogo da disputa de poder dizer. Suas formas de narrar experiências rompia com certas construções, por exemplo, acerca de uma hermenêutica do imaginário, componentes de expressões que reiteravam as formas e não a distraíam. Narrativas que não cansavam em representar a cidade. Construções de diversos tipos de discursos cidade legitimados por pertinência ao "campo". Sua aposta estava clara: Experimentação política como uma máquina de guerra. Contaço de estórias periféricas como pacto diabólico. Intensidades demoníacas.

Isto tornava, à medida que bebia do jeito que o diabo gosta, suas falações uma aventura. Uma espécie de epistemologias das intensidades, ou dos demônios. E evidenciava, a partir de pequenos fragmentos, pensamentos cuja força estava ligada às múltiplas experiências. O terceiro incluído, isto é, sem a eliminação das formulações binárias

que povoaram e povoam debates sobre cidade e que o doutor expressava muito bem.

- As forças que me refiro são forças da vida dotô. Hoje o que se vê na maioria das conversas sobre cidade, ainda mais aquelas "oficiais", é a continuidade de um modo de dominar. Veja o pensamento racional e cristão que o senhô falava ainda pouco. Estes constituem forças reativas. Olhe, por exemplo, como essa ideia de desenvolvimento e progresso vai tentar reduzir a ideia de cidade.

A esta altura Gambiarra já estava entrando na sétima dose do jeito que o diabo gosta. Suas ideias diziam a respeito da cidade desenvolvimentista. A cidade dita a partir de um artigo definidor, portanto, limitador e hegemônico. A cidade expressa no singular. Singular que sugere universalização de algo nomeado cidade. Sugere esse dizer (cidade) um discurso único. Cidade é (alguma coisa) em si. Esta perspectiva, através de modos e formas diferentes, para gambiarra, sempre fez parte das estratégias de dominação. O discurso de intervenções emblemático via modernidade do século XX: sanitarismo, higienismo, urbanismo, planejamento urbano, o presente planejamento estratégico e de gestão. Este último, dizia, gambiarra, "alia-se categoricamente ao tempo da administração do tempo - Gestão disso, Gestão daquilo, até mesmo Gestão de pessoas". Uma vontade incontrolável de controle. Um modo totalizante de dizer: cidade. Discurso único.

A hora já estava avançada. No bar, apenas Gambiarra, o doutor e seu coxo. Seu coxo já estava acostumado a ouvir as filosofias de Gambiarra. Elas sempre voltavam de algum modo. E seu coxo, de certo modo gostava das alucinações filosóficas de seu amigo, ainda mais quando ele estava do jeito que o diabo gosta. Dizia: "Gambiarra é cabra macho, todos os dias bebe várias pingas que só quem tem espírito forte sabe o que é isso". Ele se incomodava com os discursos hegemônicos. Para gambiarra, o que eles têm em comum é a busca de impor-se como

verdade sobre o que dizem enquanto cidade. Constituindo, assim, como conjunto heterogêneo e trama tensa e polêmica, um campo (político) de disputas discursivas. Ou, mais do que isso, um campo de disputas pelo que "é" cidade em determinado momento e sociedade, o que, por si, evidencia a relevância do refletir criticamente sobre as bases, as estratégias e os modos de agenciamento desse campo interpelando-o de um lugar outro, que não é mais do que o mesmo lugar rasurado¹ por um agenciar opaco². Gambiarra parecia ter imensa clareza de que isso era acentuado nas concepções de cidade que sempre substanciam estatais (planos, políticas, normatizações, ações policiais etc.) e práticas sociais cotidianas em consonância ou resistência.

- Olha dotô já falei demais por hoje. E esta coisa ruim do cão - do jeito que o diabo gosta - já quer me levar para casa.

- Gostei da conversa, Gambiarra. Seu coxo, quanto deu a conta?

- Três cervejas?

- Inclua também as doses desta coisa ruim que Gambiarra adora.

- Que isso dotô. Não precisa. Aqui eu e seu coxo nos entendemos no final do mês. Mas quem disse que é coisa ruim? O senhor não experimentou. Cuidado com os estereótipos dotô.

- Foi você mesmo quem disse.

- usei apenas uma expressão usual daqui dessas bandas.

- Tudo bem. Gambiarra preciso ir, pois amanhã é dia de branco. Tenho que descansar para trabalhar um pouco.

- É dotô, ainda bem que sou um negro preguiçoso.³ Quando acordo branco e tenho que ir trabalhar aí eu fico puto.

¹ Cf: Trabalho do GPMC. *Caosgrafia Cidade*, p. 4 notas de pé de página.

² *Ibidem*.

³ "ai que preguiça!" Expressão usada pelo personagem Macunaíma interpretado por Grande Otelo no filme (1969) de Joaquim Pedro de Andrade - adaptado da obra de Mário de Andrade, *Macunaíma*.



Bill Watterson

- Não falei por mal Gambiarra.

- eu sei dotô. Em nossa conversa estas questões estiveram presentes o tempo todo. As minorias periféricas e jogo de poder dizer.

Ambos se despediram. Mas pairou no ar uma tensão. Seu coxo terminou a conversa com gambiarra e fechou o bar. Gambiarra...bem este foi se abrigar em algum canto. Ao que parecia, o doutor saiu para casa com a mesma ideia da cidade como uma unidade, como categorias sem qualquer possibilidade de manejo. Este tipo de pensamento, ao que tudo indicava, aparecia, ainda que inconscientemente, como uma das faces de um novo fascismo. Não que o doutor fosse fascista ou coisa do gênero, mas suas ideias estavam relacionadas aos projetos de intervenção urbanística aquelas aparecidas lá no final do século XIX, continuadas ao longo do século XX e reificado até os dias atuais. A cidade do desenvolvimento e do progresso ⁴. Um modelo de pensamento que parecia se efetuar na cidade idealizada. Um pano de fundo. Um projeto mercantil e messiânico para desalojar sujeitos das experiências, aniquilar afetos e matematizar o sensível. O que parecia era que aqueles

⁴ Cf: Michel Foucault em o Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979). E a descrição do quadro de Paul Klee, *Angelus Novus*, por Walter Benjamin (2012).

discursos proferidos pelo dotô foram e são influenciados a partir do modelo de um tipo de pensamento moderno dogmático⁵, e por isso, alimentou e alimenta a ideia desenvolvimentista e de progresso como linearidade do tempo. E gambiarra sempre tentou fugir, ao mesmo tempo tensionava discursos daquela espécie. Aquele modo de dizer cidade não apontava apenas para a verdade de conceber o mundo, mas operava sob as novas formas do Fascismo⁶.

- Toda dimensão messiânica e autoritária nega, renega e procura impedir que outras cidades apareçam, inclusive as cidades consideradas fétidas, dizia ele.

Os muitos mapas de cidades, feitos de memória, de lugares, de experiências múltiplas e de muitos os que vivem em cidades dentro de cidades - experiências amorosas, de perdas e ganhos; que vai da morte ao nascimento, ou do nascimento a morte, o modo como essas experiências delineiam mapas, cartografias, cuja divisão política é alterada pela política do desejo, do prazer e da decepção apareciam nos discursos potentes de gambiarra ⁷.

Ao que tudo indicava, a aposta de gambiarra era constituir, inventar, criar estórias, narrativas, como maneiras de dizer mundo de múltiplas formas, como uma ação ética e política e com marcas de desejo. Escrituras com marcas de desejos, de multiplicidades, de diferenças. De fato, esta parecia ser uma aventura enquanto bricolagens que implicam em experiências de corpo vibrátil⁸. Assim, colocações de gambiarra, apontavam para imaginação, invenção, escrituras

⁵ Cf: DELEUZE, 2006, p. 189-240.

⁶ Cf: Michel Foucault. *O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista*. Prefácio à edição de *O anti-Édipo - Capitalismo e Esquizofrenia 1*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1972).

⁷ No Fragmento Cartografia Íntima - *Donzela da Noite* -, veremos isso mais detalhadamente.

⁸ Corpo vibrátil é uma espécie de instrumento de ação da *Cartografia do Desejo*. Cf. Suely Rolnik (1989).

como jogo e aparecerem como provocação e tensionamento desta concepção de cidade no singular e, por conseguinte, dos modelos de representação. Mas, sobretudo, requeria um lugar, enquanto narrativas periféricas. Um caminho sem direção e sentido. Assim, estas contações de estórias danada, se assumidas como tais podem ser ciência, mas nunca deixarão de ser estórias (causos). São apenas fragmentos de mundo.



PISTAS DE CRAMULÃO

"O nosso século está em busca de questões perdidas, cansado de tantas respostas."

Jean-luc Godard

Tudo bem. Entendo a persistência nas perguntas: qual a questão? Qual o objeto? De igual modo, entendo perguntas sobre o método do trabalho. Método, a priori, pressupõe a possibilidade de trilhar um caminho e tentar atenuar equívocos em relação a uma hipótese, ao mesmo tempo em que tem por finalidade ter um resultado mais preciso sobre a questão ou objeto e, portanto, o objetivo (racionalmente) de dar conta ou compreender a realidade. Eu diria, então, que meu método é o modo. Modos de expressão. Talvez, uma linha de fuga em face

das representações clássicas. Aliás, deixe-me esclarecer algumas palavras: finalidade, objetivo, realidade...deveras estas palavras são, no mínimo, confortantes, pois estão sempre indicando um caminho e uma solução. Finalidade anda para e passo com a teleologia, assim como, o objetivo um propósito. Na filosofia clássica encontramos esta formulação. Obviamente de maneira sofisticada. Por exemplo: a formulação do problema da ideia de Bem em Platão no livro VI e VII da República. O que seria este Bem? Platão nos dá dicas. E de acordo com ele o Bem só pode ser alcançado por aqueles que amam a sabedoria. Ora, quem são estas pessoas que amam a sabedoria? Os filósofos, já que estes são os que compreendem a ideia de Bem e podem argumentar para além das opiniões. Isto é, conhecem o Bem em si. Platão enfatiza que os governantes de uma cidade justa devem ser os filósofos, pois estes são educados, ao contrário do homem comum. Então, entende-se que somente os filósofos podem alcançar o Bem, logo são justos. Platão usa várias metáforas no intuito de demonstrar os níveis de ascender ao conhecimento do Bem. Talvez, a mais emblemática seja a do mito da caverna. A estória contada é que homens moravam numa caverna e só viam sombras. Daí, eles se acostumaram e tomaram as sombras como a realidade. Era preciso então se libertar, sair da caverna e ver o sol. A luz. A luz representava o conhecimento da verdade. Um deles resolve se libertar dos grilhões para ver a luz e sai da caverna. Vê o sol. O conhecimento. O Bem. A verdade. Mas logo depois é impelido a retornar à caverna para libertar os outros da ignorância, já que agora estava liberto e passara a conhecer A Verdade. Mas os que lá ficaram não dão ouvido, pois acreditavam que a única realidade era aquela, sobretudo, aquela apreendida pelos sentidos. É na esteira dessa estória alegórica que o valor da libertação em razão do conhecimento verdadeiro e libertação do falso conhecimento, conseqüentemente das injustiças se solidificaram. O filósofo,

então, passa a ser aquele que se libertou das falsas aparências, das sombras e adquiriu um ponto de vista capaz de libertar os prisioneiros da caverna. A ideia central do método, aqui o filosófico, era a elaboração da aporia como modo de chegar A Verdade.

Note: esta formulação platônica vai atravessar as ciências desde a geometria às ciências modernas. Chegamos a Descartes. Poder julgar bem e distinguir o verdadeiro do falso é a função da razão. "Não posso duvidar que esteja duvidando" é o cerne da dúvida metódica. Dúvida que Descartes leva a cabo na e para solução de um problema. Uma espécie de imagem dogmática do pensamento. Deleuze em Nietzsche e a filosofia In: *Nova Imagem do Pensamento* (1976) aponta para três teses essenciais da imagem dogmática do pensamento. Essas teses responderão, implicitamente, o modelo do pensamento universal que Descartes introduziu com o *Cogito*. As três teses são as seguintes: a primeira é a veracidade do pensador - o inatismo da idéia, a priori dos conceitos. A segunda são as forças estranhas (tal como as paixões, interesse sensível, corpos) que afastam o conhecimento verdadeiro (somos desviados). A terceira é um método de pensar bem e verdadeiramente. É ele quem nos faz penetrar no domínio daquilo que tem validade em qualquer tempo, em todos os lugares. Deleuze diz ser curioso nessa imagem do pensamento é que o verdadeiro é concebido como um conhecimento abstrato. Se a verdade enquanto conceito é totalmente indeterminada a noção de verdade ou de um pensamento verdadeiro, puro, já demonstra então seu grau dogmático, pois a própria idéia de verdade já carrega em si as implicações e intenções daquilo que se pensa "tudo depende do valor e do sentido daquilo que pensamos" (*idem*). Isto é, as forças que determinam a pensar segundo as próprias preferências (àquilo que é preterido). Não há problema na concepção do verdadeiro como universal abstrato, o pensamento

entendido como *ciência pura*. Mas as formas de ordenamento do pensamento encontram nesse diapasão sua sustentação.

Parece, então, que ao construir uma hipótese e posteriormente um método para elaborar reflexões sobre o objeto estaríamos de posse do que julgamos razão. E certamente, em algum momento estamos. Mas, ao que tudo indica as sensações não fazem parte de outro corpo, isto é, não são exteriores ao corpo. Antes, porém, elas estão imbricadas com lampejos racionais. As paixões têm um caráter tirânico. E é a partir deste modo particular de perceber o mundo, ou seja, das afectações das sensações que o modo do qual mencionei está intimamente ligado. E é por aqui que pretendo operar. Por exemplo: o que chamei de trabalho de campo foram andanças despreziosas por lugares da(s) cidade(s). Estas andanças não tiveram hora marcada, mapa, tampouco definição. Foram afectos, entendidos por mim, em meu corpo que me fizeram mover-me em qualquer direção, inclusive não me mover. Mas foram afectos. Daí produzi narrativas. Invariavelmente muitas delas foram de contatos ocasionais com pessoas que se quer conheço e aproveitei os afectos para jogar com meus delírios e constituir cidade, dizer cidade destas maneiras. Talvez, isso pudesse instituir um método desviante. Talvez. Por isso, a indicação de um modo de operar que não esteja relacionado a ideia de método tradicionalmente presente nas formulações da maioria dos problemas de pesquisa. E que em última instância vai construir a ideia de ciência. Aqui, a aposta no modo como dispositivo se apresenta como devir, e vai se consituindo, inclusive com errâncias das experiências, sobretudo com a experiência da textualidade.

ESCRITURAS

→ ***Fragmento***

- ou saci, ou chapeuzinho vermelho, ou

- Conversa a-FIADA

Uma abertura. Não um início. Uma fissura. Uma Brecha. Um espaço liso. Neste fragmento a escritura produzida por Isabelli Luíza, minha lindeza, nomeada por ela mesma de Saci, ou Chapeuzinho Vermelho, torna-se uma dobra. Dobra enquanto escritura conectada por fluxos, desejos, afectos, por corpos moventes, por imagens. Aqui preparo o campo para o jogo-tese. E que campo é esse? Campo repleto de flertes literários, filosóficos, fílmicos imagéticos. De narrativas. E o jogo-tese? Estórias, causos, invenções, imagens. Escrituras. E sobre a episteme? Sugiro um espaço para ideias acerca do que nomeei de epistemologias de intensidades ou de demônios. Certamente, esta contradição - epistemologia/intensidades/demônios - é uma maneira de tensionar os modelos canônicos de se fazer ciência, o que se chama de epistemologia. De fato, eu gostaria de fazer ciência de intensidades ou demoníacas, exatamente para produzir escrituras que estejam conectadas por fluxos, desejos, por estórias periféricas, invenções, imaginações. Por isso, a abertura com uma escritura, de uma criança, nomeada de saci, ou chapeuzinho vermelho, ou.

→ **Fragmentos**

- Chapeuzinho Vermelho
- Vá. Gina. Sonhadora

E a seguir ponho em jogo "a" estória da *Chapeuzinho Vermelho*, desdobrando-se em *Vá Gina. Sonhadora* procurando perverter a lógica da representação e da identidade, e, assim, imaginar ver, sentir, experimentar e constituir mundos. Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia de Deleuze e Guattari é por onde se dá estas interlocuções, especialmente, volume I capítulo 2 *Um só ou vários lobos?* Esta pergunta irônica foi feita por Deleuze e Guattari à questão posta por Freud

(História de uma Neurose Infantil) no famoso caso do *Homem dos lobos*. Deleuze e Guattari repetem a crítica feita, no *Anti-Édipo*, à Freud, de que a análise freudiana é extremamente redutora. O inconsciente, para Deleuze e Guattari é uma montagem maquina. Esta escritura procura, a partir da narrativa da *Chapeuzinho Vermelho*, fazer não só uma crítica, a noção de representação, mas de inventar outros mundos. Não se trata de uma crítica direta à psicanálise freudiana. Mas, a crítica de Deleuze e Guattari serve como gatilho para tecer fios com a noção de literatura menor. Ela nos oferece subsídios para romper com construções acerca de uma hermenêutica do imaginário, componentes de expressões que reiteram as formas e não a destroem. Narrativas cujas formas, por exemplo, de dizer ~~cidade~~⁹ figura na linguagem canônica como modo de pensamento restritivo à experiência. E também na construção dos diversos tipos de discursos cidade legitimados por certa pertinência epistemológica. Nesse sentido, mas do que a crítica à noção de representação é aposta numa experimentação política, narrativas como uma máquina de guerra. Como pacto diabólico. Intensidades demoníacas. Uma literatura menor ou revolucionária começa por enunciar, e só vê e só concebe depois ('A palavra. Eu não a vejo, eu a invento'). A expressão deve quebrar as formas, marcar as rupturas e ligações novas E também criar, experienciar, inventar mundos. Por em cena delírios como máquinas desejanças. Máquinas de guerra.

⁹ Optei por rasurar a palavra cidade, a fim de apontar para um campo de disputa de poder dizer cidade. Múltiplas formas de dizeres cidades. Aqui, talvez esteja a única rasura da palavra cidade. Por questões estéticas e estilísticas não uso mais este traço sobre a palavra. Mesmo porque, ora ela aparece em falas de personagens, ora em falas do narrador e, às vezes tecidas nas tramas de narrativas aqui colocadas.

→ **Fragmento**

- Carta erótica de Visgoso à Gina (mãe da "chapeuzinho"?) baseada no livro *Cânticos dos Cânticos* de Salomão. Mas cheio de escorregadas...

→ **Fragmento**

- e causos e estórias e rumações e.

A proposta desdobra-se em causos epistemológicos. Neste ponto os causos tendem a ser mais "filosóficos" colocando em questão dois modelos de pensamentos que atravessam o tempo: Platão e o *Logus* e Descartes com o *Cogito*. A empreitada dialoga diretamente com *Diferença e Repetição* e *Nietzsche e a Filosofia [in] Nova Imagem do Pensamento*. Uma tentativa de criar outras possibilidades a partir do tensionamento do modelo racional do conhecimento.

→ **Fragmento**

- Cidade (Paris dos Trópicos)

Elaboração de cartas como elemento de conversa entre pessoas comuns e "representantes do povo". Mas com um detalhe: tempo-espaco fugidio e lento.

→ **Fragmento**

- mobilidade urbana

Crônicas do cotidiano nos ônibus do Rio de Janeiro.

→ **Fragmento**

- Fragmentos. Complexos. As cidades do Alemão

Montagem de escrituras (imagens, desenhos, textos, rastros) que apontem para diversos tipos de vida no interior do que se convencionou chamar de cidade. E como dispositivo deste tópico operar com o que estou chamando de *Fragmentos*.

Complexos. Uma espécie de Carto-grafia da favela em que *As Cidades do Alemão* são cenário privilegiado. Uma tentativa de Produzir imagens, desenhos, escrituras, rastros sobre o "meu" Complexo. Do. Alemão.

→ ***Fragmentos Outros***

Cartografia Íntima

Este item surge de uma conversa de boteco com o amigo, professor e artista plástico Marcelo Fonseca. Na ocasião Marcelo fazia um trabalho denominado *cartografia íntima*. Uma série de pinturas como uma espécie de cartografia de submundo. Embora ele não tenha dado prosseguimento ao trabalho, ainda sim, fiquei impactado com a proposta e resolvi roubar a ideia. Comecei a pensar em umas telas de outro artista plástico: Rony Bellinho, amigo do professor Marcelo que conheci na época em que fazia graduação. Em um desses muitos encontros que tivemos, Marcelo doou-me, gentilmente, alguns desenhos e telas de Ronny que estavam sob seus cuidados. Vi por várias vezes tais desenhos e telas e sempre me inquietaram muito. Até que na aventura dessas escrituras voltei aos desenhos e telas de Rony, despretensiosamente, quando mexia em "papéis avulsos". Novamente este trabalho de Rony me inquietara. Resolvi, então, incorporá-lo a minha tese enquanto um dispositivo/disparador para pensar e criar narrativas periféricas. Selecionei e fotografei dez telas desse artista nômade. Este trabalho, que leio como escrituras, revelam, para mim, um submundo pujante de vida. Vida na sua dimensão dramática, amorosa e política.

Donzela da Noite

Um desdobramento da *Cartografia Íntima*. *Donzela da Noite* tenta compor/montar mapas cartográficos de afectos, a partir de histórias de pessoas comuns que vivem e têm as e nas noites suas experiências mais intensas. Bordel *Casa das Meninas* como elemento importante nesta trama. Mapas cidades, feitos de

memória, de lugares que digam experiências. Experiências amorosas, de perdas e ganhos; o modo como essas experiências delineiam mapas cuja divisão política é alterada pela política do desejo, do prazer e da decepção. *A vasta noite não é agora outra coisa se não fragrância. Jorge Luis Borges. A linguagem deixa de ser representativa para tender para seus extremos ou seus limites.*

Tecendo. Tecido. Tessitura. Textura. Texto. Trama. Ritornelo

Nos conjuntos de narrativas aqui apresentadas, procuro tecer fios, por dentro dos fragmentos, mas quase sempre operando nas bordas, que de algum modo, apareça o uso do conceito de desterritorialização, como ferramenta, na filosofia de Deleuze e Guatarri. Talvez, pequenas pausas, falas de crianças e algumas repetições ajudem a perceber territórios existências, para além de uma compreensão tradicional da noção de território como mero espaço geográfico. Os Saltimbancos (Chico Buarque). "...A cidade dos meus amores, e, quem dera, os moradores, e o prefeito, e os varredores fossem somente crianças...".

Notal: as imagens/composições que integram escrituras e não vierem com os devidos créditos é porque fazem parte do acervo pessoal do autor(?), exceto as que já foram anunciadas, devidamente, como as dos *fragmentos outros - cartografia intima*.

: Obragens de Cramulhão

fragmentos desúteis

Visgoso Ventoseiro da Gravidade

Tudo que não invento é falso.

Manoel de Barros

Se pensas acompanhar causos meus, sugestão: faça isso com malignidades de sentidor, de perturbações de memória e pouquinho de nada de razão (sei não). Por certo, faço gosto se experiências tuas em ouvirdes causos meus, te farão querer esta ladainha no mais alto nível de ciência. O Coisa Ruim, o Dianho, o Cramulhão, o Cão, o Tisnado, o Coxo, o Pé-Preto, o Sete-Pele, o Não-sei-que-diga existe não, e diz: isso é sofisticação epistemológica. Epistemologia dos demônios, das intensidades. Eita coisa boa. Agora é vez de Visgoso Ventoseiro da Gravidade.

*Meu nome é Visgoso,
não tenho outro de pia.
Como há muitos comigo e em mim,
Santo não-sei-que-diga,
O povo então deu de me chamar
VisgosoAtoleirento;
como há muitos dessa espécie
fiquei sendo o VisgosoAtoleirento
Ventoseiro da gravidade.
Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na cidade,
por causa de um Danado
que se chamou Visgoso
e que foi o mais antigo
perturbador do servilismo
Como então dizer quem fala
ora Vossas Senhorias?
Vejamos: é o Visgoso*

AtoleirentoVentoseiro
 lá da serra da Misericórdia,
 inferno verde, Complexo do Alemão
 limites de uma cidade.
 Mas isso ainda diz pouco:
 se ao menos mais cinco havia
 como nome de Visgoso
 AtoleirentoVentoseiro
 filhos de tantos,
 homens e mulheres
 de outros tantos,
 vivendo na mesma serra
 grudenta e fétida em que eu vivia.
 Somos muitos Visgosos
 iguais em tudo? nem sempre:
 do mesmo pé-preto
 que a custo trilha por aí,
 no mesmo movimento desestabilizante
 sobre os quase mesmos pés-de-pato sujos,
 e iguais, aí eu duvido, também porque o sangue
 que usamos é de cramulhão, morcego, tinhoso.
 E se somos Visgosos
 iguais em tudo na vida,
 (esse negócio de igual complica)
 morremos de morte igual?
 nunca morreremos. Por que?
 Sei lá: Mas que a morte de que se morre
 de velhice nas filas,
 de bala perdida na juventude,
 de fome um pouco por dia,
 Essas têm jeito não.
 E alguém tem culpa?
 Pergunta aos donos desta sesmaria
 Somos muitos Visgoso

*iguais em tudo e na sina:
a de atrapalhar muitas trilhas
suando-se muito em cima
a de tentar redemunhar
sacizando pras lonjuras
a de querer arrancar
algum trocado nessa viagem.
Mas, para que conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história da minha vida (me mira, mas me erra)
passo a ser o Visgoso
que em vossa presença emigra.¹⁰*

¹⁰ Reescrito a partir da obra de João Cabral de Melo Neto (1955) *Morte e Vida Severina* (in:) *O Retirante explica ao leitor quem é e a que vai*. Foi musicada por Chico Buarque em 1965.

Das primeiras motivações ou do estado da arte ou Memorial do Carma Urbano¹¹

Nota: a propósito deste título.

Dos burburinhos que rondavam os becos, nos arredores do Inferno Verde, no Conjunto de Favelas do Alemão, Município do Rio de Janeiro, surgiu um comentário que Pé-preto¹², figura emblemática na região, estava a brincar com a ideia que se tem acerca de memorial - Era mais uma brincadeira de seu repertório de tiradas engraçadas. Quando, de sua modesta residência, pôs-se na varanda, uma espécie de sacada com vista para a Bahia de Guanabara, e entoou um discurso político¹³.

- Deixarei aqui, neste beco de cramulhão, umas palavras ao vento que vão e vem, mas jamais sairão deste lugar. Aqui se erguerá um memorial dos mais importantes desta cidade. Aquelas suntuosidades que só tem na Europa e na zona sul. Nem mesmo o artista demolidor¹⁴ foi capaz de fazer tal suntuosidade. Inspirado na beleza que vejo daqui, desta maravilhosa sacada, erguerei um monumento aquático inigualável. Memorial que nenhum morador de aglomerado de baixa renda irá esquecer. Pelo menos nos dia de calor escaldante. Exclamou com um riso sutil pelo canto da boca.

Alguns vizinhos o escutavam, na verdade ele estava fazendo uma releitura do seu discurso político em voz alta cujo título

¹¹ A conversa deste fragmento - *Memorial do Carma Urbano* -, talvez esteja ligada ao que se costuma chamar de "estado da arte". Aqui uma arte da invenção. Imaginação. E uma pequena dose de ironia. Mas, uma arte. Um dedinho de prosa para situar as "primeiras" motivações.

¹² E olha que esta música cai "como uma luva" (risos). *Deus dará* interpretada por Cássia Eller.

¹³ Música *Candidato Caô* interpretada por Bezerra da Silva.

¹⁴ Dizem por aí que o tal Barão Haussmann era um francês do século XIX e grande responsável pela reforma urbana de Paris entre 1853 e 1870. Dizem também, que seu espírito demolidor foi responsável por soprar nos ouvidos das autoridades do Rio de Janeiro do século XX um modelo de cidade capaz de ser a Paris dos Trópicos.

era: *Memorial do Carmo*. E só se ateuve ao nome, Salvo o nome¹⁵, pelo menos é o que dizem, quando a querida mãezinha de avançada idade, perguntou:

- meu filho para ir pra lá tem que pagar antes é?

Breve pausa... a seguir risos, pois só então tinha se dado conta de que Memorial do Carmo é o nome dado a um Cemitério no bairro do Caju, Município da cidade do Rio de Janeiro, conhecido por ser famoso em alugar lápides, jazigos, gavetas, pedaço de chão para "toda e qualquer tipo de gente". Até gente não nascida - Pessoas importantes devem, pela tradição familiar e social, adquirir jazigos pomposos. Para os desprovidos fica o Caju e as covas rasas como parte que cabe neste latifúndio.

Ao que parece, esta foi uma brincadeira fortuita. Memorial. Agora Do Carma Urbano, renomeado dessa maneira por conta sagacidade da sua mãezinha, Pernambucana lá de Timbaúbas no auge de seus oitenta e tantos e, portanto, muitos anos de praia, ou melhor, de muitas covas rasas, de muito trabalho em lavouras, de muitas periferias do Brasil e Rio de Janeiro.

Após o feito, visgoso não parava de rir, pois as muitas conversas dos becos diziam que ele havia morrido de emboscada, ou de bala "perdida", ou por causa de suas tiradas sarcásticas aos santos altares das representações, ou ao pedestal da história universal, ou da verdade absoluta, ou fulminado por Deus por um escárnio ao cristianismo, ou picado por um mosquito sanguinolento aquele que vem dos lugares mais verdejantes e belos da cidade, mas cresce e engorda nas valas das periferias, ou caído da escadaria da Penha, ou adquirido leptospirose, ou de pressão alta, ou dormindo como um anjo, ou. E que havia sido enterrado num jazigo pomposo lá no Memorial do Carmo.

¹⁵ Cf: *Salvo o Nome* de Jacques Derrida (1995).

Aves de Rapina

o jornal que mantém você in-forma

- Imaginem vossas senhorias, eu morto de morte morrida ou matada, enterrado num jazigo, ainda mais pomposo e lá no Memorial. Se ao menos fosse no cemitério do Caju, ou de Inhaúma, até que não seria de todo ruim. E tome risos. Eu um moribundo dos lugares mais distantes de periferia que nem aparece nos mapas muito menos nas rotas turísticas da cidade, um Zé ninguém¹, que ser quer tem chance de figurar em capas de jornais



Vejam só este **jornal**

é maior hospital

porta da voz do Bang Bang

e **da Polícia** Central

Tresloucada seminua

Jogou-se do oitavo andar

Só porque o noivo não **comprava**

maconha pra ela **fumar**...²

e nos noticiários nacionais, nem mesmo quando...comete crimes hediondos contra a nação e contra a igreja, enterrado num jazigo pomposo. Essa é pra morrer de rir.

DIGA

NÃO

AO

¹ Escuta Zé ninguém de Wilhelm Reich.

² Música *Jornal da Morte* interpretada por Roberto Silva.

VANDALISMO

Mas já que morri e natural que sou desta cidade, residente que fui em vida, do Inferno Verde, área nobre do Complexo do Alemão, onde acabei de morrer ou me mataram, por meios que não posso tornar público, mandei a carta abaixo endereçada ao prefeito. Ei-la:

Inferno Verde

- Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Doutor Prefeito do Município do Rio de Janeiro. Sou um pobre homem que em vida nunca deu trabalho às autoridades públicas nem a elas fez reclamação alguma. Nunca exerci ou pretendi exercer isso que se chama de direitos sagrados do cidadão. Nasci, vivi e morri modestamente, julgando sempre que o meu único dever era ser ambulante e admitir que os outros tivessem algum trocado para comprar ou não meus objetos usados. Minhas quinquilharias.

Não fui custodista, não fui getulista, não fui brizolista, embora esse fosse cabra-macho, não fui hermista, a-tetinha uma simpatia pelo lulismo, mas... não me meti em greves, nem em cousa alguma de reivindicações e revoltas, especialmente àquelas associadas à gente humilde e desvalida dos trópicos, antes às tardes de domingo, dia sagrado de descanso de trabalhador, em um modesto lar, que me custava uma quantia substancial mensalmente, assentava-me frente aos maravilhosos e benignos programas de televisão; mas morri na santa paz do Senhor quase sem pecados e sem agonia. Sem nada.

Toda a minha vida de privações e necessidades era guiada pela esperança de gozar, depois de minha morte, um sossego, uma calma de vida que não sou capaz de descrever, mas que

pressenti pelo pensamento, graças à doutrinação das seções católicas dos jornais.

Nunca fui ao espiritismo, nunca fui aos "bíblias", nem a feiticeiros, e apesar de ter tido um filho que penou dez anos nas mãos dos médicos, nunca procurei macumbeiros nem médiuns. Embora em muitos programas dos bíblias exibidos na TV o apelo aos dez por cento de tudo que um trabalhador ganha em troca cura e milagres, era constante; diziam:

e **provai-me** nisso,

diz o **Senhor,**

(eu fica em dúvida se era,
o senhor prefeito,
ou o Senhor Jeová),
se não vos abrir

as janelas **dos céus**

e derramar sobre vós
curas e milagres

sem medida.

Este apelo era uma verdadeira tentação.

Vivi uma vida santa e obedecendo às prédicas do Padre Januário da Paróquia São Tiago em Inhaúma, conquanto não entendesse bem por serem pronunciadas com toda eloquência em galego ou idioma que não me é de costume.

Segui-as, porém, com todo o rigor e humildade, e esperava gozar da mais dúlcida paz depois de minha morte. Morri afinal um dia destes. Não descrevo as cerimônias porque são muito conhecidas e os meus parentes e amigos deixaram-me sinceramente porque eu não deixava dinheiro algum. É bom, meu caro Senhor Doutor Prefeito, viver na pobreza, mas muito

melhor é morrer nela. Não se leva para a cova maldições dos parentes e amigos deserdados; só carregamos lamentações e bênçãos daqueles a quem não pagamos mais a casa. Às vezes somos amaldiçoados por não ter bens.

Foi o que aconteceu comigo e estava certo de ir direitinho para o Céu, quando, por culpa do Senhor e da Repartição que o Senhor dirige, tive que ir para o inferno penar alguns anos ainda. É isso mesmo, senhor prefeito. Fui para o inferno pagar o que não devo.

Embora a pena seja leve, eu me amolei, desculpe senhor prefeito, na verdade eu fiquei puto, por não ter contribuído para ela de forma alguma. A culpa é da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro que não cumpre os seus deveres, calçando convenientemente as ruas. Vamos ver por quê. Tendo sido enterrado no cemitério de Inhaúma e vindo o meu enterro lá do alto do morro do Inferno Verde (hoje denominado pelos "bíblias" de céu azul), no bairro do Complexo do Alemão, o coche e o cortejo tiveram que atravessar em toda a extensão a Rua Antônio Austragésilo e parte da Avenida Itaóca. A Austragésilo fora calçada às pressas por conta de recentes eleições municipais. E como sabemos as empreiteiras responsáveis por tais serviços não encontram material de boa qualidade, sobretudo quando se trata de lugares considerados pestíferos. Quando cai chuva aí a coisa fica feia. Já a Avenida Itaóca foi calçada há perto de cinquenta anos e nunca mais foi o seu calçamento substituído. Há caldeirões de todas as profundidades e largas, por ambas as ruas afora. Esta coisa de moderna de piscinão não chega aos pés das grandes piscinas formadas nos caldeirões da Avenida Itaóca. Valas a céu aberto. Saneamento básico é luxo. Dessa forma, um pobre defunto que vai dentro do caixão em cima de um coche que por ela rola, sofre o diabo. De uma feita até, após um trambolhão do carro mortuário, saltou do esquife, vivo da silva, tendo ressuscitado com o susto.

: Obragens de Cramulhão

artigo 157 do código penal e causos e estórias e rumações

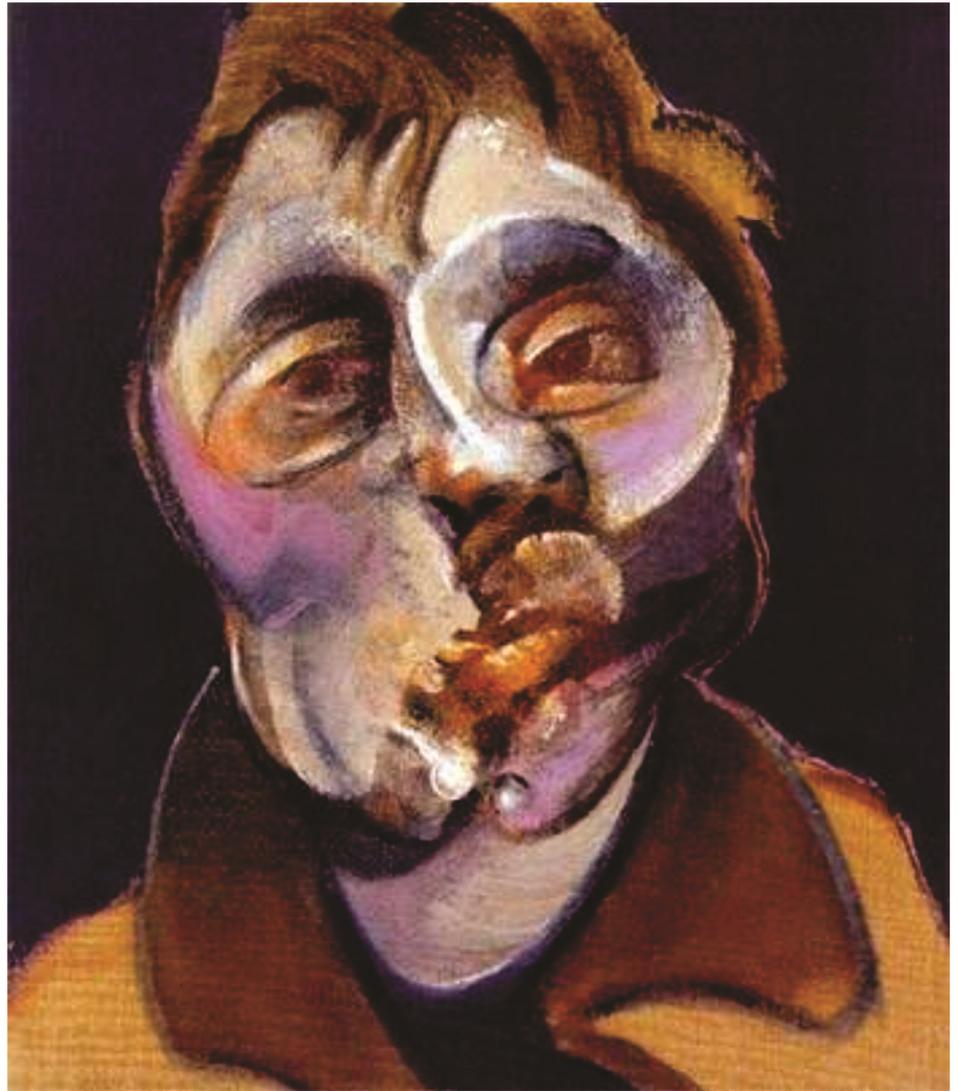
C o m i g o n ã o aconteceu isso, mas o balanço violento do coche machucou-me muito e cheguei diante de São Pedro cheio de arranhaduras pelo corpo.

O bom e velho santo interpelou-me logo:

– Que diabo é isto homem? Você está todo machucado! Tinham-me dito que você era bem comportado como é então que você arranhou isso? Brigou depois de morto?

Expliquei-lhe *tim tim por tim tim*, mas não me quis atender e mandou que me fosse purificar um pouco no inferno. Ora, já vinha do inferno, verde por sinal. E tive que ir para o inferno outra vez. Aí é uma puta sacanagem senhor prefeito.

Está aí como, meu caro Senhor Doutor Prefeito, ainda estou penando por sua culpa, embora tenha tido vida a mais santa possível. Sou um homem honesto, honrado e humilde.



o **corpo**, como sabe, é **sagrado**

esse negócio de

o que o corpo pode?

é coisa pra filósofo.

o que vale mesmo nessa hora

é o **corpo com órgãos**,

mesmo com pouca **serventia**

O corpo nu de Valéria...

Está aí como, meu caro Senhor Doutor Prefeito, ainda estou penando por sua culpa, embora tenha tido vida a mais santa possível. Sou um homem honesto, honrado e humilde. Posso garantir a fidelidade da cópia e aguardar com paciência as providências da municipalidade.¹⁶

Uma digressão.

- Certa vez, uma moça de nome Zoraide foi ao sepultamento de um... "amigo" de infância¹⁷. Diziam que ele havia morrido de morte morrida. O infeliz descansou. Que o senhor o tenha. Chegando ao cemitério, este era em Inhaúma¹⁸, logo viu muitas lápides e jazigos bonitos. Estava tão atordoada que deixou escapar:

- nossa quanta gente morta e com o mesmo nome: Jazigo. Eu heim que coisa esquisita. Nunca soube que havia este nome, Jazigo Perpétuo. Imagine por o nome de uma criança de Jazigo. Ainda mais perpétuo. Emendou.

Zoraide foi em direção ao caixão, bateu à madeira três vezes e benzeu-se. A seguir olhou de rabo de olho para os amigos que acompanhavam o cortejo. Não deu para segurar. Sob olhar dos que acompanhavam o cortejo, Zoraide e seus amigos danaram a rir. E muitos que acompanhavam o cortejo continuaram a olhar por sobre ombros.

- Como ia proseando, já que morri, e fui enterrado num jazigo perpétuo, agora tá na hora de voltar com outra capa,

¹⁶ Reescrevi o conto de Lima Barreto *Queixa de Defunto*. *As cem melhores crônicas brasileiras*. Joaquim Ferreira dos Santos, Organização e Introdução. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, pág. 34/35.

¹⁷ ...Já nos burburinhos este "amigo" era caguete. Música *Defunto Caguete* interpretada por Bezerra da Silva.

¹⁸ Anhuma, Anhima, Inhuma, Inhaúma, são derivados do tupi *ña'um*, que significa ave preta. Portanto, Inhaúma tem origem indígena e pássaros negros são comuns na região. Além disso, a região está historicamente situada no período do Brasil Colônia e Brasil Império. Ah! Já ia me esquecendo: dizem que carnaval em Inhaúma, não existe sem o diabão de Inhaúma. Figura lendária de mais de três metros de altura, se move por duas pernas humanas e passeia "tranquilamente" entre os foliões.

máscara, nome, sei lá que o diga, para continuar esta prosa com vossas senhorias. Mas gostei tanto de ser pobre e morador de periferia que vou retornar pobre novamente. E pior: para viver as mesmas coisas, mas desta vez em rastros de sete peles, ou sujinho, ou Severino, ou Zé Ariovaldo, ou Gina, ou Belzebu, ou dianho, ou tismado, ou mentiroso, ou. Todavia, faço apenas um pedido a Deus: Senhor conceda-me a graça, pelo menos de te conhecer de perto, já que visitar a Vossa Majestade, somente no inverno quando rola aquela "promoção" ¹⁹, não rola né. Ah! Por favor, que esteja sol e o senhor esteja de braços abertos. Lembra-te de mim quando entrares no paraíso. Humildemente te rogo. Amém!

Chega de digressão. Voltemos à vaca fria, ou ao memorial, ou ao estado da arte, ou.

Ao decidir fazer provas, tismado sabia que passaria por uma análise criteriosa dos doutores para ingressar num curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* de um Instituto famoso. Ele vivia em acomodações modestas num dos Aglomerados Subnormais lá no Conjunto de Favelas do Alemão. Vários complexos. Aliás, o que e quem não é complexo tem problemas de complexo ou de complexidade. E Resolve, então, escrever uma carta ao Excelentíssimo Magnífico Reitor da tão renomada Universidade copiando todos os PHD's do curso em questão, em especial àqueles que são quase europeus tamanha vivacidade de seus discursos, sobretudo os de intervenção urbana e que carregam as marcas da grandeza de suas teses nos seus modestos currículos. Lates? Eu lato!

- Excelentíssimo Magnífico Reitor, assim ele inicia.

Sabedor do seu prestígio e honra e também de suas muitas tarefas na gestão desta bela e conceituada universidade solicito, gentilmente, um breve minuto da vossa valorosa

¹⁹ Carioquinha. Suposta promoção em período de inverno para os "cariocas" conhecerem O Cristo Redentor.

atenção no que tange a relevância de um projeto inovador, dialógico e cientificamente documentado. Ei-lo.

Os que desenham as políticas públicas devem ter o cuidado de não reforçar estereótipos históricos e preconceitos sociais associados às favelas, já que os moradores das favelas são sempre os mais atingidos pelos descompassos, descontinuidades e imperícia do estado. No momento em que o estado mostra-se disposto a enfrentar esta realidade é preciso todo esforço para que não se repitam essas leituras e padrões. Acreditamos que a presente pesquisa pode contribuir para reflexões importantes no contexto das ações governamentais e formulações de políticas públicas em regiões da periferia, especialmente no Conjunto de Favelas do Alemão.

Além disso, a pesquisa pode fomentar (em um nível interessante) a reabertura de canais de discussão sobre políticas públicas junto aos coletivos. Estes coletivos são formados por atores sociais, moradores, ONG's, associação de moradores e afins. Os participantes desses coletivos Preparam uma *Agenda Propositiva*, a fim de aproveitar o momento - logo após a ocupação militar que deu origem as Unidades de Polícia Pacificadora.

É uma tentativa de colocar em xeque o modelo de representação adotado pelo estado nas relações estabelecidas para implementação de tais políticas públicas cobrando uma gestão compartilhada, diversificada e transparente das ações do estado na região. Depois de passada a euforia - sobretudo da imprensa tradicional - da ocupação militar, este processo se arrefeceu, especialmente, pela negligência e as manobras do estado em não considerar a diversidade e a experiência dos coletivos.

É importante destacar que embora boa parte das ações do estado na localidade sejam publicitárias não se deve renegá-las, pois de algum modo elas deixam brechas para discussão.

Verifica-se que O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) reativou complexos em toda parte e logo a seguir as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP's). As Políticas Públicas desenhadas para a região tem muitas incongruências. Elas vêm adornadas, pelo menos, com duas características: 1) Uma missão salvadora cujos pressupostos são: a) as construções e arquitetura da favela são, ao olhas destes, "feia" e perigosa, portanto, a favela, bem como os favelados, precisa de um projeto salvífico; b) o bárbaro é o outro externo à civilização e que frequentemente precisa ser civilizado, tornar-se humano. Assim, os atos civilizatórios justificam-se. Mais do que isso, o poder político se efetiva por meio do medo do outro, isto é, do inimigo, de modo que ele precisa ser destruído; c) A carga científica. Engenheiros, "Sanitaristas", "Higienistas" e por aí vai. 2) Projeto Nacional, neste caso, mais ainda de cidade idealizada, cidade no singular. cidade de negócio.

Estas situações, especialmente, fizeram-me desenvolver um projeto com a intenção de discutir Cartografia da Favela cujo título era: POR UMA CARTOGRAFIA DA FAVELA. TERRITÓRIO, POLÍTICA E EXISTÊNCIA - DIÁLOGOS SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS DESENHADAS PARA O CONJUNTO DE FAVELAS DO ALEMÃO. A ideia era a seguinte: analisar as duas principais políticas públicas desenhadas para o Conjunto de Favelas do Alemão - Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). E Buscar apresentar uma cartografia da favela a fim de recompor meios de discussão sobre os conceitos de território e prática política. O primeiro usado para pensar o mero "espaço" geográfico, o segundo limitado aos meios manutenção de poder. Mas, também, procurar ver como modos de vida que não se deixam capturar e constroem outros espaços de discussão, afetação, existência, novos agenciamentos coletivos de enunciação podem refundar novos territórios e novas práticas políticas.

Excelentíssimo Magnífico Reitor e demais membros honrados deste renomado instituto agradeço imensamente a atenção dispensada para estas palavras modestas.

Assim me firmo,

Atenciosamente,

Tisnado, o Coxo.

A estratégia adotada por Tisnado era sem dúvida seduzir aquela gente importante, mas com uma escrita científica, sem muitas emoções, sem poesia, sem tesão. Foi bem treinado para isso. O modelo cartesiano faz efeito. Entretanto, dizia ele:

- Como uma boa contação de estórias pode se passar por ciência. Esta contação de estória danada, mas com pele de ciência, que acabei de contar parece-me que vai ganhar um lugarzinho ao sol.

E foi isso que aconteceu. Após festejos de ingresso na renomada instituição, sujinho, em dado momento do percurso, foi alvejado por arma letal (mas estava vacinado), qual seja, a do **D**efeito do lugar²⁰. Dizia um mestre em meio à discussão acalorada sobre urbanização de favelas:

- sobre este assunto é melhor ouvirmos sujinho. Ele sabe tudo de lá. Ele é um verdadeiro morador de aglomerados subnormais e representa bem o lugar.

Constrangimento. Mas, depois de um período de silêncio, Tisnado retrucou:

- Querido professor Doutor, agradeço a gentileza e a confiança, mas sou tímido e não quero constrangê-los sobre tais experiências. Acho que seria interessante o senhor contar um pouco da beleza da cidade, dos morros que foram removidos da paisagem carioca para dar lugar as lagoas, praças e avenidas. Quando não aos mega empreendimentos imobiliários. Isso sim tem importância. Sinceramente o senhor é um legítimo representante deste lugar. Eu Sou muito confuso. Ora sou isso, ora sou aquilo, ora não sou nada disso, ora sou um misto de

²⁰ Alguns sociólogos gostam da expressão "efeito do lugar" lá do Bourdieu...

tudo isso, até chego a pensar que sou esquizofrênico, pois muitas vezes não me reconheço, minha identidade é sempre volátil. Pairou certa interrogação no ar.

Tisnado sabia que, em algum momento do percurso, seria seduzido por lobos devoradores. Havia "pesquisado" sobre eles. Uma gangue com um nome pomposo, mas apenas o nome. Aliás, era um disfarce sensacional. O desejo de Azarape era encontrar uma quadrilha que pudesse juntar-se a ele e ele a eles naquilo que estava o sufocando - experiências dele, transeunte e. do Alemão, logo do Rio de Janeiro, ficavam, em muitas ocasiões, condicionadas a tudo de ruim [que ele nomeava ruim] naquela região - e o ajudasse a tecer novas linhas conectadas a outras tantas. E disse:

- agora que entrei nesse treco vou abandonar boa parte da ideia inicial. Aquilo que está na carta que escrevi, ao Reitor e outros homens honrosos, não passa de uma boa contação de estória afeita de epistemologia. Preciso por em cena algumas estórias, imaginações, invenções. E acho que há uns malandros disfarçados lá dentro. Embora possa ter nome pomposo, como costume de grupos tradicionais, me parece que o usam apenas como estratégia. Pode ser uma ótima ENTRADASAÍDALINHADEFUGAEMARANHADODOBRA, pois pelo que li dos dianhos operam como quadrilha e tem disposição para agir nas fronteiras e mais: os ladrões são leves, alegres, zombeteiros, operam com autogestão e com autodisciplina, e em muitas situações, no *modus* caosgráfico.

Ao que tudo indicava, o plano de sujinho estava dando certo. O desafio de sujinho parecia residir por aquelas matas. Contar, inventar, criar estórias, causos de outras maneiras, rejeitando aqueles velhos rótulos de identidade e coisa e tal, pois, se assim o fosse, ele teria "legitimidade" diante do Canon que julgaria o seu trabalho como ciência. E mais: os muitos dados estatísticos, de pesquisas, de fóruns e documentos produzidos como produto dos próprios fóruns, a fim

de subsidiar a discussão, estavam à disposição de sujinho. Para ele não se trata de negar este tipo de pesquisa, mas ele fora fisgado pelos dianhos e dianhas participantes de desse grupo de sacis na construção de um mundo mais fabuloso, mais mentiroso, mais zombeteiro, mas alegre, mais imaginativo, mais inventivo, mais. Menos. Nem isso nem aquilo. Outra coisa qualquer. Sei lá.

Falava ele:

- Eis agora a construção de outras possibilidades, não como negação das maneiras tradicionais de ver o mundo, mas como imbricação com tudo isso. O lance agora é jogar os dados e apostar que este jogo pode ser jogado, disputado, rasurado, com e por muitas mãos, pensamentos, ideias, afectos, travessuras, invenções e.



Escrituras

: Obragens de Gramulhão

ou saci, ou chapeuzinho vermelho, ou

ou saci, ou chapeuzinho vermelho, ou ²¹



²¹ Escrita produzida por Isabelli Luíza num guardanapo com caneta de tinta azul. Mudou o rumo desta prosa. Esta escritura passou a ser o ponto de reflexão e criação. Criar outras possibilidades estéticas, estilísticas e políticas. Narrar, experienciar, agenciar mundos. E que neste momento desdobra-se - como dobra - em múltiplas narrativas/fragmentos do que nomeio tese. Contar, inventar, imaginar, experimentar dizer mundos. O desenho que chamo de escritura foi nomeado de saci, mas também de chapeuzinho.

cansado, após um **dia pesado** de trampo, o pai, ao entrar em casa, a **filha** pergunta:

- **papai** você quer um desenho

- claro filha!

- então **perai**.

- Inicia o desenho. E pouco **tempo** depois pergunta:

- tá **bonito** papai?

- tá **lindo** filha.

- **então** toma **é teu**.

o pai **olha demoradamente** para aquele desenho...

um pai pergunta para **filha**:

como foi na escola **hoje** filha?

era dia do **circo**. ela prontamente responde:

- papai nunca vi um circo **sem palhaço** e **sem bailarina**.

- não tinha palhaço?

- não! e ainda por cima fizeram esse **troço feio** na minha cabeça. **que chatice!**

o olho vê, a memória revê, e a imaginação transvê.

é preciso transver o mundo.

Manoel de Barros



22 CONVERSA A-FIADA

²² A ideia desta conversa se conecta a emaranhados de outras tantas possíveis, imaginadas e imagináveis, inventadas e inventáveis, a multiplicidades libidinais inconscientes, moleculares, intensivas constituídas de partículas que não se dividem sem mudar de natureza, distâncias que não variam sem entrar em outra multiplicidade, que não param de fazer-se e desfazer-se, comunicando, passando uma nas outras no interior de um limiar, ou além ou aquém, aqui ou acolá. Pesquisa? Planejamento Urbano? Cidade? Dizem que é ciência esta contação danada de estórias, mentirada da porra. Se for para contar estórias, mentir, usurpar, ludibriar, inventar deixe contar as minhas, - que não são minhas, mas dos fluxos dos inúmeros personagens que me habitam, mequetrefes, - pelo menos elas dizem das imaginações, invenções, delírios, mentiras e roubos meus e dos muitos que me atravessam e me habitam. Meu modo de operar é sempre em quadrilha - artigo 288 do Código Penal Decreto Lei 2848 de 07 de dezembro de 1940. Não notaram o primeiro roubo? Em algum lugar aqui se encontram Deleuze e Guattari que escreveram um tal de Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia. "Peguei de empréstimo" uma escritura...agora é correr atrás de mim, ou melhor, dos muitos que estão comigo e em mim, desta quadrilha de dianhos, de mequetrefes, de sacis e.

: Obrações de Cramulhão

chapeuzinho vermelho e vá gina. sonhadora

CHAPEUZINHO VERMELHO²³

Pela estrada fora
Eu vou bem sozinha
Levar esses doces para vovozinha
Ela mora longe e o caminho é deserto
E o lobo mal passeia aqui por perto...²⁴

Certa vez, uma menina muito bonita que recebera uma capa vermelha no dia do seu aniversário, resolve, a pedido da mãe, visitar sua avó. Era uma caminhada com muitas possibilidades, muitos caminhos, alguns rastros²⁵ e. A avó estava muito cansada das muitas batalhas que enfrentara durante a vida, mas, animada em ver sua netinha, mesmo com fortes dores que vinha sofrendo no corpo e no espírito por conta de seus avançados anos. As muitas experiências de contar histórias como os velhos Griôs sempre relembavam os mitos das velhas tradições. A memória dela era fantástica. Comovida por tal situação, chapeuzinho vermelho (assim ficou conhecida) recebera de sua mãe um cesto contendo uma bela e saborosa fatia de bolo e uma bebida fortificante para auxiliar sua vó na recuperação. Todavia, antes de sair de casa sua mãe lhe deu algumas recomendações, dentre elas a que não fosse pelo caminho da

²³ Normalmente, narrativas da Chapeuzinho Vermelho, carregam certa hermenêutica do imaginário, componentes de expressões que reiteram as formas e não a destroem. São narrativas que não cansam em interpretar e reinterpretar sob uma simbologia de ordem psíquica e moral. O que apresento é uma experimentação política, uma máquina de guerra. Narrativa como pacto diabólico. Intensidades demoníacas. “[...] uma literatura menor ou revolucionária começa por enunciar, e só vê e só concebe depois (‘A palavra. Eu não a vejo, eu a invento’). A expressão deve quebrar as formas, marcar as rupturas e as ligações novas [...]”. Deleuze e Guattari p. 57-58, BH, 2014.

²⁴ Canção do compositor Carlos Alberto Ferreira Braga, mais conhecido como Braguinha ou, João de Barro.

²⁵ Manual teórico-prático de Artes Drásticas. I *rastros do sem nome que o diga* (2015). Trabalho do Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura (GPMC)-IPPUR/UFRJ. Inédito.

floresta, pois este guarda muitos perigos. Antes, porém, percorresse o caminho do rio, já que era mais iluminado e mais seguro. Chapeuzinho despede-se da mãe e diz:

- Está bem mamãe irei pelo caminho do rio.

Pouco depois de se despedir de sua mãe, intrigada com a recomendação que recebera, resolve se enveredar pelo caminho da floresta (a floresta é sempre sedutora pela sua multiplicidade), pois havia lido em algum livro que se perder também se constitui um caminho. E que na floresta havia um guardião. Chapeuzinho era uma menina bonita e usava uma capa vermelha que a deixara ainda mais bela. No caminho da floresta, percebe os muitos caminhos possíveis. Após caminhar por uma mata densa vê um forte redemoinho vindo em sua direção. Um curumim pernetta, de cabelos avermelhados sai do redemoinho e senta em cima de um galho de uma árvore. Um moleque travesso, perturbado e perturbador, um danadinho que resolveram chamá-lo de Saci. Ele era enfeitiçador de crianças e adultos. Mas também de moças bonitas. No primeiro momento, susto. A seguir, a tranquilidade a tomou, pois percebera que o curumim pernetta poderia auxiliá-la na missão lhe conferida. E qual era a missão da chapeuzinho? A esta altura nem ela sabia direito tal a atmosfera que a envolvera.

- Ei menino levado! Como posso chegar a. Chapeuzinho intenta uma pergunta, mas ficara magnetizada pela feição do menino travesso.

- Aonde menina bonita? Pergunta, em tom de deboche, o curumim pernetta.

- A casa da minha vovó? Preciso chegar lá antes de anoitecer, pois ela está muito doente e dizem que a floresta é cheia de perigos.

O curumim pernetta e de cabelos avermelhados retirou o cachimbo da boca, soltou uma gargalhada, desapareceu num instante e no outro reapareceu ao lado dela. E logo a seguir disse: moça bonita tenho um mapa mental desta floresta. E

passou a lhes contar tudo o que ele sabia sobre aquele território²⁶.

- Menina bonita, disse o curumim pernetta, seja o caminho que escolher saiba que vais encontrar vários lobos²⁷. E danou a rir.

- Vários lobos, indagou surpresa chapeuzinho?

- Ué, alguém te disse que era um só? E soltou ou gargalhada estrondosa. Vários lobos, menina. Eles andam em matilha. Matilhar. E tome riso.

De repente o Saci sumiu. O menino levado, o curumim pernetta, danadinho, desapareceu.

- E agora o que eu faço. To atordoada. Mesmo assim vou continuar a caminhada até a casa da vovó. Ela está muito doente e precisa do bolo e líquido fortificante que levo para ela.

Depois de percorrer alguns metros surge a sua frente um lobo que a olhava com um olhar tenro, doce, quase apaixonado por sua beleza de juventude. O lobo com uma voz doce pergunta:

- O que fazes por aqui menina bonita? E o que trazes no neste cesto?

- Vou visitar minha vovozinha. Ela está muito cansada e doente. E levo bolo e uma bebida fortificante para auxiliar na recuperação dela. Chapeuzinho respondeu com imensa delicadeza.

O lobo tido como animal feroz e devorador mostra-se amável e sedutor. E diz:

- Conheço bem a floresta. Ela é muito perigosa, especialmente para uma menina como você. E a seguir pergunta: onde mora sua vovó?

²⁶ "Inspirado antes na etologia do que na política, o conceito de território decerto implica o espaço, mas não consiste na delimitação objetiva de um lugar geográfico. O valor do território é existencial" (Vocabulário Deleuze, p.20). Daí propor escrituras, contos de experiências que evidenciem modos de vida. Desterritorializações, territorlizações...

²⁷ Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Volume 1 segundo Capítulo: *um só ou vários lobos?*

: Obragens de Cramulhão



**Chapeuzinho Vermelho
tá de volta.**

pra tirar saci da garrafa

- No final da floresta bem próximo a um riacho. Responde Chapeuzinho.

O lobo pergunta com voz sedutora.

- Posso ajudá-la a chegar à casa da vovó menina bonita?

Chapeuzinho prontamente responde.

- Sim seu lobo. Ter sua companhia nesta floresta é sinal de proteção.

O lobo, lisonjeado, passa então a acompanhar a chapeuzinho vermelho nas densas matas da floresta. Em dado momento, chapeuzinho vermelho olha com tamanha delicadeza para o lobo que ele não suporta aquele olhar doce e começa a rosnar. A ferocidade do lobo vem à tona. Mas logo se recobra da recaída. Chapeuzinho fica preocupada com a atitude do lobo e prefere prosseguir viagem Sozinha. E diz:

- Obrigado lobo por me acompanhar até aqui. Agora vou sozinha, pois a casa da vovó está muito perto.

O lobo pede desculpas a chapeuzinho e revela sua fraqueza.²⁸

- Desculpe menina bonita. Eu fiquei tão afetado com sua beleza que acabei por me descuidar.

- Não há problema lobo, responde chapeuzinho com a ternura de sempre.

A essa altura o lobo já sabia onde morava a vó da chapeuzinho. Despediram-se. Todavia, o lobo ficara a espreita para ter certeza do restante do percurso. Chapeuzinho envolvida com a atmosfera da floresta encontra um rastro que a conduziria mais ainda para dentro da floresta. Ela fora atraída por uma força magnética. Ela se perdera em meio à floresta. Se perder também se constitui um caminho. Ela fora atraída por uma força inexplicável. Havia algo naquela floresta que a seduzira. O que levou chapeuzinho se perder? Que lugar tão sombrio, mas tão sedutor era aquele?

²⁸Lobo bobo canção na voz de João Gilberto.

Pela estrada fora

Eu vou bem **sozinha**

Levar esses doces **para vovozinha**

Ela mora longe e o caminho é deserto

E o lobo mal passeia aqui **por perto**

Mas a tardinha ao sol poente

junto a mamãezinha

dormirei contente



Maíque souza

: Obragens de Gramulhão

artigo 157 do código penal e causos e estórias e rumações



De repente chapeuzinho chegou à casa da vovó e foi recebida com beijos. Disse a vovó em voz baixa:

- Minha netinha como você está linda! Venha, entre logo estou ansiosa por tê-la aqui e saber como foi à viagem pela floresta.

- Obrigada vovó, respondeu a menina. Mas como sabe que vim pela floresta?

- Eu disse floresta? Sua vó está ficando mesmo velha minha netinha. Certamente, como uma boa menina e obediente que és vieste pelo caminho do rio.

- Sim vovó. A estrada do rio é mais longa e mais demorada, mas mamãe não queria que eu corresse perigo.

- Fez bem minha netinha o caminho da floresta é realmente muito perigoso. Nele existem muitos animais ferozes e devoradores. Sempre tem um deles rodeando a casa, por isso minha netinha é bom você retornar para casa de sua mãe. Mas lembre-se: volte pela estrada do rio.

E a seguir lhe pergunta:

- O que trazes neste cesto minha netinha?

- Um bolo bem gostoso e uma bebida fortificante que mamãe mandara para senhora vovó.

- Bebida fortificante? Que maravilha minha netinha.

Após breve conversa e agradecida pelo bolo e pela bebida fortificante, vovó despe-se de sua netinha e novamente recomenda:

- Volte pelo caminho do rio, pois você é uma menina muito bonita para ficar andando pela floresta.

Chapeuzinho ouviu atentamente sua avó e respondeu:

- Certamente vovó e despediu-se.

A menina não notara que a vovó era o lobo disfarçado. Lobos sabem disfarçar muito bem. O lobo sabia onde a vovó morava. Ele, antes da chapeuzinho, correu em direção a casa da vovó entrou e a devorou sem piedade destroçando-a completamente. Com o focinho recoberto de sangue e numa enorme

satisfação começa a uivar. Já próximo a casa da vovozinha chapeuzinho ouve, um uivado, mas prossegue para levar o cesto com bolo e a bebida fortificante. Um lobo resolve fazer o papel da vovó de chapeuzinho vermelho.

No caminho de volta chapeuzinho fica apreensiva, pois estava voltando pelo mesmo caminho que percorrera no trajeto de ida, isto é, pelas densas matas da floresta (havia algo na floresta que seduzia chapeuzinho). Na tentativa de fugir dos perigos da floresta apressa os passos. No entanto, um lobo animal selvagem da família *canidae*, sobrevivente da era glacial e um mamífero carnívoro a alcança. Ele percorreu longa distância com uma velocidade média de aproximadamente 70 quilômetros por hora. Foi uma perseguição implacável.

- Para onde a menina bonita vai: pergunta um lobo, desta vez com enorme vontade de possuí-la?

Chapeuzinho vermelho sem saber o que responder não oferece resistência alguma e entrega-se ao lobo.

O lobo é, também, um carnívoro devorador.

Pela estrada fora **eu vou** bem sozinha

Levar esses **doces para** a vovozinha

Ela mora longe e o caminho é deserto

E **o lobo** mau passeia **aqui por perto**

Mas à tardinha, ao sol poente

Junto à mamãezinha **dormirei** contente

Um só ou vários lobos? ²⁹



²⁹ Esta pergunta foi feita por Deleuze e Guattari no Volume 1 segundo capítulo do *Mil Platôs*. Uma pergunta irônica à questão posta por Freud (*História de uma Neurose Infantil*) no famoso caso do *Homem dos lobos*. Deleuze e Guattari repetem a crítica feita, no *Anti-Édipo*, à Freud, de que a análise freudiana é extremamente redutora. O inconsciente, para Deleuze e Guattari é uma montagem maquinica, isto é, máquinas produtoras de conexões, fluxos, de produção de subjetividades. Esta escritura procura, a partir da narrativa da *Chapeuzinho Vermelho*, tecer fios que nos possibilite conectar-se a fluxos desejantes. Não se trata de negar a psicanálise freudiana. Mas, a crítica de Deleuze e Guattari serve como gatilho para tecer fios com a noção de literatura menor. Ela nos oferece subsídios para romper com toda uma construção acerca de uma hermenêutica do imaginário, componentes de expressões que reiteram as formas e não a destroem. Narrativas que não cansam em representar isso ou aquilo, a cidade em que a linguagem canônica figura como modo de pensamento restritivo à experiência e também na construção dos diversos tipos de discursos cidade legitimados por certa pertinência epistemológica. Nesse sentido, mas do que a crítica à noção de representação é aposta numa experimentação política, narrativas como uma máquina de guerra. Como pacto diabólico. Intensidades demoníacas. "[...] uma literatura menor ou revolucionária começa por enunciar, e só vê e só concebe depois ('A palavra. Eu não a vejo, eu a invento'). A expressão deve quebrar as formas, marcar as rupturas e ligações novas E também criar, experienciar, inventar mundos. Por em cena delírios como máquinas desejantes. Máquinas de guerra.

: Obragens de Cramulhão

Vá. Gina. Sonhadora



intensidades demoníacas

VÁ GINA. SONHADORA

- Ouvi vozes. Gritos. Ora sussurros. Visgoso! Visgoso! Visgoso! Parecia que alguém o queria por perto, só desta vez. Estranho. Voz desesperada de mulher. Insistia no chamamento: Visgoso! Visgoso! Visgoso! Coisas noturnas. Morcegos das esquinas.

Assustada Gina, mãe de Lyah, levanta-se da cama ofegante e exclama:

- Meu Deus outra vez este sonho! Desta vez este foi terrível! Por que minha "chapeuzinho" mentiria para mim? Ela sempre foi uma boa menina e muito obediente. Não podia imaginar que na floresta existem vários lobos. E eles andando atrás de minha filhinha. Estou atônita. Não era um lobo mau, mas vários. Ainda por cima devoraram minha mãe. Minha nossa!

Neste momento Gina apressa-se em acordar sua filha a fim de se certificar que a menina estava no quarto. Veste-se e sai em direção ao quarto onde Lyah (Chapeuzinho) dormia tranquilamente. Ao entrar no quarto certifica e percebe que a menina dormia com um anjo. Mas, como estava muito tensa, resolve acordá-la.

- Filhinha, filhinha acorda. Preciso que você me auxilie em algumas tarefas.

- Não mamãe. Deixe-me dormir mais um pouquinho, disse meio sonolenta.

- Minha filha acorda mamãe precisa de sua ajuda.

A menina então se descobre e se desvira. Mas ao ver a fisionomia de sua mãe assusta-se:

- O que foi mamãe? Você está assustada, tá muito pálida. Aconteceu alguma coisa, perguntou a menina.

- Não minha filha. Foi apenas um sonho. Está tudo bem.

- Tem certeza que está tudo bem mamãe?

- Sim minha filhinha. Esta tudo bem.

A menina levantou-se e pôs a auxiliar a mãe naquele dia. No entanto, Gina ficara o dia inteiro pensando no sonho que tivera durante a noite. Naquele instante passavam-se muitos *flashes* na cabeça dela. Eles estavam deixando-a perturbada. Uma espécie de inconsciente de multidão, de agenciamentos libidinais. A mãe de "chapeuzinho" não revelara o sonho à sua filha, mesmo porque parte dele aparecia em letras garrafais e num local muito escuro e denso da floresta, à insígnia: *os físicos dizem: os buracos não são ausências de partículas, mas partículas que andam mais rápido que a luz. Ânus voadores, vaginas rápidas, não existe castração.*³⁰

Gina ficava desconcertada com a ideia de ânus voadores e vaginas rápidas. Para ela aquela sentença era um atentado ao pudor, uma ofensa aos bons costumes³¹. Mas ao mesmo tempo lhe trazia todas as malignidades das sensações.

- Imaginem minha vagina rápida e ânus voador. Meu Deus! Que absurdo. Falava ela baixinho consigo mesma em sua mente. Quem escreveu isso é um lobo mau daqueles bem infames. Não posso imaginar que minha vagina seja voadora, ou melhor, rápida. Não posso! Não posso! Não posso! E da minha menina tão inocente. Meu Deus!

A mulher-loba insistia em combater aquele pensamento selvagem que tomara conta de sua mente. E ela enfatizava:

- É como dizem por aí: mente vazia oficina do cão, do dianho, do danado, do belzebu, do satã, do demônio! Demônio! Demônio!

A esta altura Gina já estava tomada por tal pensamento e não via outra maneira de combatê-lo senão por meio da

³⁰ Aqui cometo mais uma ladroagem, mas como sou, também, um ladrão bonzinho, indico desta vez, de onde foi que retirei essa coisa. Mil Platôs Vol. 1, página 46, 1996.

³¹ Cf: Nietzsche em *Aurora* - Conceito da Eiticidade do Costume.

repetição de uma espécie de reza (das igrejas pentecostais) contra o diabo e seus anjos:

Fogo no **diabo**

Da cabeça aos pés

Quem **liberta**

O **homem** é Jesus de Nazaré

Ouvira esta reza de uma vizinha. Costumeiramente professava diante de seus delírios libidinais, ela. Na verdade a tentativa de Gina em fazer tal reza era uma ideia de "purificar o pensamento de todo prejuízo causado pela influência dos *sentidos*"³² recobrando desse modo seus princípios e certezas. Todavia, esse pensamento maligno não a deixava, quanto mais rezava, mais ele estava presente. E agora já não eram apenas vaginas rápidas, mas, também pênis voadores, velozes e furiosos, pois perderam o medo da castração.

- Demônios! Parem de me fazer pensar desta forma. Já não bastam vaginas rápidas, agora vocês querem me fazer pensar em pênis voadores. Ainda por cima, velozes e furiosos. Que tormento! Insistia na reza.

Fogo no **diabo**

Da cabeça aos pés

Quem **liberta**

O **homem** é Jesus de Nazaré

³² Cf: DESCARTES, René (1983). *Meditações*.

Neste instante dona Madalena mãe da mulher-loba passava no corredor de onde ficava um dos quartos da casa e resolve ver o que estava acontecendo, pois, a reza tornara-se gritos e gemidos inexprimíveis.

- Gina o que está acontecendo aqui minha filha?

- Mamãe aqueles pesadelos e perturbações quando tinha na juventude estão me perseguindo. Respondeu com os olhos esbugalhados.

- Vai me dizer, desta vez, que está sonhando com pênis voadores da floresta? E danou a rir.

- Não acho graça nenhuma mamãe. Gina responde invocada.

- Você sempre com esses pesadelos. Imagina: Vaginas rápidas e pênis voadores da floresta. E danou a rir novamente.

- Eu cheia de perturbações e você rindo desse jeito. Quanto assanhamento mamãe. Ponha-se no seu lugar. Gina furiosa.

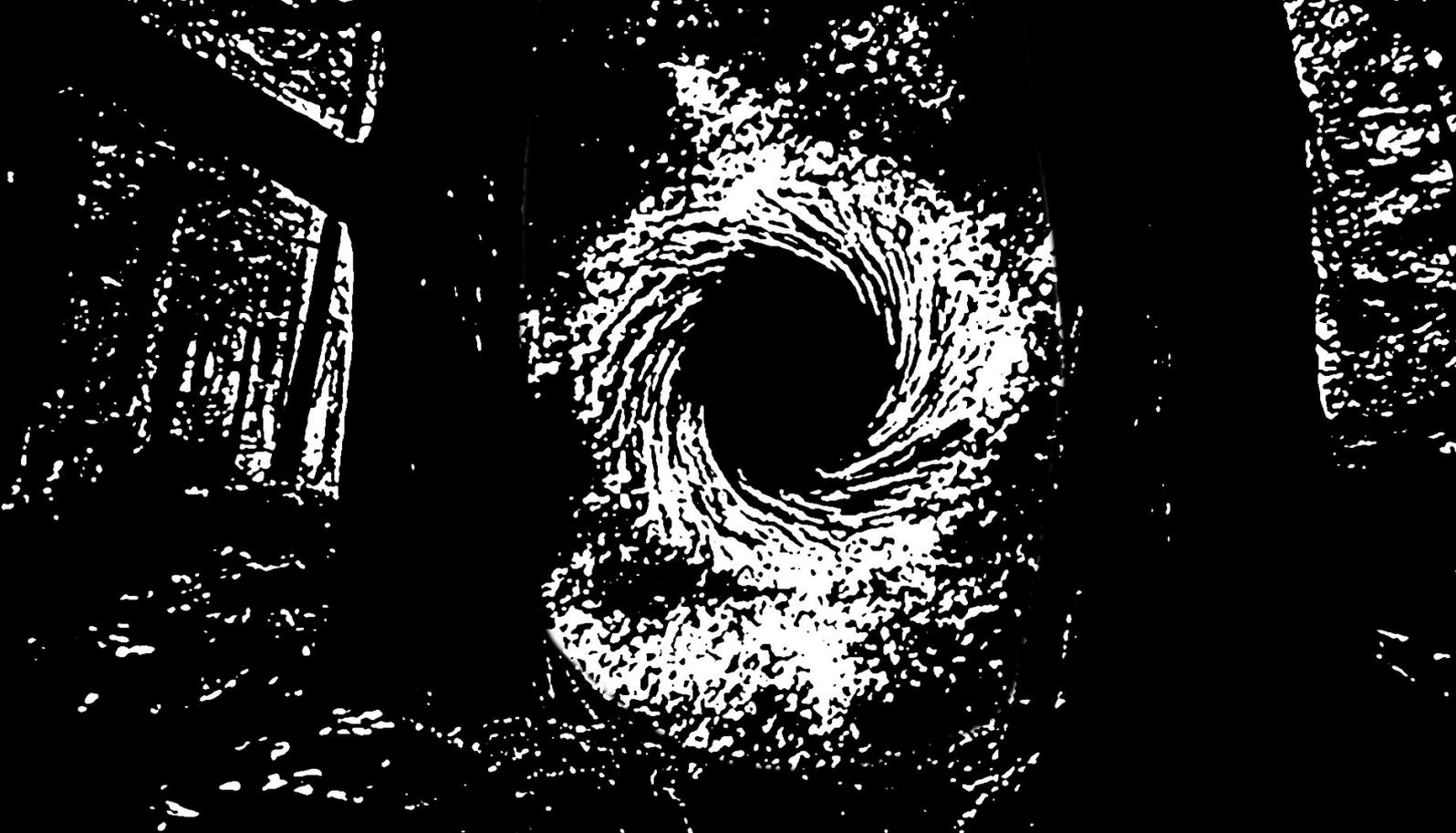
- Qual lugar? Das vaginas rápidas ou dos pênis voadores. E tome riso da dona Madalena.

A esta altura Gina desconfiava que a mãe fosse uma espírita, já que adivinhara seu sonho, mesmo sem ela o ter contado. O que deixava ainda mais tensa era o despudor de sua mãe em relação as suas fantasias mnemônicas.

- Filha vou dar uma saidinha por aí para ver se encontro uns pênis voadores na floresta urbana. Mesmo porque preciso pegar ar fresco depois daquele filme³³ de ontem à noite. E começou a rir.

O marido da senhora Madalena havia a deixado fazia um tempo. Ele foi embora. Não se sabe ao certo o que aconteceu, mas o que se sabe é que ele se foi e nunca mais voltou. Daí ela arrazoava consigo mesma que estava na hora de se divertir, já que curtira muito tal luto. A floresta urbana, dizia ela, também era um petisco dos demônios.

³³ Dona Madalena assistira a *Dama do Lotação* (1978). Um filme baseado numa estória de Nelson Rodrigues e dirigido por Neville de Almeida.



Maique Souza

Por outro lado Gina encontrava-se atormentada por tudo, até mesmo pelo despudor de sua mãe. Era um tormento típico de quem é atravessada por uma avalanche de intensidades, multiplicidades, agenciamentos. Um tormento com sensação de volúpia, de desejo intenso. De certo, a insigne que avistara no sonho, estava a lhes perturbar o espírito.

Os físicos **dizem:**

os buracos não são

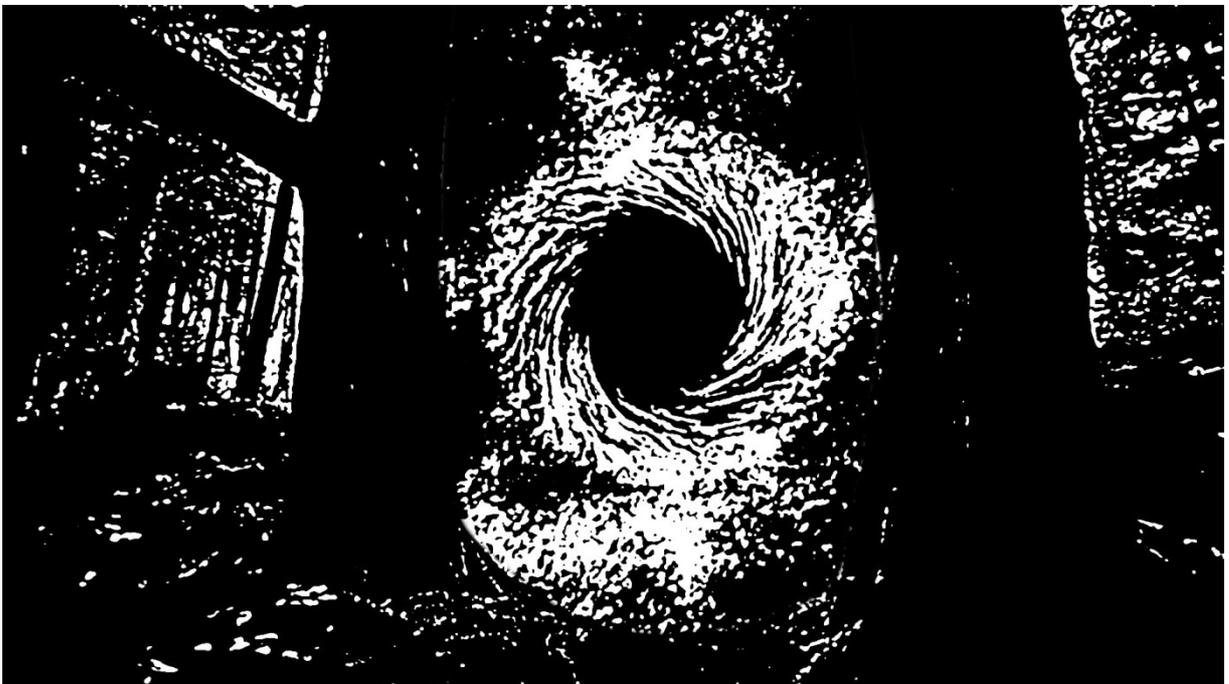
ausências de partículas,

mas **partículas** *que* **andam** *mais*

rápido *que a luz.* **Ânus voadores,**

vaginas rápidas, *não existe castração.*

Para ela aquela sentença era um atentado a moral, uma ofensa aos bons costumes. Gina entendia que tudo aquilo que contraria o bem, logo é mal. Daí qualquer intensidade que passe pela sua mente, antes mesmo de chegar ao seu corpo, deve ser contida. Mas como conter fluxos de agenciamentos libidinais e inconscientes? Quando as intensidades passam pela mente, elas já não estão inscritas também no corpo? A ideia de uma ética do hábito não seria criar normas de conduta impeditiva aos fluxos atravessadores e atravessantes? Sei lá! Mas atacar as paixões pela raiz significa atacar a vida pela raiz: a prática da igreja é hostil à vida... A beligerância veemente, a mutilação, a erradicação, é instintivamente escolhida na luta contra o desejo por aqueles que são muito fracos de vontade, muito degenerados para poder impor-se moderação nele: por aquelas naturezas que tem necessidade de La Trappe...³⁴



³⁴ Aqui roubei alguma coisa de Nietzsche em uma *grande declaração de guerra*. La Trappe: monastério francês (em Soligny, na Normandia) onde foi fundada em 1664, a ordem dos monges trapistas, conhecida pelo rigor de suas normas.

: Obragens de Cramulhão

dos prazeres hedonistas

e



erotic letter

Erotischer Brief

lettre érotique

carta erótica

Beija-me

com os beijos de tua **boca;**

porque

é melhor teu amor

do que o **vinho.**

Cânticos dos Cânticos 1:2

do planejamento urbano e

do corpo nu de Valéria...



: Obragens de Gramulhão

carta erótica

Meu amor,

Você é tão bela, minha donzela, como os animais da carruagem de Faraó. O seu rosto é lindo no meio das duas tranças; como é formoso o teu pescoço enfeitado de colares. Posso, de longe, sentir seu cheiro. Cachorra!

Venha comigo, minha dama. Você está escondida como uma pomba na fenda de uma rocha. Mostre-me o seu rosto; seu corpo; deixe-me ouvir a tua voz; pois a tua voz é suave, e o seu corpo um petisco dos deuses. Gostosa!

Os seus dentes são brancos como ovelhas com a lã cortada, que acabaram de ser lavadas. Nenhum deles está faltando - não és banguela - e todos são bem alinhados. Os seus lábios são como uma fita vermelha, e a sua boca como veludo... Os seus seios parecem duas gazelas, como torres, empinados, durinhos, são como dois veados gêmeos, pastando entre os lírios.

Com um só olhar, meu amor, com uma só pérola do seu colar, você me roubou o coração. Como são deliciosas as suas carícias, suas apalpadinhas, suas mãos descendo até a minha vara... Os seus lábios têm gosto de mel. Pode haver sessenta rainhas, oitenta concubinas e muitas moças; mas eu amo somente uma, aquela que é perfeita como uma pomba.

Eu estou tremendo. Você me deixou ansioso para amar, tão ansioso como cão sem dono quando vê uma cadela no cio. As curvas dos seus quadris são como jóias, são trabalhos de um artista... Você é tão graciosa como uma palmeira; os seus seios são como cedros e tâmaras. Vou subir na palmeira e colher os seus frutos. Os seus seios são para mim cachos de uvas. Adoro! A sua boca têm o perfume das maçãs, e os seus beijos são como vinho delicioso.

Seu umbigo... É melhor parar por aqui que já to cheio de tesão.

Beijos na B...

Um amante a moda antiga.

Assim visgoso termina a carta. Ele lera alguns trechos do livro Cântico dos Cânticos da Bíblia e se empolgou. Resolvera imitar a escrita e parecer um conquistador elegante, embora escorregasse em algumas palavras. Endereça a carta para a casa de Dona Madalena, mãe de Gina, pois era lá que Gina morava.

: Obragens de Cramulhão

e causos e estórias e rumações

Gina descansava no seu quarto quando o carteiro toca a campainha. Dona madalena observa pela janela e recebe a carta, certifica-se para quem era e...

- Ui! Uma carta para minha filha!
- Que negócio é esse de carta mãe?
- Anda escondendo o jogo né.
- que escondendo o que...me dá isso aqui.
- Tá de namorado heim...

Dona Madalena pega bolsa, chapéu, se olha no espelho...

- Vá Gina. Vai se Divertir. Depois quero saber do bafão, diz com uma risadinha irônica, antes de sair de casa.

Gina trêmula, pois não recebia cartas desde sua juventude. Começa a abri-la como quem quisesse devorar uma comida gostosa. Suas caras e bocas a cada frase que lia era de total espanto. Em dado momento exclamou:

- Meu Deus! Quem foi que me enviou essa tentação?

Não havia remetente, apenas a insígnia: *Um amante a moda antiga*. Gina não conseguia para de ler. Leu pelo menos três vezes, antes de ir para o banho...

- Dona madalena. Desce rua devagar. Toda se querendo. Caminha em direção à estação de trem. Trem demora. Lembra que já não mais existe estação em Vila de Cava. Abandono. Ruínas. 1970. Extensão Tinguá. Ruínas. Moradia. Abrigo. Vem à memória estação de Nova Iguaçu. Muita correria. Voz do locutor anunciando institucionais da ferrovia. E dormentes. Anda um pouco mais, vê ruas movimentadas. Um homem dorme na calçada.

Uma bola de fogo no céu.

Céu?

Espaço e temporalidade

e terra
 e céu.
 Sol.
 45 graus na sombra.
 Homem dorme deitado em chão
 sob pedaços de panos em cores
 e de braços abertos
 e de barriga para cima
 e uma das pernas ligeiramente recolhida

e.

Vai e vem de pessoas.
 Sons diversos.
 Ruídos diversos.
 Buzinas.
 Roncos de motores.
 Falações.
 Xingamentos.
 Pássaros? Talvez.
 Guardas
 controle urbano
 cassetetes.
 Ambulantes.
 Trabalhadores.
 Mixórdias.
 Relógio marca 14h30 da tarde.
 02 de fevereiro de um ano qualquer.
 Homem dorme.
 Terminal de ônibus CODERTE
 Avenida Marechal Floriano Peixoto.
 Parada do coletivo 492.
 assageiros
 - artigo 492 do código penal decreto lei 3689/1941 -
 à espera.

Dorme homem.

Barriga para cima

e **braços abertos**

e uma das **pernas** ligeiramente **recolhida**

e **panos coloridos**

e **rua**

e **espaço**

e **temporalidade**

e **corpo**

e **desejo**

e **plasticidade**

e **urbanidade**

e **planejamento urbano.**

Dorme homem.

Ajeita-se. Intuíva oportunidades. Quem mora em Vila de Cava tem presságios. Minha tia que o diga. Vivia presentindo coisas. Há quem diga que ela via, sempre, o bode-preto. Mesmo assim, desejava passear a pé, Madalena. O percurso podia lhe trazer novidades. Deixava o pequeno vilarejo para se aventurar na cidade de meu Deus, na floresta urbana repleta de malignidades. E vai sem destino...

“Não **saber** se orientar numa **cidade**

não significa muito.

Perder-se nela, porém,

como a gente se perde **numa floresta,**

é coisa que **se deve aprender a**

fazer.”

Seu Machado, vividor de Vila de Cava, era afeito ao espírito nômade. Vizinhança dizia que ele contava muitas estórias. Estórias continham uma variedade monstruosa de temas. De Eva e Adão, a mulher veio primeiro né, das engraçadas até as mais terríveis. O céu é para as virgens. Gostava de ser provocado sobre pensamentos canônicos da construção do mundo, coisas da ciência, coisas fechadas sem lugar para intuição, poesia, para experiências múltiplas, para intensidades. Homem sábio sem paradelo e sem posição fixa de coisa alguma. E também um provocador sutil e delicado. Gostava das noites para papear.

Naquela noite, aos arredores de um de seus abrigos - costumava a viver de modo nômade tanto é que diziam os que o conheciam: lá vai o perambulante -, reinicia mais um de seus causos com nítida intenção de seduzir pessoas. Ele era conhecido em toda vizinhança como um homem que gostava de contar estórias. Seu Machado falava sobre cosmogonias. Ao mesmo tempo em que ia besuntando os causos com a questão da razão. Como de costume, muitas pessoas reuniam-se para ouvir, imaginar, rir, zombar. Contações de estórias. Causos sempre tiveram no mundo, inclusive e, sobretudo, na construção dele. Em dado momento da "história universal" muitos deles tornam-se ciência, embora continue sendo causos. Como ia dizendo, muitas pessoas gostavam de ouvir causos... seu Machado. E passou-lhes a contar uma estória de um médico legista. Mas antes advertiu:

- Senhores, desculpai-me por filosofar demais. Não esqueçais: tenho quarenta anos de subterrâneo. Permiti que eu solte minha fantasia. Vede, senhores, a razão é uma coisa excelente; e isto é incontestável; mas a razão é a razão, e satisfaz apenas a faculdade de raciocinar do homem, enquanto que a vontade, eu diria, o desejo, é a expressão da totalidade da vida, ou seja, a vida humana inteira, inclusive a razão e seus escrúpulos; e embora nossa vida, tal como se exprimi assim, se torne às vezes má, nem por isso deixa de ser vida, e não uma extração de raiz quadrada. Assim, eu, por exemplo: quero viver, naturalmente, a fim de satisfazer minha faculdade de existência em sua totalidade, e não para satisfazer apenas minha faculdade de raciocinar que só representa, afinal, a vigésima parte das forças que há em mim. Que sabe a razão? a razão só sabe o que aprendeu (provavelmente saberá outra coisa, por que não dizê-lo com franqueza?), enquanto que a natureza humana age com todo o seu peso, por assim dizer, com tudo o que traz em si, consciente e inconscientemente; e, mesmo errando, vive. Suspeito, senhores, que me olhais com certa pena; dizeis-me de novo que um homem esclarecido e

avançado, como será, em suma, o homem do futuro, não poderá conscientemente desejar algo que lhe seja vantajoso - isto é matemática. Estou de inteiro acordo. Mas repito-vos pela centésima vez: existe um caso, um só em que o homem pode conscientemente, propositadamente, desejar o que é desvantajoso para ele, o que lhe parece estúpido, muito estúpido - simplesmente para ter o direito de desejar para si até mesmo o que é muito estúpido, e não ficar preso à obrigação de só desejar o que é sensato. Pois bem, essa coisa muito estúpida, esse capricho nosso talvez venha a ser, meus senhores, o que há de mais vantajoso para nós, sobretudo em certos casos... Observem senhores, pode se dizer qualquer coisa sobre a história universal, tudo o que ocorra à imaginação mais desordenada, só não se pode dizer que ela seja racional; à primeira palavra, engasga-se. E, ademais, ocorre constantemente o seguinte: há homens que parecem racionais e sensatos, sábios e virtuosos, e cujo objetivo é levar uma vida regrada e honesta, para agir pelo exemplo sobre os seus semelhantes, para provar-lhes que se pode viver moral e racionalmente neste mundo. Mas o que acontece então? Sabe-se que muitos desses virtuosos acabam mais tarde contradizendo-se e tornando-se personagens de histórias escandalosas. Certamente os senhores conhecem casos desse tipo. Agora vos pergunto: o que se pode esperar do homem, dessa criatura dotada de tão estranhas qualidades? Vamos senhores, que vontade restará quando ficarmos reduzidos às tábuas de logaritmos e à aritmética, quando tudo for uma questão de dois e dois são quatro? Dois e dois são quatro independente de minha vontade. A vontade é outra coisa. ³⁵

Silêncio!

- Como ia dizendo...Certa vez uma mulher morta chega ao necrotério - Os necrotérios da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, normalmente são precários, além do número reduzido de

³⁵ DOSTOIEVSKI, M. Fiodor. *Notas do Subterrâneo*. 2008. p. 37-41

peritos e legistas que trabalham nestas unidades, eles sempre andam lotados -. Após a triagem inicial, o corpo segue para o subsolo, local reservado para autópsia. O legista de plantão que recebera o corpo, de posse dos instrumentos cirúrgicos, como de costume, olha a ficha friamente antes de iniciar o processo. Ao fazer a leitura inicial e ver a foto do cadáver assusta-se:

- Meu deus! É Valéria. Silêncio.

Após um longo período em silêncio o legista debruça-se sobre o corpo daquela mulher e chora copiosamente.

- Não! Não! Não! Mil vezes Não!

Não admitia que aquele corpo a sua frente fosse da mulher que por muito tempo fora sua "namoradina". Valéria era uma bela mulher que ganhava a vida na "Casa das Meninas". Lugar freqüentado por muitos, de muitas classes sociais, engenheiros, médicos, sanitaristas, prefeitos, governadores, homens honrados.

- Senhor! Bate a porta uma enfermeira.

- Só um instante, diz o legista enxugando lágrimas.

- Desculpe interromper, mas há um princípio de tumulto na recepção por conta da sua demora na autópsia. Tem muitos corpos sem identificação. Fala a enfermeira numa frestinha da porta.

Havia mais de duas horas que Arnaldo estava a velar o corpo de Valéria sem qualquer tipo de intervenção. Ele não suportava a dor de ver a mulher que "fora dele" por muito tempo, morta, diante de seus olhos naquele lugar frio.

- Já estou terminando. Retrucou.

O corpo nu de Valéria trazia as mais diversas sensações e lembranças. Lembranças de noites cálidas na Casa das Meninas, especialmente depois de um dia de trabalho exaustivo. Intervir em corpos de pessoas mortas para emitir um diagnóstico deve ser deveras angustiante. Arnaldo não admitia a possibilidade de fazer qualquer corte no corpo de Valéria. Era como se o

corpo dela fosse sagrado. Corpo que lhe dera muitos prazeres. Arnaldo põe a mão no seio esquerdo de Valéria e percebe que ele pulsa. Pulsa como pulsa o coração de uma pessoa apaixonada.

o **pulso ainda pulsa** ³⁶

o **pulso ainda pulsa**

Era como se Valéria estivesse dizendo para ele da frustração de um amor não correspondido. De como ele poderia ter a amado. De repente Arnaldo se vê deitado na mesa fria da autópsia. E ela friamente vai proceder à incisão exatamente pela frustração de um amor não correspondido.

Raiva, rubéola Tuberculose e anemia Rancor...

- Eu tentei dar a vida por você. Resmungo.

Mas Valéria, friamente, prossegue com o ritual da autópsia. Põe as luvas vagarosamente, toma os instrumentos cirúrgicos e inicia incisão. Arnaldo, como quem tivesse saltando da mesa de cirurgia, arregala os olhos e... "volta a si". E novamente põe-se a olhar o corpo de Valéria.

E o **corpo ainda é pouco**

³⁶ Música interpretada por Arnaldo Antunes *O Pulso (Titãs)*.

E o **corpo ainda é pouco**

Assim...

Finge proceder à intervenção. Simula um corte no tórax, olha mais uma vez para o corpo nu de Valéria e com olhos marejados emite o laudo.

- Valéria morreu de tristeza e paixão. Arrependido.³⁷

Após breve pausa, uma menina indaga:

- Esse médico gostava de gente morta? Dizem por aí que a gente deve sempre usar a cabeça antes de fazer qualquer coisa. Mas eu não entendo: como assim usar a cabeça? Acho que ele (médico) era um fingidor.

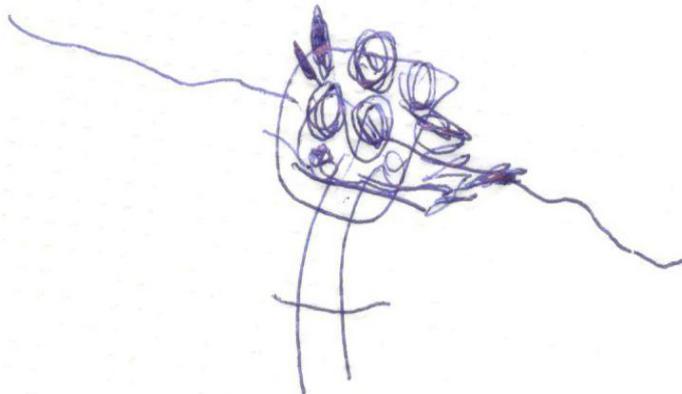
Seu Machado percebendo a perspicácia da menina riu e disse:

- Usar a cabeça quer dizer usar a razão. Acho.

A menina franziu a testa e fez nova pergunta:

- Usar a razão? O que é isso?

Seu Machado parou por breve momento no intuito de surgir outra questão, ou fala, ou intervenção e depois prosseguiu.



³⁷ O autor escreveu esta passagem a partir do conto 225g de Rubem Fonseca.

Costumamos usar a palavra razão em muitos sentidos, por exemplo: quando alguém perde a cabeça dissemos: fulano perdeu a razão ou, agora cicrano tá com a cabeça no lugar, isto é, ele tem razão. Nestes casos a gente tá diante de sentidos que expressam certeza e lucidez (motivo ou causa também). Isso vem lá de muito tempo. Muita gente que gostava de contar estórias achava que a razão era a capacidade de organizar a realidade. E por meio dela a gente compreender as coisas. Já ouviram a expressão: Fulano tá fora da realidade, certo? Para mim uma maneira interessante de a gente ligar isso que estamos falando com outra coisa é o caso do progresso da razão. A frase na bandeira do Brasil, *Ordem e Progresso*, carrega a ideia de algo bom e positivo para todos, são formas de um projeto racional. O progresso é aquilo que promete melhorar a vida das pessoas com o passar do tempo (chamamos isso de linearidade do tempo). Isso só pode ser feito com a razão. Bom, pelo menos é o que disseram outros contadores de estórias. Neste caso as emoções, sentimentos, paixões são contrárias à razão, já que estas são entendidas como desordens, caóticas, confusas coisas desse tipo.

- Caramba! Quer dizer então que eu não posso sentir nada nem mesmo a razão? Indagou um jovem.

- Isso aqui não é nenhum teste de fazer e responder perguntas é? Que coisa chata é essa de não poder me apaixonar por um monte de coisas e pessoas. Minha cabeça é grande. Imaginem vocês se eu tiver que usá-la sempre. Vou matar um monte de gente. Todos riram muito, pois já conheciam o Zé Ariovaldo. E Ele prosseguiu:

- Eu num sô letrado não, mas tem um poema que guardei dentro desta pequena forma arredonda que carrego em cima do meu corpo cachacento. Antes, porém devo-lhes dizer uma coisa:

receio que não vamos nos livrar da deusa razão, pois agente ainda acredita na gramática...³⁸

Eis o poema³⁹:

Escrevo . E pronto.

Escrevo porque **preciso**

preciso porque **estou tonto.**

Ninguém tem nada
com isso.

Escrevo porque **amanhece.**

E as estrelas lá no **céu**

Lembram letras no **papel,**

Quando o poema me **anoitece.**

A **aranha tece teias.**

O **peixe beija** e **morde** o que **vê.**

Eu **escrevo** apenas.

Tem que ter **por quê?**

³⁸ Roubado *Do alegre mensageiro* do Crepúsculo dos Ídolos.

³⁹ *Razão de ser.* Paulo Leminski.

Eu trocaria escrever por contar causos. Eu conto causos e pronto. E para que conheçam melhor Vossas Senhorias passo a ser o Visgoso que em vossa presença emigra. E tome riso.

Pessoas achavam Zé Ariovaldo uma grande figura, talvez, um dos mais engraçados, satíricos contador de causos que já ouviram. Naquele momento confessara seu nome completo: José Severino Ariovaldo da Silva, vulgo Visgoso (apelido de infância). E sabedores de seus dotes satíricos, o aplaudiram.

- Muito obrigado! Muito obrigado! Agradeceu e emendou outra experiência.

- Veja só: eu na minha vida me apaixonei por um monte de mulheres, por coisas e por peixes. Ah! E também por poesias. Esse troço de razão aí era de vez em quando, quando eu tava sóbrio - Neste momento, muitos riram, pois sabiam que seu Ariovaldo gostava mesmo de uma rama, cachaça -. Quando tomava umas pinga aí eu vivia apaixonado. Disse rindo seu Ariovaldo. Lembro-me de um causo que tomei várias pinga no boteco do Zezé e fiquei torto. Naquele dia só imaginava a mulher ideal dos meus sonhos. Ela me batia, zombeteava de mim, tirava meu dinheiro, esfregava a. na minha cara (cês entendem né) e ao final desaparecia. Isso tudo acontecia no boteco do Zezé. Era uma espécie de espetáculo ao vivo: Eu doidão de goro e Gina. Aquela mulher-animal me deixava doido.

Neste momento começou a cantar.

"Eu não sei se ela fez **feitiço**

Macumba ou coisa assim

Eu só sei que eu estou bem com ela

E a vida **é melhor pra mim**

Eu deixei de ser **pé-de-cana**

Eu deixei de ser **vagabundo**

Aumentei minha fé em **Cristo**

Sou bem quisto por todo **mundo”**

Nesta altura todos aos risos. Zé Ariovaldo era grande contador de causos, quando tomava umas ramas aí o tismado aparecia com mais força. Seu Machado não se aguentava de tanto rir. E disse:

- Ariovaldo você é um contador daqueles bem porreta. Esses seus causos são terríveis. Sempre bem humorados, sarcásticos, e potentes. Nunca vi tamanha habilidade com as palavras.

Ariovaldo ficou empolgado e disse:

- Então vou contar mais um. E Sem pedir licença foi logo contando outro caso.

- Certa vez, Visgoso foi numa clínica psicológica, pois achou que os delírios lá do boteco do Zezé tava deixando ele maluco. Chegando lá Visgoso preenche uma ficha e fica aguardando no corredor pra ser atendido.

- Por favor, peça ao senhor... VisgosoAtoleirentoVentoseiro para entrar, solicitou o Dotô ao paciente que terminara a sessão.

- Senhor... Visgoso! Grita o paciente anterior quando ia saindo da sala.

É eu mermo - levando-se.

Esbarrou com Pedrosa, o paciente que gritou seu nome. Visgoso sabia que Pedrosa era esquisito, mas nunca imaginou que precisava de psicólogo. Segundo ele, Pedrosa é um amigo todo certinho. Não resistiu e mandou uma de ventoseiro.

- Aí heim Pedrosa escondendo o jogo né! Tá com a cuca cheia de porcaria né? E começou a rir.



- Pedrosa, em tom de deboche, o dotô tá te chamando. Engata a resposta meio sem graça e sai de fininho como alguém que tem culpa no cartório.

- Um abraço meu amigo. Respondeu ironicamente, já com o pé na porta do consultório.

Visgoso entrou e foi logo desabafando.

-Veja só Dotô. Ontem à noite, assim que cheguei em casa dum dia tranqüilo de trabalho, como de costume, fui logo ligando a Maria. Maria é o nome que resolvi dar a TV que comprei a preços módicos para assistir os belos e bons programas da televisão brasileira. Não dava pra perder aquelas promoções dotô. Senhor sabe como é né?! O presidente era um bom sujeito. Embora não esquite muito com as propagandas da TV, deu de presente ao povo brasileiro a oportunidade de adquirir um televisor, tela prana, de 40 polegadas, a preço de banana. E mais: nada de controle. Controle é coisa de quem não gosta de sentir tesão. Ele deixa as emissoras a vontade para passar só coisa maneira dotô. Nada previsível. Cada vez mais são de alta qualidade. E mais: as emissoras gostam ajudar os governantes na divulgação de obras importantes para o desenvolvimento sustentável. Então, como ia lhe dizendo, entrei em casa e liguei logo a Maria para relaxar. Dotô o senhor sabe como é dia de trabalhador né?

Neste instante o doto interrompe.

- Sei VisgosoAtoleirento. Sei sim! Mas o que é que lhe trouxe aqui no meu consultório?

Continuou olhei para ele fixamente.

- então dotô, como eu ia lhe dizendo, liguei a Maria para relaxar. Quando a imagem da Maria apareceu....nossa que Maria gostosa que apareceu na Maria doutor. Mas tive que mudar de canal rapidamente, pois minha Maria estava na cozinha preparando o jantar. Senhor entende né doutor! Não fui nem cumprimentar a Maria...eu tava estatelado em frente a outra

Maria assistindo a ... performance da Maria que teimava em...rebolar!

O doto interrompe novamente.

- Mas rapaz quantas Marias tem na sua vida?

- Na minha vida dotô tem uma. Mas lá em casa tem duas, porém aparece sempre a terceira para me confundir. Na minha vida não existe isso ou aquilo, $A=A$ ou, A ou B sempre vem mais um demônio para me perturbar e confundir minha cuca. É só eu chegar do trabalho e ligar a telinha. Aí a coisa fica esquisita. Comprica dotô. Uma é boa. Duas é desafiador. Mais três dotô eu não dou conta. Afinal, o senhor sabe como é dia de trabalhador né?

Neste momento, VisgosoAtoleirentoVentoseiro, dana a rir. Odoto pensativo faz uma pergunta:

- Sr...Ventoseiro porque não trocou de canal? Era só apertar os botões da Maria, ou melhor, do televisor.

Atoleirento.

- E eu não apertei os botões dotô. Apertei todos os botões da Maria. Parecia até uma artilharia. Campo de fuzilamento. Eu não tirava as mão dos botão dela. Mas não adiantava dotô. Essa Maria quer que eu me divorcie da minha Maria de qualquer jeito. Dotô to amarradão na Maria que comprei. Ela só me da alegria. Eu gozo que é uma beleza.

O doto olha por cima dos óculos.

- Você faz sexo com a televisão? Espantado pergunta.

- Que isso dotô. Eu gozo de felicidade. Todas as noites lá tá ela. Vestida sensualmente, perfumada e toda se querendo. Eu confesso dotô. Eu não agüento tamanha tentação.

O dotô pondera novamente.

- Quanto tempo faz que você tem essa prática?

Visgoso.

- Sei não dotô. Acho que desde a infância quando meus pais contrataram Joana.

- Joana?

- É dotô. Joana. Ela foi minha babá por quase toda minha infância. Meus pais saiam pra trabalhar e lá tava ela. Nunca ficou doente. Nunca se cansou. Nunca resmungou. Até na hora de dormir ela me cumprimentava: boa noite querido. Ela era demais dotô. Que babá!

- Vejo que seu problema está relacionado a um trauma na infância.

- Trauma. Que trauma dotô. Minha infância foi maravilhosa. Veja só: eu e Joana não se separava. Na infância me chamaram filho de Cramulhão Visgoso é. Eu detestava más companhias (risos). Mas me rendi aos encantos de Joana. Nunca falava quando ela estivesse falando. Detestava seguir ordens, mas com ela. Obediência absoluta! Num dia ouvi: Visgoso! Visgoso! Visgoso! Ah Dotô! Fui logo falando: To aqui Joana. Vem cá no meu cantinho vem. Fiquei lá várias horas dotô. Já na fase da adolescência...hum... cedia a tentação de várias Joanas. Sabe como é né dotô. Assim me sentia protegido (risos). Na fase adulta... bom casei e fui logo comprando a Maria. O presidente, na época, ainda facilitou as coisas em plena copa do mundo. É golaço dotô! Ela me dar maior alegria. Bom, pelo menos nos momentos de cansaço e fadiga. Ela é meu relaxante predileto.

- VisgosoAtoleirentoVentoseiro, o senhor é muito liso. Me diz por que você veio ao meu consultório, por favor? O dotô pergunta angustiado.

- Larguei a Joana já na fase adulta, porém senti tanta falta que logo comprei a Maria. Eu sou viciado na Maria, a ponto de deixar minha Maria todas as noites dormir sozinha. As Marias que aparecem na telinha da Maria...minha nossa dotô. Parece até de novela. Aquelas que só têm em televisão, ou nos filmes hollywoodianos sabe?

- Sei Visgoso. Sei. Bom por hoje a sessão terminou. Na próxima terça feira te aguardo aqui.

Disse o dotô.

Ventoseiro.

- Só uma coisinha dotô.

Antes de sair, curioso que era, pergunta:

- O que é que tanto o senhor vê atrás da cortina enquanto ouve o que falo?

- Visgoso, respondeu o doto sem pestanejar, contratei a Joana pra ser babá dos meus filhos. Ela é surpreendente. A noite ela vira Maria, é tão moderna que não consigo me desligar dela. Ela faz de tudo. Barba, cabelo e bigode. É uma loucura!

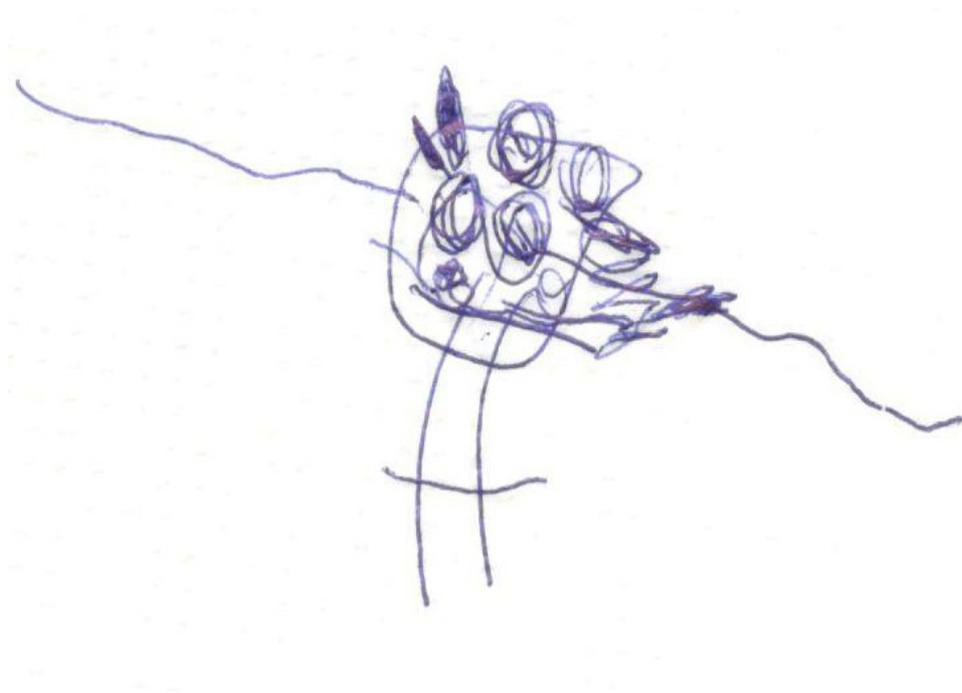
- Não consegue se desligar dela?

Ironicamente Visgoso pergunta.

- Não! Não! Não! Respondeu aos prantos o dotô.

Visgoso aos risos.

- É trauma de infância dotô!



Pessoas que se aglomeravam aos arredores de uma simples habitação onde seu Machado vez por outra recolhia seu corpo riram muito de mais um caso de seu Ariovaldo. Figura querida por todos pelas suas tiradas engraçadas. Contos aparentemente ingênuos revelavam uma crítica sofisticada e uma ironia

singular daquele homem sem paralelo, seduzido por pingas, botecos, mulheres e peixes. Ah! E também poesia. Após este caso seu Machado, rindo bastante, continuou a conversa dizendo:

- Este é uma exímia estória de como as sensações, paixões nos seduzem. O Zé Ariovaldo é uma figura sensacional.

Zé Ariovaldo ficou muito lisonjeado agradeceu e pediu ao senhor Machado para continuar aquela estória da razão.

- Seu Machado, continua falando desses camaradas da razão, só pra ter certeza que isso muitas vezes, é maior papo furado, pois pelo que entendi os antigos contadores de estórias não gostavam muito da ideia de sentir excitação pelas coisas. É coisa do demo! E danou a rir.

Seu machado ri e continua.

- É verdade Zé. Há muito tempo houve um camarada que resolveu contar uma estória sobre uma coisa chamada de *Logus*, isto é, o princípio de não contradição, princípio de identidade. Este era um fundamento. Percebe então, um desconforto diante da realidade, pois a realidade é regida pelo tempo. No fluxo do tempo as coisas são diferentes de si e estão sempre em mudança. Daí resolve dividir o mundo em dois: mundo das idéias fora do tempo (eternamente o mesmo) e o mundo sensível (da matéria sujeito ao tempo). Uma distinção de mundos: um mundo da realidade (do tempo da degradação) e o mundo das idéias (eterno e imutável). Vejam vocês, este camarada dizia que as coisas fora do tempo eram imutáveis, verdades eternas, de modo para alcançá-las somente por meio da razão. Lá residia o bem. Cá do outro lado, as coisas eram decrépitas, passageiras, fadadas ao tempo, portanto mutáveis. Para alcançar o bem, o verdadeiro, o puro somente alguns podiam fazer isso. Era uma espécie de hierarquia social. Os filósofos eram os que podiam alcançar o bem. Acessar a ideia. A verdade. Fora ficavam os artistas, os poetas, os sons, as cores, já que tudo isso podia afastar a polis do pensamento

verdadeiro. Polis era a sociedade grega. Esta estória teve e tem muita influência na construção do mundo em que vivemos. O mundo ocidental.

- Mas seu Machado como assim construção do mundo em que vivemos, perguntou novamente a menina enquanto todos o ouviam atentamente.

- O mundo em que vivemos foi construído a partir de várias estórias, por exemplo, a estória de Eva e Adão no paraíso, a estória que acabo de contar acima e outras muitas ao longo do que chamamos de civilização, no nosso caso, ocidental. Essas estórias ganharam destaque, talvez por oferecerem um porto seguro, quero dizer, uma ideia de mundo com base numa verdade comum para todos. Imagem todos nós e os outros tantos moradores da terra em busca da mesma coisa, sendo guiados pela mesma coisa, querendo a mesma coisa, pensando a mesma coisa. Esta mesma coisa O bem comum. É A Verdade. A verdade universal que guiará a humanidade. É claro que em muitos casos os contadores de estórias eram sofisticados como o camarada do mundo das ideias.

- Então quer dizer que a razão é a verdade? Indagou um jovem.

- Há alguns princípios que nortearam o ideal racional, entre eles a noção de identidade e da não contradição. Uma espécie de regra, fundamento ou leis fundamentais que garantem a realidade é racional. Portanto, a razão, pode ser considerada uma forma de pensarmos e agirmos que descortine, tire o véu e nos mostre A verdade das coisas e do mundo. De onde são tais princípios? Que leis fundamentais são essas para garantir qualquer coisa? Quem inventou toda essa parafernália? E por quais motivos? Sabe-se lá. É a fantasia pelo fundamento. Das coisas.

uma menina para seu pai.

- papai eu tenho um jacaré

- tem filha?

- sim. ele é azul e as vezes fica

rosa.

Neste instante todos estavam com olhos grudados em seu Machado. E sai mais uma pérola do senhor Ariovaldo.

- Esses camaradas deviam não gostar de mulher nem de poesias e tampouco de pinga. Como agente pode pensar um mundo sem poesia, sem mulher, sem pinga. Imaginem vocês que a pinga é meu motor de imaginação. Neste caso, então, eu to fudido, sem qualquer condição de pensar. Colocou, rindo, a questão como um dianho.

Certo silêncio pairou no local. A questão posta por Ariovaldo foi como um soco no estômago. Depois de um tempo alguém sugeriu:

- Que tal pararmos para um cafezinho, uma água e depois continuar essa prosa?

Todos concordaram. E saíram em direção à pracinha próximo à casa da dona Madalena (mãe de Gina). E por onde andou dona Madalena? A esta altura ela (D. Madalena) já havia retornado do seu passeio. E estava acompanhando as conversas de sua janela (como de costume). Fizeram uma espécie de novo círculo próximo à janela dela (a quem dizia que ela era uma cartomante). Ao mesmo tempo em que tomavam um cafezinho e bebiam água conversavam sobre coisas do mundo. Um senhor fez questão de puxar conversar com um dos rapazes que levantara algumas questões.

- Você sabia meu jovem que muitas estórias sobre a invenção do mundo tinham o intuito de construir uma tal de

história universal? Certa vez disse um Belzebu: "No desvio de algum rincão do universo inundado pelo fogo de inumeráveis sistemas solares, houve uma vez um planeta no qual os animais inteligentes inventaram o conhecimento. Este foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da história universal, mas foi apenas um minuto. Depois de alguns suspiros da natureza, o planeta congelou-se e os animais inteligentes tiveram de morrer".⁴⁰

- Caramba! Onde o senhor encontrou isso? Perplexo, perguntou o jovem.

- Num livro de um Belzebu. Livro para poucos.

- E como faço para ter acesso?

Pensativo ele continua, sem, parecer, dar muita importância ao jovem.

- A razão era, e em boa parte das estórias e continua ser, a maneira de representar o mundo. "A verdade aparece com uma criatura bonachona e amiga das comodidades, que dá sem cessar a todos os poderes estabelecidos a segurança de que jamais causará a alguém o menor embaraço, pois, afinal de contas, ela é apenas a ciência pura".⁴¹ Na verdade toda filosofia moderna, sobretudo, a teoria do conhecimento, ontologia e filosofia da natureza é caudatária do projeto de Descartes. Ele tinha como missão "purificar o pensamento de todo prejuízo causado pela influência dos sentidos". Ele queria sistematizar o(s) princípio(s) da dúvida, para que pudesse então, estabelecer algo "de firme e constante nas ciências". Note meu jovem: ele gostava de contar estórias como um conjunto de regras que por si só garantem resultados. Isso significa dizer se você seguir as regras, como esse camarada dizia, os sentidos não vão te trair, você não vai se perder e ainda vai conseguir uma pureza tal de forma a conseguir os resultados desejados. Esta é uma

⁴⁰ Friedrich Nietzsche (1977). *Sobre a verdade e mentira no sentido extramoral*.

⁴¹ DELEUZE, Gilles (1976). *Nietzsche e a Filosofia*. In: *Nova Imagem do Pensamento*, p. 49.

fábula tida como ciência. Estória que Descartes transformou em representação do mundo na tentativa que ela dominasse o mundo fora da experiência. Ele diz ter desfeito as falsas opiniões (?) do passado. E numa parte de suas estórias escreve: "meu espírito está livre de todos os cuidados e agora em completa liberdade para *destruir as opiniões obtidas por meio da experiência sensível*". Ele caiu na tentação de representar coisas, grupos, pessoas, lugares, mundo. Esses são critérios de cientificidade? Quem os inventou? Eles existem a priori? Como é que eles são postulados, forjados? As teorias do antropocentrismo, talvez, tenham sido construídas a partir de critérios de cientificidade. As teorias. As teorias.

Enquanto as pessoas conversavam, o rapaz que lhe havia perguntado sobre como ter acesso aos livros de Belzebu, extasiado com a explanação daquele espectro, não consegue emitir nenhuma palavra.

Ele continua:

- Esse camarada, em uma de suas célebres estórias, faz referência a todo seu aprendizado - tido como verdadeiro - fora constituído pelos sentidos, logo, não são confiáveis, já que alguns desses sentidos podem ser enganosos. Ao que parece ele estava confuso no conto de sua estória. Num momento de sua vida seu aprendizado era verdadeiro, depois admitia que pudesse ser falso. São problemas das categorias, elas que determinam os modos de experiência. O método cartesiano aspirava ser um instrumento do espírito em busca da verdade. Isto implica em dizer, que o projeto de Descartes buscava uma solução para todo e qualquer problema que se originava nos sentidos, já que a relação da atividade do pensamento aparece como um problema de origem daquilo que é falso ou verdadeiro. O *Cogito ergo sum* foi o ponto de partida para o pensamento moderno dogmático.

- O que o senhor está dizendo precisarei de muitos anos para digerir. Não sei nem por onde começar. Disse o jovem confuso, mas alegre.

- Não percebestes que já iniciamos faz tempo meu jovem. E que as coisas não têm início... E que não precisas de muitas coisas do ponto de vista das abstrações, mas sim dos afetos? As abstrações vêm com tempo, mas precisam estar ligadas ao que chamamos de realidade, pelo menos as que criamos. As coisas não têm princípio nem fim como na imagem dogmática do pensamento, no modelo do pensamento universal. As forças estranhas tal como as paixões, interesse sensível, corpos são o que nos interessa. Não existe essa ideia de somos desviados e afastados do dito conhecimento verdadeiro se agirmos de acordos com nossas paixões⁴². Este método de pensar bem e verdadeiramente só serve as forças de dominação. O curioso nessa imagem do pensamento é que o verdadeiro é concebido como um conhecimento abstrato. ⁴³ Veja meu jovem como essa forma de conceber mundo está vinculada as maneiras mais reacionárias que pretendem desalojar sujeitos de experiências, aniquilar afetos e matematizar o sensível.

Depois dessa fala cirúrgica. O senhor caminha para beber um pouco de água e desaparece. O jovem sem saber o que fazer ainda tenta encontrá-lo, mas...

Cada qual havia tomado um rumo e a roda se desfez. Não havia nada programado. Sem começo e sem fim. Não tinha objetivo. Seu Machado foi dormir um pouco, já que estava cansado de sua viagem. Ele era um perambulante e de suas perambulações montava estórias fantásticas. Zé foi tomar umas pingas no boteco do seu coxo e aproveitou para avaliar um roubo que fizera.

⁴² Cf: Conceito de *Conatus* em Spinoza, especialmente no capítulo III da *Ética*.

⁴³ Cf: DELEUZE (1976). *Nietzsche e a Filosofia*.

Dona Madalena, sentiu-se impelida a ler a carta que chegara mais cedo para Gina, mas Gina havia a guardado a sete chaves. Então, ela foi ouvir seu programa predileto da rádio poste *Relato quase jornalístico*. E lá a voz do locutor anunciava pela terceira vez no dia uma carta (correio eletrônico) de um ouvinte:

- Notícia fresquinha minha gente. Recebi um correio eletrônico ainda pouco sobre mais um atentado contra nossa gente. Então vamos reverberar. E solta o som...

Quando você for convidado
pra subir no adro
Da fundação casa de Jorge Amado
pra ver do alto a fila de

soldados, quase todos **pretos**

Dando porrada na nuca

de malandros pretos

De ladrões **mulatos**

e outros quase **brancos**

Tratados como **pretos**

Só pra mostrar aos outros quase **pretos**

(E são quase todos **pretos**)

Como é que **pretos, pobres e mulatos**

E quase **brancos** quase **pretos** de tão pobres

são tratados⁴⁴

- Ai!Ai!Ai! Ai!.....o senhor vai me matar...
- Você vai roubar mais seu filho da Puta!
- Não! Não! Não! Por favor, não me bate mais não.

Pedia clementemente um menino de uns 12 anos de idade em frente à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/Maracanã). O soldado Sales do 6º batalhão da Polícia Militar, espancava impiedosamente, um garoto negro, na frente de umas 40 pessoas, numa quinta feira, dia 19 de junho às 18h25 de 2007.

O Soldado estava completamente ensandecido. Segundo ele o garoto havia roubado alguém com um caco de vidro no ponto de ônibus, Avenida São Francisco Xavier, lotado de pessoas à espera de uma condução.

- Esta é uma prática recorrente do "delinqüente" emendou.

Durante a sessão de espancamento, sob olhares de dezenas de pessoas estáticas, duas pessoas resolveram chegar para intervir no ato de insanidade do Policial Sales. Mas em vão, já que ele não parava de dar chutes e cacetadas nas costas, nas pernas do garoto.

Pense no Haiti.

Reze pelo Haiti..

⁴⁴ *Haiti* composição de Caetano Veloso e de Gilberto Gil.

Tal sessão de espancamento público deixou o menino nu, com cortes nas pernas (escorrendo sangue) e com hematomas em várias partes do corpo. Escória! Jogado num canto de um poste, completamente vencido pelos açoites do seu algoz, ainda tentava esconder-se por trás de um poste.

Uma mulher vestia o menino em lágrimas. Um rapaz falava do absurdo do espancamento. O Policial Sales do 6º Batalhão da Polícia Militar do Rio de Janeiro, não satisfeito com o espancamento ao menino resolveu agredir a porretadas e xingamentos o cidadão que comentava o caso:

- Ô rapa cala a tua boca! eu te mato porra! vai tomar no c... sacando a arma do coldre e colocando no rosto do rapaz.

- Eu te mato seu filho da puta! Policial novamente.

111 **presos indefesos,**

mas **presos são** quase todos **pretos**

Ou quase pretos,
ou quase brancos quase pretos de tão pobres.

E **pobres são como podres**

e todos **sabem** como se tratam **os**

pretos

- Você não vai me esculachar não eu sou trabalhador - respondeu o rapaz ao policial.

O rapaz revoltado tomava nota de uns detalhes do crime. Ao mesmo tempo em que tentava parar uma viatura para denunciar o policial. Uma mulher que vendia doces no ponto de ônibus onde aconteceu o fato tentou pegar o papel com as anotações das

mãos de um rapaz. O rapaz fala em bom tom que ia entrar em contato com a corregedoria da policia militar para denunciar o agressor. Mas a vendedora de doces dizia:

- Você não vai dar parte do policial não. Esse menino vive roubando gente aqui. O policial tá certo!

O rapaz se livrou da mulher que defendia o agressor, policial Sales, e com ajuda de outra pessoa resolveram tornar o ato de selvageria do policial Sales do 6º Batalhão da Polícia Militar, público. Enquanto isso o menino estava sentado próximo junto ao poste, como um cachorro, sem forças se quer para sair do local e soluçando de tanto que foi açoitado pelo capataz. (ver o conto de Machado de Assis que está no filme quanto vale o é por quilo?)

quase todos **pretos**

Dando porrada na nuca de malandros pretos

De ladrões **mulatos** e

Em meio aquele tumulto o policial Sales se retirou do local do crime. Barbárie! Vingança! Brutalidade! Parecia que o Policial estava se vendo naquele menino. O Haiti é aqui.

O Estado. Burocracia. Corporativismo. Qual o papel da polícia. Policial? Polícia? Fatos isolados? Estado. Repressor, agressor, imaginário?

Fato ocorrido às 18h25 numa quinta feira num ponto de ônibus lotado em frente à Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Imaginem de madrugada, nas favelas, como são as coisas.

Logo depois numa **sala de aula...**

- Hoje nosso encontro será sobre Heidegger e a noção de *Dasein*...falava um professor de filosofia...

Um aluno, testemunha ocular do

espancamento,

Ouvia atentamente.

Meses **depois...**

- pára ali parceiro. Disse o mesmo policial do espancamento para um motorista de transporte alternativo (Kombi).

Motorista pára onde ordenara o policial. Sem falar nada entrega ao policial o documento do veículo com R\$ 2,00 (dois reais) dentro. Policial que havia espancado o menino impiedosamente por suposto furto com caco de vidro simula uma conferência, retira a nota de R\$ 2,00 (dois reais) e entrega o documento ao motorista do transporte alternativo.

- Tranquilo parceiro. Vai lá! Boa viagem!

E não importa
se os olhos do mundo inteiro

Possam estar
por um momento
voltados para o largo

Onde os **escravos** eram **castigados**

Pense no Haiti,

reze pelo o Haiti.

Após ouvir as notícias da rádio de sua predileção dona Madalena resolver expiar Gina em seu quarto. Sabia que sua filha escondia mais do que a carta daquele "desconhecido".

Gina lia pela sétima vez a carta do amante a moda antiga, só que desta vez com alguns sussurros e gemidos. Dona Madalena, com um dos ouvidos quase colado à porta, escuta atentamente, aqueles momentos indescritíveis de Gina ao ler/experenciar a carta do "desconhecido".

Meu amor,

Você é tão bela, minha donzela, como os animais

da carruagem de Faraó. O seu rosto é lindo no meio das duas tranças; como é formoso o teu pescoço enfeitado de colares.

Posso, de longe, sentir seu cheiro. **Cachorra!**

Venha comigo, minha dama. Você está escondida como uma pomba na fenda de uma rocha. Mostre-me o seu rosto; seu corpo;

deixe-me ouvir a tua voz; pois a tua voz é suave, e o **seu**

corpo um petisco dos

deuses. Gostosa!

Os seus dentes são brancos como ovelhas com a lã cortada, que acabaram de ser lavadas. Nenhum deles está faltando - não

és banguela - e todos são bem alinhados. **Os seus**

lábios são como uma fita vermelha, e a sua **boca**

como veludo... Os **seus seios** parecem

duas gazelas, **como torres, empinados, durinhos**, são como dois veados gêmeos, pastando entre os lírios.

Com um só olhar, meu amor, com uma só pérola do seu colar, você me roubou o coração. Como são deliciosas as **suas carícias, suas apalpadas, suas mãos descendo até a minha vara...** Os seus lábios têm gosto de mel. Pode haver

sessenta rainhas, oitenta concubinas e muitas moças; mas eu amo somente uma, aquela que é perfeita como uma pomba.

Eu estou tremendo. Você me deixou **ansioso** para amar, tão ansioso **como cão sem dono quando vê uma cadela no cio.** As

curvas dos seus quadris são como jóias, são trabalhos de um artista...Você é tão graciosa como uma palmeira; os seus seios são como cedros e tâmaras. Vou subir na palmeira e colher os seus frutos. Os seus seios são para mim cachos de uvas.

Adoro! A **sua boca** têm **o perfume** das maçãs, e **os seus beijos** são como vinho delicioso.

Seu umbigo... É melhor parar por aqui que já
to cheio de tesão.

Beijos na B...

Assinado,

Um amante a moda antiga.

A esta altura, dona madalena repetia, quase que em sussurros:

**...suas carícias, suas
apalpadas, suas mãos descendo
até a minha vara...**

- nossa...to molhadinha meu Deus! Que vara é essa? Quem escreveu isso pra Gina? É melhor eu tomar um banho.

Dona madalena, havia se perdido completamente na leitura quase em conjunto com Gina, daquela carta maldita. Maliciosa. Atrevida. Desrespeitosa. Sedutora. Ela resolvera guardar segredo. Um segredo que iria perturbá-las por muito tempo. E quem foi este cramulhão que escreveu estas coisas pervertidas? Será que foi mesmo Visgoso? Ou algum...

: Obragens de Gramulhão

paris dos trópicos



Memorial do Carma Urbano

: Obrações de Gramulhão

cidade

Oh, **quanta** mentira suportei

Neste teu cinismo de **doçura**

Pode parar

Com **essa** ideia de representação

Os bastidores se fecharam pra **desilusão**

Pode parar

Com essa ideia **de representação**

Os bastidores se fecharam pra desilusão (é
mentira...)

É mentira

Cadê toda promessa de me dar **felicidade**

Bota mel em **minha boca**

Me ama, depois **deixa saudade**, será...

Será que o **amor** é isso?

Se é **feitiço** vou jogar flores no **mar...**⁴⁵

⁴⁵ Música *Mel na boca* interpretada por Beth Carvalho.

CARTA ABERTA AO POVO

Certa vez, cramulhão, perambulando pelo beco do bafo, em Bonsucesso, encontrara um amigo de infância. Este amigo gostava de provocar o diabo. Ele carregava em uma bolsa um documento antigo, do início do século XX, sobre o Rio de Janeiro. O documento estava muito amarelado, um pouco danificado e apagado. Mas, ao tirá-lo da bolsa, dava para perceber que era um jornal - havia roubado de uma biblioteca - de boa circulação da época. E como tal, embotado de um discurso de combate às pragas, aos pestilentos e todos os que se tornavam empecilhos para construção de um Rio de Janeiro moderno, belo e desenvolvido.

O amigo de cramulhão roubou o documento no intuito de presenteá-lo. E aproveitou a oportunidade.

- Que bom te encontrar aqui no beco do bafo, cramulha. Tava mesmo querendo falar com você.

- Diga lá mermão.

- Tenho algo que vai te interessar.

Neste momento amigo de cramulhão retira o documento da bolsa e entrega a cramulhão.

- Tome isso. Sorriu sorratamente e partiu.

Cramulhão recebe do amigo o documento, espécie de correspondência oficial, continua o trajeto, mas resolve lê-lo em voz baixa:

- Prezados moradores do município do Rio de Janeiro.

Precisamos traçar e promover metas de modernização a fim de apagar a imagem negativa de 'cidade pestilenta', afinal a busca pelo progresso e um reconhecimento no exterior não podem ter como marco a (in) salubridade. A nossa preocupação com a ordem publica se configurava por meio da remoção de todo o tipo de epidemias, moradores de rua, prostitutas etc. A Cidade não pode ser mais chamada capital pestilenta. Vamos acabar com os problemas destas habitações anti-sanitárias. Vejam a

composição dos cortiços⁴⁶, muito deles uma espécie de habitação coletiva, de modo que não podemos deixar de intervir. Vamos promover saúde pública com habitações decentes. E não me diga os adversários que esta é uma política higienista. O que queremos não é apenas controlar, mas eliminar os lugares que consideramos de degeneração e focos de doenças. As famílias brasileiras, os bons costumes e a ordem nacional devem ser mantidos. Para tanto, os 'pestilentos', manguezais e cortiços devem ser eliminados do convívio social, exatamente por representarem uma ameaça.

Neste momento, cramulhão senta-se num banco da praça das nações para continua a leitura. E prossegue:

- O problema da cidade pestilenta, a classe pobre, pessoas de origem modesta, hábitos pouco saudáveis e moradias insalubres não são pressupostos. Não precisa de nenhuma averiguação, basta ver (com nossos olhos) donde vêm os problemas de saúde, junto a isso os problemas morais. Nesse sentido, convoco, especialmente, os senhores Francisco Franco e o Osvaldo C., bem como médicos, engenheiros e sanitaristas a desenvolverem estratégias de ação para contenção desta população que vive em condições marginais. Baseamos nossa proposta numa lógica científica. Nós seremos protagonistas dessa nova modelagem da cidade cujo parâmetro é as intervenções urbanísticas como base no modelo francês. E para tanto "o artista demolidor" - excelentíssimo Barão Haussmann é nossa maior e mais bela referência. Vamos transformar a Cidade do Rio de Janeiro na Paris dos Trópicos - *Made in Europa*.

E mais:

- Todo este pensamento reformista e desenvolvimentista está ligado a uma nova dinâmica estética e estrutural da cidade, mais ainda, tem como elemento central a eliminação dos 'pestilentos', dos marginais, das classes perigosas.

Cf: *Origens da Habitação Social no Brasil*, Nabil Bonduki (1998).

Precisamos iniciar rapidamente a derrubada de morros (morro do Castelo) e cortiços para abrir ruas, avenidas. Tudo com o apoio de uma legislação específica. Nestas normatizações incluiremos as leis de proibição de criação de animais, o funcionamento de quiosques e da Vacina obrigatória (com objetivo de inocular o vírus da varíola). Não obstante as brigadas sanitárias acompanhadas da força policial para vasculharem as moradias e em ocasiões mais complicadas retirar as pessoas de suas moradias à força. Este é o ideal reformador republicano. Autoritarismo? Jamais! São questões estéticas e econômicas da maior importância para o desenvolvimento da cidade e da nação.

Prefeito do Município do Rio de Janeiro

Francisco F.

Rio de Janeiro, em algum lugar do passado.

Visgoso, ao terminar a leitura do documento, fica inquieto e raivoso, pois além do discurso higienista o jornal reservara uma parte considerável para o prefeito.

- Vou responder este documento. Talvez, uma bela e amigável carta ao senhor Franco F. possa servir para sensibilizá-lo e não devastar a cidade. Ah! Vou encaminhar esta carta aos bons impressos que temos hoje.

Mas eis um problema: a quem direcionar a carta, uma vez que defensor de tal pensamento e escritor deste discurso havia falecido em 12 de março de 1913? Será que depois de cem anos (sem anos de solidão) haveria alguma possibilidade de resposta? Ou era melhor procurar o Jazigo que Francisco F. havia sido sepultado e tentar mediunicamente convencê-lo a mudar de ideia? Não é raro saber que o atual gestor da cidade gosta de ser comparado ao senhor Francisco F. e vive, com

largo sorriso no rosto, dizendo por aí:

- Quero ser comparado ao senhor Francisco F. Sou o Francisco F. moderno.

Visgoso, intrigado com essa estória, resolve ir ao Memorial do Carmo, nas imediações do bairro do Caju, subúrbio do Rio de Janeiro para falar com Francisco F., já que lá no Memorial estava os ossos do dito cujo. Ele sabia que seria preciso, diante do Jazigo perpétuo do senhor Francisco F., invocar e evocar uma mediunidade, pois somente desta maneira poderia dialogar com um morto há cem anos.

MEMORIAL DO CARMA. JAZIGO DO SENHOR FRANCISCO F.

Chegando ao Memorial do Carma Urbano, cheio de apetrechos, olha para os lados, a fim de se certificar a inexistência de coveiros por perto e desenrola um lençol branco sobre o túmulo do cidadão. Põe alguns elementos sobre o lençol. Augida com pipoca, vinho branco e um franguinho. Era tarde da noite. Logo após a composição da mesa um forte redemoinho o toma de tal maneira que depois de alguns segundos, com voz nitidamente diferente, começa:

Iahahaha!

- Prezados Senhores,

- Como é do saber dos senhores, os **pestilentos**

nunca vão acabar. Só se proliferam. **São como**

vírus. Estão em toda parte dessa cidade e em outros tantos lugares.

Aves de Rapina

o jornal que mantém você in-forma

TÁ SUAVE

Precisamos traçar e promover metas de modernização a fim de apagar a imagem negativa de 'cidade pestilenta', afinal a busca pelo progresso e um reconhecimento no exterior não podem ter como marco a (in) salubridade. A nossa preocupação com a ordem publica se configurava por meio da remoção de todo o tipo de epidemias, moradores de rua, prostitutas etc. A cidade não pode ser mais chamada capital pestilenta. Vamos acabar com os problemas destas habitações anti-sanitárias. Vamos promover saúde pública com habitações decentes. E não me diga os adversários que esta é uma política higienista. O que queremos não é apenas controlar, mas eliminar os lugares que consideramos de degeneração e focos de doenças. As famílias brasileiras, os bons costumes e a ordem nacional devem ser mantidos. Para tanto, os favelados e as favelas



Seu psirico deu o bote nas tetas da dona clementina

devem ser eliminados do convívio social, exatamente por representarem uma ameaça.

Certamente amigo carioca, hoje as coisas já não são mais assim, pois até mesmo, os moradores de aglomerações subnormais têm meu apoio, minha admiração e minha solidariedade. Não posso mais remover as favelas, tenho que integrá-las a cidade. Mas nunca é demais, lembrar aquele que transformou o Rio de Janeiro em um lugar

habitável. Meu tataravô. Senhor Francisco F.

Portanto, carioca amigo, peço um pouco de atenção e veja a composição das favelas do nosso Rio. Parafraseio um amigo: "Fico muito aflito. Tudo tem a ver com a violência. Você pega o número de filhos por mãe na Lagoa Rodrigo de Freitas, na Tijuca, Copacabana, é padrão suco. Agora pega na Rocinha. É padrão Zâmbia, Gabão. Isso é uma fabrica de produto marginal".

de cidades. E tome risos.

A esta altura Visgoso já estava tomado por uma entidade. E começou a falar de uma aula magistral do professor Cláudio Upiano sobre Foucault. Mas curiosamente VisgosoAtoleirento da Gravidade nunca havia entrado numa universidade. Estava literalmente sob efeito da entidade. E continuou:

- Uma cidade pestífera traz como problema o fato de haver PESTILENTOS ATUAIS. Pestilentos atuais são todos aqueles que, dentro da cidade, trazem a peste. E a cidade traz, então, o problema de ali haver também os PESTILENTOS VIRTUAIS - aqueles que podem ter a peste. Que é exatamente a grande divisão que se faz numa sociedade pestífera.

Ainda sob efeito do coisa ruim, prossegue:

- Você pega uma cidade pestífera, segundo Foucault, e o que se passa nela é essa divisão: pestilentos atuais e pestilentos virtuais. Pega-se os pestilentos virtuais - logo, pestilentos virtuais se aproximam um pouco da *dinamis* do Aristóteles - são aqueles que podem ter a peste, mas não têm. O que se vai fazer com os pestilentos virtuais é isolá-los; separá-los dos pestilentos atuais.

Pequena pausa para uma

baforada no **charuto**

e uma talagada na **cachaça.**

Tome nota porque isso **é importante...**

retoma o capiroto

Na hora em que essa separação se faz, o poder político começa a exercer uma prática de força constante em cima dos

pestilentos virtuais, numa **administração**

generalizada daquelas vidas - administra-se o alimento, administra-se a moradia, administra-se o vestuário, administra-se o ar..., faz-se uma administração generalizada daquelas vidas! Todos são administrados; e, para continuar

vivendo, todos têm que receber um tipo de **disciplina**,

(Entenderam isso?) que são exatamente o campo de uma

sociedade que tem os virtuais **da peste**.

Esses virtuais são administrados, sobretudo por um **poder**

médico, que **administra** aquelas **vidas**.

Iahahaha!

O que Foucault vai dizer é que a nossa sociedade traz esse modelo. Ela traz esse modelo; então, para a nossa sociedade, todos nós somos pensados como seres virtuais e, não, como seres atuais. E como seres virtuais, as forças vão fazer uma prática de disciplinarização em cima de nós, para constituir o nosso corpo e a nossa alma. Isso é o que ele chama de MÁQUINAS CONCRETAS. Num campo social, as máquinas concretas são as instituições que têm a função de trabalhar nessas

virtualidades: **prisão, hospício, escola,**

exército⁴⁷

Sons...cantos cidade. becos, lugares fétidos, marquises, esconderijos, submundos. Experiências de subterrâneos ⁴⁸. De repente, Visgoso volta em si (?) e percebe que está sentado sob a lápide de senhor Francisco F., mas com uma foto de Eduardinho, o tataraneto de Francisco F. Percebe também que no momento do transe, em seu estado mediúnico envia, virtualmente, pelo seu moderno celular, uma resposta ao tataraneto de Francisco F. Porém, este correio eletrônico, tinha outras questões que de alguma maneira fazia conexão com aquela carta de cem anos.

CORREIO ELETRÔNICO AO TATARANETO DO SENHOR FRANCISCO F.

- Prezado tataraneto do senhor F.

Como o senhor tem passado?

Sei que és homem muito ocupado, mas peço-lhes um dedinho de atenção. Sou um cidadão que pago meus impostos em dia, mesmo tendo morado lá no inferno verde lembra? Pago impostos e ando muito angustiado por conta das inúmeras obras em ruas e avenidas de lugares considerados centrais para o desenvolvimento urbano. Lá na Austragésilo, passado muito tempo, a situação é a mesma. E percebi que o senhor prefeito, embora não tenha acabado com as favelas, apenas pequenas remoções, traçou um plano de modernização ousado. Eu diria imponente. Algo digno do artista demolidor. E para cumprir metas a cidade ficou ainda mais acelerada. Uma correria danada. E, como toda humildade, encaminho um correio que recebi uns dias. Um daqueles correios que vai direto para

⁴⁷ Este discurso foi adaptado a partir de uma aula transcrita do Centro de Estudos Claudio Ulpiano.

⁴⁸ Cf: *Notas do Subterrâneo* de Dostoievsky (2008).

caixa de *span*. Mesmo sabendo do risco de abri-lo, o fiz. Vírus. Viral. Virose. Virtual. Por favor, leia com toda atenção que lhe inerente.

Mobilidade. Urbana.⁴⁹

- Um tipo de velocidade como uma felicidade: *um sim, um não, uma linha reta, uma meta...*⁵⁰ Rapidez, linha reta, meta, desenvolvimento, progresso. Então, aceleremos o tempo.

- Pessoas deslocam-se de um lado para o outro com tamanha rapidez que mal dá para uma conversa **a**fiada. Ritmo mecânico. Pernas e pés apressados. O escritório é objetivo. Nem percebem atmosferas cotidianas⁵¹. Costumam entrar em transportes coletivos que circulam por ruas, avenidas e estradas para chegar algum ponto do que chamamos de cidade. São deslocamentos quase involuntários. Atos involuntários de andar, correr, mexer-se pelas ruas cidade que se aliam as muitas tarefas que o mundo moderno impõe a muita gente.⁵² Normalmente estas tarefas estão relacionadas ao trabalho, seja de que natureza for. Parece que isso está ligado a um cumprimento de dever que vigora na ordem do *kronus*. Vivemos apressados⁵³.

⁴⁹ Ouvir. Di Melo (1975) música *Conformópolis*.

⁵⁰ Cf: Nietzsche (2006). *Crepúsculos dos Ídolos*. p.16

⁵¹ ... Linha Amarela em Bonsucesso, subúrbio do Rio de Janeiro, destino Barra da Tijuca. De repente, ônibus teve sua velocidade interceptada por um policial. Transito na Avenida Airton Sena desviado... tristeza...uma mulher deitada no asfalto com parte do seu corpo coberto com um saco preto [...]

⁵² Uma parada para um cafezinho num boteco também pode ser um deslocar-se, mas diferentemente desta, especialmente quando a parada reativa a memória por meios das sensações. Tudo o que o modelo desenvolvimentista de cidade procura fazer é apagar a memória. Pista. Livro de Samuel Backett sobre Proust (1986) e Marcel Proust *Em Busca do Tempo Perdido*.

⁵³ O tempo *Kronus* (devorador) é o tempo da modernidade diferentemente do *Kairos* - ritmo totalmente diferente - tempo da natureza que foi acelerado pela modernidade. Benjamin diz que: "era de bom tom levar tartarugas para passear pelas galerias". Uma crítica/protesto contra o ritmo acelerado que a vida moderna impôs. Tudo indica que Benjamin mirava a cidade como espaço privilegiado do *flaneur*.

Estes movimentos que ocorrem, na maior parte das vezes, sem influência da vontade tendem a obedecer à lógica acelerada daquilo que se considera desenvolvimento. Ele (o desenvolvimento) força e forja conexões imediatas, de ordem quase obrigatória, causa e efeito com lugares, natureza e pessoas. O modo de vida estanque nas grandes metrópoles acaba por responder, em certa medida, ao tempo devorador. Devorador da lentidão, da preguiça, da história, da memória, das experiências. Xô preguiçosos. Vagabundos.⁵⁴

Os caracóis são moluscos **lerdos.**

Andam muito, muito devagar.

Ninguém tomaria os caracóis **como**

exemplos. Embora suas conchas sejam belas e

construídas **com precisão**

matemática, o que chama a atenção de quem os

observa é **sua pachorra.**

Caracóis **não têm pressa.**

⁵⁴ Cf: *Os Vagabundos do Dharma* (2000) de Jack Kerouac.

Falta-lhes dinamismo, virtude essencial àqueles que vivem

no **mundo moderno**. Quem anda devagar

fica para trás..

... uma fotografia
que ilustra uma revista
é a de um menino,
rosto apoiado na carteira,
a observar
tranquilamente
um caracol
que se arrasta
sobre a tampa
da carteira.

ao voltar para a casa,

queixou-se:

"Mamãe,

dizem:

é preciso

andar rápido,

nada de vagareza,

pra fronte.

pra frente.

Mamãe,

onde é a frente? ⁵⁵

⁵⁵ Fragmento. Rubem Alves (2010) *A pedagogia dos caracóis*.



A cidade desenvolvimentista é assim. A cidade dita a partir de um artigo definidor, portanto, limitador e

hegemônico. A cidade expressa no singular. Singular que sugere universalização de algo nomeado cidade. Sugere esse dizer (cidade) um discurso único. Cidade é (alguma coisa) em si.

Esta perspectiva, através de modos e formas diferentes, sempre fez parte das estratégias de dominação. Por exemplo, o discurso de intervenções emblemático via modernidade do século XX: sanitarismo, higienismo, urbanismo, planejamento urbano, o presente planejamento estratégico e de gestão⁵⁶. Este último alia-se categoricamente ao tempo da administração do tempo - Gestão disso, Gestão daquilo, até mesmo Gestão de pessoas. Uma vontade incontrolável de controle.⁵⁷ Cada um deles constitui seu objeto de intervenção, dito cidade, ao seu modo. Um modo totalizante de dizer: Cidade.

É óbvio que tais construções discursivas operam aliadas aos veículos de comunicação de massa.⁵⁸ Eles ocupam um lugar central para compreensão das formas discursivas totalizantes da contemporaneidade, especialmente àquelas que pretendem instaurar um consenso no que concerne a metrópole idealizada. Não podemos ignorar as formas e conteúdos pelas quais a imprensa tradicional se impõe como efetivo bastião daquilo que vale a pena pensar. Disse certa vez um Belzebu: "Se vocês não chegarem a experimentar um desgosto físico por certas palavras

⁵⁶ Tive mais um pequeno deslize: cometi outro roubo, desta vez de uma das falas do GPMC quando participávamos de um dos encontros do Vamos Desenrolar no Complexo do Alemão cujo tema era: Políticas Públicas e Cidade.

⁵⁷ Cf: Biopolítica. *As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. Uma tecnologia de duas faces: anatômica e biológica. Esses processos caracterizam um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima para baixo. Foucault (1998). p.151/152.* Políticas de gestão social e formação de subjetividades relativamente docilizadas.

⁵⁸ Refere-se ao público médio (acrítico). Expressão cunhada por de Roland Barthes. Embora tal expressão precisa de atualização. Nesta perspectiva não cabe usar, por exemplo, o conceito de massa, já que está ultrapassado e aponta para um discurso tão homogeneizador quanto de dominação tal qual o discurso sobre A Cidade. Cf: *Massa e Poder* (estudo sobre o conceito de massa) de Elias Canetti (1995).

e jargões, aos quais os jornalistas nos habituaram, então, devem renunciar à aspiração da cultura”⁵⁹.

[...] Informação como palavra de ordem que ganha campo nas obtenções de favorecimentos no jogo dos que operam a favor da construção de um discurso totalizador sobre a Cidade, isto é, de um discurso mítico, ideológico e fracassado sobre desenvolvimento e progresso, aliado a questões estéticas. Estes discursos pretendem esconder e dissipar as outras tantas perspectivas e narrativas que se encontram no interior de cidades, que, aliás, estão na contramão desse vetor desenvolvimentista e constroem outras tantas cidades possíveis de habitação, convívio e convivência, horizontalidade, de desejo e, portanto, política.

Mas, o discurso da lógica desenvolvimentista tem por finalidade por em circulação um modo de vida estanque e um tipo de organização nas grandes metrópoles, de modo que a vida seja caudatária do tempo *Kronus*. Para tanto, superinveste em discursos sobre "mobilidade urbana", a fim de tornar factíveis as intervenções urbanísticas. A vida apressada, então, passa a precisar de mobilidade urbana para se articular com o tempo do fazer agora. Nada pode ficar para depois - fazer num outro tempo. Ficar para depois implica em prejuízos na produção e conseqüentemente no desempenho individual.

O desempenho é o critério de julgamento.

O *desempenho* (embora um substantivo abstrato) é uma instância que promete recompensar todos aqueles que possuem (o tal do talento) ou consigam construir um conjunto de características ou capacidade de comportamento e rendimento (seja ele individual ou empresarial), a fim de parecer factível um ganho pessoal ao mesmo tempo em que serve de parâmetro externo e interno de qualquer tipo de concorrência, individual ou empresarial.

⁵⁹ Nietzsche (2003, p.69).

Para exemplificar a ideia de desempenho, prezada mobilidade, chamo atenção para figura do *funcionário do mês* que algumas empresas criaram. Este funcionário reconhecido pelo seu *desempenho* tem sua foto estampada no quadro da empresa para que todos possam ver. Normalmente empresas de *fast foods* e outras do gênero têm esse hábito. Outras empresas sofisticaram este procedimento desde uma simples gratificação à viagem para algum lugar do Brasil ou do exterior. O que se exige desse funcionário é que ele cumpra as responsabilidades a ele destinadas, bem como as da empresa que o contratou: não falte, não chegue *atrasado*, seja pró-ativo (este tópico é essencial), colaborativo, trabalhe em equipe, tenha boa relação interpessoal em fim vista a camisa da empresa. Uma máquina de se comportar para então ser premiado no final do mês.

Portanto, ficar para depois indica atraso, lentidão características insuportáveis à vida apressada. Ao progresso⁶⁰. Ao desenvolvimento. O que está a serviço desse desenvolvimento? As forças predativas. Elas são responsáveis por criarem desenraizamentos, destruição da história e da memória como possibilidade de experiências. Experiência de mundo que Descartes transformou em representação do mundo - ciência cartesiana dominando o mundo fora da experiência. Construção de uma racionalidade que desse conta do mundo, das experiências do mundo.

Ah! Ia me esquecendo: as metrópoles se constituíram como campo de batalhas, muito por conta do controle e ocupação de áreas urbanas inteiras. Na tentativa de recuperar o espaço urbano abandonado, o estado usa estratégias militares e outros

⁶⁰ O progresso é a ilusão da evolução, da melhoria que seria capaz de transformar a vida social e conferir-lhe maior significação no contexto da experiência humana, de modo que problemas da civilização não só fossem solucionados, mas também aparecesse como valoração tácita do desenvolvimento. Daí a oposição de um Belzebu (Nietzsche) à idéia de "melhoramento do homem".

artifícios, até mesmo incêndios em determinadas ocupações “impeditivas” ao desenvolvimento (isso não é novo). “As campanhas da Administração Pública nas quais visam à retomada e *reforma* da infra-estrutura urbana são indicativas de uma nova situação na política da cidade. Enquanto novos projetos corporativos de desenvolvimento urbano são implantados subvertendo a legislação e apropriando áreas inteiras da cidade, as populações excluídas atacam o restante do espólio do espaço urbano” ⁶¹.

Assim me firmo,

Tisnado, o coxo, parceiro de VisgosoAtoleirento.

Rio de Janeiro, 29 de maio de 2013.

- Desculpe senhor prefeito se o cansei com este correio imenso. Mas, eu recebi, achei interessante e repassei para minha *mallng list*. E o senhor faz parte dela. Não sei se fiz certo, mas ando tão angustiado que resolvi enviá-lo mesmo sabendo que andas muito ocupado com as muitas reuniões com os investidores que desejam ardentemente fazer desta cidade a mais bela de todo planeta. E quem sabe podes na sua distinta e magnânima postura reservar um tantinho de nada de sua preciosa atenção. Sei que é um pedido ambicioso, mas, por favor, senhor tataraneto do senhor Francisco F., ajuda-me, eu suplico.

RESPOSTA DO TATARANETO DE FRANCISCO F.

Querido carioca,

Sei que é gente fina. Todo carioca é gente boa. Seu e-mail me deixou feliz. Li atentamente, mesmo com esta enorme

⁶¹ Cf: Arte/Cidade. Máquinas de Guerra contras os Aparelhos de Captura. Disponível em http://www.artecidade.org.br/novo/publicacoes/fotonovela/maquinas_de_guerra_ebook_pt.pdf acesso em 21/05/2016.

ladainha desse tal de Tisnado, o coxo. Passo respondê-lo com todas as minhas boas intenções e com aquele meu sorriso de sempre que você e todos os cariocas conhecem muito bem.

Eu, na qualidade de Prefeito desta cidade, gostaria de ser lembrado como o meu tataravô. Certamente você já deve ter ouvido falar dele. Sr. Francisco F. veja um de seus discursos, fodásticos, mais famosos do início do século XX.

- Precisamos traçar e promover metas de modernização a fim de apagar a imagem negativa de 'cidade pestilenta', afinal a busca pelo progresso e um reconhecimento no exterior não podem ter como marco a (in) salubridade. A nossa preocupação com a ordem pública se configurava por meio da remoção de todo o tipo de epidemias, moradores de rua, prostitutas etc. A cidade não pode ser mais chamada capital pestilenta. Vamos acabar com os problemas destas habitações anti-sanitárias. Vamos promover saúde pública com habitações decentes. E não me diga os adversários que esta é uma política higienista. O que queremos não é apenas controlar, mas eliminar os lugares que consideramos de degeneração e focos de doenças. As famílias brasileiras, os bons costumes e a ordem nacional devem ser mantidos. Para tanto, os favelados e as favelas devem ser eliminados do convívio social, exatamente por representarem uma ameaça.

Certamente amigo carioca, hoje as coisas já não são mais assim, pois até mesmo, os moradores de aglomerações subnormais têm meu apoio, minha admiração e minha solidariedade. Sei que aquela gente da favela é sofrida pra caralho. Não posso mais remover as favelas, tenho que integrá-las a cidade. Mas nunca é demais, relembrar aquele que transformou o Rio de Janeiro em um lugar habitável. Meu tataravô. Senhor Francisco F.

Mas, carioca amigo, peço um pouco de atenção e veja a composição *das favelas* do nosso Rio. Parafraseio um amigo: "Fico muito aflito. Tudo tem a ver com a violência. Você pega o número de filhos por mãe na Lagoa Rodrigo de Freitas, na

Tijuca, Copacabana, é padrão sueco. Agora pega na Rocinha. É padrão Zâmbia, Gabão. Isso é uma fabrica de produto marginal”⁶². Caralho! Aí foda parceiro. Cheio de bandido naquela merda.

Não fique chateado comigo, pois sei que você concorda com nossa meta de fazer o Rio um lugar para todos. Ah! não se esqueça da nossa festinha em comemoração aos 450 anos do nosso Rio. Vai ter um monte de piranha parceiro. Elas vão vir lá daquele puteiro que eu já fui dono.

Um forte abraço do seu amigo,

Atenciosamente Tataraneto do senhor Francisco F.

⁶² Declaração do Governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral saiu em parte dos jornais locais no dia 25 de outubro de 2007. Dois dias depois o editorial do O Globo trazia a seguinte opinião: "as camadas pobres da população converteram-se numa fábrica de reposição de mão-de-obra para o exército da criminalidade". Isso arrolou pelos dias seguintes.

: Obragens de Cramulhão

mobilidade urbana

⁶³ Mobilidade Urbana

⁶³ O que nomeio de Mobilidade Urbana são crônicas do cotidiano. E volta-se para estórias dentro de coletivos, especialmente no Rio de Janeiro. Trata-se de uma provocação, é claro, com a ideia de mobilidade urbana que ronda os planejamentos acerca dos deslocamentos de pessoas e cargas no espaço urbano. Então, como é bom não levarmos a vida muito a sério resolvi brincar de escrever pequenas/grandes histórias sob a atmosfera dos coletivos cariocas. *Crônicas. Do ir-vir-parar* tem estórias bem humoradas de pessoas desconhecidas e que instituem grandezas de narrativas pitorescas.

HISTÉRICA DO 312

- Pára motorista páaraaaaaaaaaaaaaa....

Madame vestida de longo, bolsa de mão importada, brincos exuberantes de ouro maciço, maquiagem e... salto Luiz XV, puxa a cigarra como quem fosse arrebentá-la e ordena que o motorista pare...

Ainda não chegara ponto.

Todos os passageiros, agora, com olhos fixados nela...

Motorista pára e olha de rabo de olho para a madame ao mesmo tempo em que olha para aviso:

Proibido parar fora do ponto

Motorista desta vez olha para madame da cabeça aos pés

Ouve-se a diminuição da marcha... ônibus pára...

Ela desce ao tilintar do salto...

Todos riem ...

A PAQUERA

- Ela não parava de me

olhar...Fiquei assustada!

Falava cobradora da linha 485 Ilha do Fundão. Rindo o motorista responde:

- As mulheres estão atrevidas mesmo...
- Vê se pode eu sendo paquerada por uma mulher, ninguém merece...

Cobradora olhando num pequeno espelho retoca o batom...

Motorista - Risos...

- Não tenho nada contra não, **cada um com** seu

cada **um**, mas logo comigo...

Cobradora, mulher de uns 40 anos, cabelos negros, compridos e lisos, corpo esguio, pele morena...bonita...

- A menina me olhava sem parar...quando me dei conta ela estava ao meu lado quase me...perguntei:

- você quer alguma coisa?
- Eu...não...

- Nossa fiquei gelada! Uma tremenda **sapatona** com os

olhos grudados em mim.

O coletivo passava por um lugar ermo...freada inesperada do motorista.

- Eita Jorge! Desse jeito você faz eu me borrar toda.

Cobradora segurando um espelho reforça o **batom**

vermelho em seus lábios....

PANCADARIA

- Separa, separa pelo amor de Deus!
- Motorista pára o ônibus eu quero descer...
- Larga ele, larga ele!

Uma gritaria danada. Passageiros da linha 292 Inhaúma/Praça XV estavam desesperados. Outros passageiros de outro coletivo faziam aquele alarido ao ver tal cena.

- Caramba que gritaria é aquela? A porrada tá estancando lá dentro - comenta um passageiro rindo.
- Deve ser briga de mulher - completou outro.

Enquanto o coletivo continuava parado, no outro ônibus - da mesma viação que passava ao lado - o maior zum zum zum. Era 08h da manhã. O motorista para em frente ao fiscal... passageiros do coletivo em briga invadiram apavorados.

Relatos...

- Nossa ele quase matou o motorista. Aquele garoto é maluco.
- Nenhum homem tentou separar a briga. Isso é um absurdo!

- Caralho o moleque franzinho deu um soco na cara do piloto quando ele fazia a curva. O cara quase perdeu a direção viado.

O motorista não havia parado no ponto da **favela**

Nova Brasília (Complexo do Alemão) para o rapaz.

A frente um pequeno engarrafamento e o motorista abre a porta para uma mulher. O Passageiro alcança o ônibus:

- Eu fiz sinal lá no ponto da NB e você passou direto né. Mas pra ela você parou fora do ponto né...você é bem engraçadinho...
- Parei pra ela mesmo. Há algum problema?
- Ô rapaz você deve parar pra todo mundo heim. Só porque é

mulher você para fora do ponto. É tua mulher por acaso?

Começa a discussão.

- Se é ou não tu não tem nada que se meter mermão.

- O quê? Fala direto comigo seu **pela saco.**

- Falo do jeito que eu quiser seu **favelado** - retruca o motorista.

- Vai tomar no cú seu safado.

- Vai você.

- Ah é ...então segura essa!

O passageiro acerta o olho do motorista com um forte soco - ônibus em movimento.

- Pelo amor de Deus motorista segura o volante...

Agonia...

- Tira ele de cima do motorista!

- Ai, ai, ai...tô passando mal...

Uns diziam que o motorista era culpado, outros diziam que o rapaz era doido. 8h30 da manhã. Passageiros pedem para motorista prosseguir o trajeto. O motorista dá continuidade ao itinerário, mesmo com o olho roxo...

Comentários...muitos comentários...

BABADO NO 254

- Você é **mentiroso** Dirceu!

- **Eu?** Olha só... acho que você está equivocada...

- Você é **muito** cara de pau né não... eu te liguei várias vezes ontem e você se quer atendeu o telefone e ainda diz que estou equivocada.

- **Fala baixo...**

- você tá todo errado e ainda me pede para falar baixo... Nesse instante Robertinho não quis olhar, mas... a força do hábito e a curiosidade levaram a ficar atento a conversa dos pombinhos. Robertinho entrara no coletivo 254 na Central do Brasil - direção Madureira - e sem se aperceber da discussão, que já rolava antes dele tomar o ônibus, sentou-se no banco atrás do casal.

- Onde você estava ontem Dirceu?

- É...

- Não tem **explicação!** Você é um tremendo cara de madeira, **sem vergonha....**

- Eu tentei te ligar mas... a bateria estava descarregada.

- Que **desculpa** esfarrapada.

- É sério **pode perguntar...**

- Perguntar quem? Sua mãe aquela...

- Peraí **Marilda**, minha mãe não! Sem essa de botar minha mãe na parada.

- Cara você me deixou plantada na porta do...e se quer me deu uma explicação plausível. Aliás, o que você fez é típico de

homemzinho cretino...

- Você não **deixa** nem **eu falar**.

- Deixar você **falar?** Você se acha ainda no direito falar?

O cochicho estava virando um ringue. Robertinho, disfarçadamente, com nada, fingia não ouvir. O babado rolava solto (254 - Praça XV/ Madureira). Ele que sentara, despretensiosamente, atrás do casal, não desgrudava os ouvidos do...diálogo amoroso. Na verdade ele queria saber o desfecho daquele bololo.

- Não sei como pude me casar contigo. Estava cega!

Criatura sem vergonha!

Marilda despeja a raiva como um rojão nos dias de clássico no Maracanã. Ela vociferava silenciosa e impiedosamente. Suas caras e bocas denunciavam que o babado não acabaria assim. Embora, tudo acontecia dentro da maior elegância, descrição e...ódio mortal.

Dirceu quieto permanecia. Ele não encontrara nenhum argumento que pudesse apaziguar o rancor que tomou conta de sua amada. Decerto ele estava arquitetando algum argumento mais convincente de que o da bateria descarregada do celular.

Estava chegando o ponto de Robertinho. Ele não queria perder o desfecho da história. Apesar de o rolo parecer não ter fim ou caminhar para um fim desastroso. Robertinho

levantou-se vagarosamente deu uma olhadinha básica para o casal, riu, puxou a cigarra e desceu no ponto da UERJ.

VALDÉCIO

- Alô! Alô! Alô!

Um homem tentava responder a chamada para seu celular. Linha

292, Avenida Brasil, próximo ao **Cemitério do**

Caju.

- Quem? **Fala mais alto!**

Parecia não entender direito e um tanto atrapalhado. Segurava no ferro com uma das mãos e com a outra segurava o

celular e mais carteira/agenda debaixo **do**

sovaco.

- Olha eu não **tô ouvindo** nada tá muito

barulho...

A comunicação falhava...ruidos...mas do outro lado da linha insistência...

- Quem é? Val...o que heim?

Ruídos...

- Valdécio...**quem é você? Te**

conheço? - aos gritos...

Nesta altura todos do coletivo acompanhavam sua tentativa de

falar ao celular.

— **Olha rapaz** liga daqui uns 10 minutinhos tô no

ônibus e já tô descendo.

O senhor vestido de calça de linho misturado, cor areia, blusão colorido, sapatinho branco a lá Bezerra da Silva fala à mulher que lhe fazia companhia:

- **É** um tal de **Valdécio.**

Ela olha para ele e pergunta:

- Quem é esse Valdécio? Miranda!

Ele olha de volta com um sorriso amarelo...

- **Ou é aquela piranha da**

Val...(direne)...

- **Vamos amor** chegou nosso ponto.

Desceram em frente **ao cemitério do Caju.**

BIG FIELD

O relógio marcava 22h03 quando se formava uma fila na espera do 398 - trajeto Campo Grande/Tiradentes. Os minutos se passavam e a angustia aumentava, já que a situação se repetia:

passageiros formando fila, **ônibus** que não chegava

(embora tivessem muitos no ponto final), hora passando e trabalhadores cansados na tentativa de chegar ao doce lar. De repente surge um diálogo:

- Nossa esse ônibus é um horror! Que **demora!**

Dizia uma moça simpática encabeçando a fila.

- É...sempre é assim...eles fazem **pouco**

caso...

- Essa empresa detém o monopólio daqui da região, além disso, é uma **lata velha.**

- É verdade! O pior só tem ônibus velho, **caindo**

aos pedaços, ainda bem que venho aqui - Campo

Grande - somente as terças feiras, embora terei que vir às segundas e quartas - respondeu um rapaz na fila.

- Que bom para você. Eu estou aqui todos os dias. Gosto do meu trabalho, mas esse ônibus ninguém merece.

- Isso é um **lixo!**

Ambos nesse momento riram em sinal de concordância. Parece

que a demora da “lata velha” fora amenizada pelo bate-papo agradável. Ela trabalhava numa faculdade de ensino à distância ele, bem...

- Ontem choveu muito! Fiquei **agarrado no trânsito** e impedido de chegar ao trabalho.

- Nossa foi triste. Muita **chuva** mesmo.

Nesse momento ela trocava uma sandália de salto alto por uma de salto baixo, pois estava cansada de aguardar o coletivo e suas pernas estavam doendo.

- Eu venho prevenida - disse rindo.

Papo vai, papo vem o bendito ônibus chega. Ao sentarem **na cadeira** notam que estava muito apertado e trocam de lugar. Ela revelou que é advogada e ele vendedor. O papo rolava quando a chuva resolveu cair e o pior **dentro do ônibus.**

- Isso é uma lata velha mesmo, até **goteira tem.**

- Só falta ter **barata também.**

Ambos riram.

Os ônibus, como quase todos daquela viação, eram feios, velhos, sem manutenção, com buracos no assoalho, no teto e....

- Caramba que **barulho** é esse?

- Sei lá! Deve ser mais um daqueles cotidianos

- Essa **lata velha** não **pode**

enguiçar.

- Nem fala isso.

O bate-papo estava muito agradável. Trabalho, culturas, vida pessoal etc. estavam presente na conversa. Um novo

barulho deixou os **passageiros**

apreensivos. Mas...

- Não **acredito!** Essa **“lata velha”**

enguiçou...

- Essas porcarias só vivem enguiçando.

O motorista, depois de várias tentativas, dá **0**

veredicto:

- Enguiçou! Deve ser a correia...

- Putzzzzzzzzzzzzz!!!! Logo agora!

- hahahahaha...isso é uma lata velha da

pior espécie.

- e agora...não **vou** descer **na chuva** não.

- descer na chuva é uma afronta. **Que merda!**

- **Aí** piloto vamos dar um tranco nessa

geringonça - um passageiro se prontificou.

- **vamos lá** rapaziada se não vamos ficar aqui até

amanhã, pois outro **só quando Jesus**

voltar...

Os homens começam a descer **para empurrar**

a lata velha. Um...dois...três...o motor, no maior

sufoco, volta a funcionar...

- uhhuu! Piloto não pára pra ninguém...agora é direção heim...

Os passageiros começaram a rir. Parecia uma piada. 23h15min, 398, na Avenida Brasil (altura de Guadalupe), chovendo, a lata velha enguiça e precisa de um tranco dos passageiros (homens - as mulheres nem se moveram e alguns homens também) para voltar a funcionar. Que ironia! Paga-se passagens, espera-se uns 30 minutos, chega uma lata velha, enguiça no meio do nada e ainda os passageiros têm empurrar o ônibus debaixo de chuva.

O CERTO É O CERTO

- **Dorme** lá em casa **hoje.**

- Eu não **Durmo não.** Lá só tem **Judas.**

- Vai lá pra casa - insistia a senhora.

- Só **porque** eu **tô com dinheiro**

hoje você me chama **pra** ir pra **tua casa...**

Um homem discutia com uma **mulher.**

- A Adriana me deve **noventa real** e só quer

meu dinheiro. Sua casa só tem **Judas** morô. Fica todo

mundo esperando eu receber meus trocados **pra dar o**

bote. Mas eu num vou lá não...o certo é o **certo...**

O 896 saiu do ponto final da Pavuna em direção a Inhaúma já com a conversa rolando.

- O certo é o certo...eu tô...

Ligeiramente perturbado pelo álcool... Seu Domingo falava... um anacoluto total. Parecia fala de anjo - línguas estranhas - ninguém entende nada...tava chapado.

- O certo é o certo....hummm...lá só tem

Judas...vocês querem minha merrequinha....

A senhora que o acompanha já não falava mais nada.

- Não vou pra sua casa não mãe... **todo mundo**

lá **é Judas...** o certo é o certo **morô...**

Após a voz dele seguia um...silêncio...Longo

silêncio...vários pontos passaram **até...**

- o certo é o certo...

E mais mistério ...fala de **anjo...**

Chegou o momento de descer do ônibus. Ponto da Praça de Inhaúma.

Vamos mãe chegou o ponto...o certo é o certo **né**

não...

A senhora acordou meio zozza e ambos desceram.

: Obragens de Cramulhão

fragmentos complexos. as cidades do alemão





Fragmentos. Complexos.

O desejo é a mola propulsora tanto como falta como potência na produção de subjetividades - modos de vida que não se deixam capturar e constroem outros espaços de afetação. O problema que a nova política tem de frente é precisamente este: "é possível uma comunidade política que seja orientada exclusivamente pela fruição da vida humana? Precisamente a ideia de vida feliz parece ser uma das tarefas primordiais do pensamento vindouro". A vida feliz propagada pelos modelos de gestão (bio-política) não são capazes de capturar os modos de vida vividos nas cidades. "Trata-se de uma vida "suficiente" e absolutamente profana que atingiu a perfeição da própria potência acerca da qual a soberania e o direito não promovem mais qualquer captura".



CIDADES do Alemão. Conversas, imagens, relatos, risos, brincadeiras e...um tabuleiro desenrolado no chão que servia de suporte para que pessoas fizessem qualquer tipo de intervenção. Jogadas. Cartadas. Dizeres. Afectos. Era dia de mais uma intervenção / oficina/diabrura do GPMC, aquelas que nos deixam, pelo menos, pensativos. Após o primeiro momento de falação, especialmente muito provocado por uma imagem chapada de um ator novelesco aparamentado com roupas do exército brasileiro e empunhando uma bandeira do Brasil no alto de uma favela, seguiu-se o jogo numa espécie de carto-grafia. Lançando mão de uma jogada Raphi jogou para rolo/desenrolo balas sortidas, aquelas que quando crianças vivíamos mastigando. Elas eram bem coloridas. Cores. Colorido. Vida. A seguir Letícia deu outra cartada: uma armação de uma pipa, fragmento que pegara na rua depois de um bate papo com uma criança acerca daquele pedaço de bambu revestido de linha e papel. As cartadas continuaram de modo bem lúdico. Uma gaiivota surgiu das mãos de Renato Tutsis. Ele fez referência às brincadeiras de quando era menino no morro do Alemão.

Depois um gerequinho/calango - minha cartada. Já aqui anunciava quanto esta inventividade infantil marcara minha vida - misturadas a outras cartadas. Enquanto as cartadas iam rolando três crianças brincavam no tabuleiro. Eles estavam, acompanhados por Eclea mãe de Fredinho (um garoto pra lá de esperto). Todos desenvolviam objetos de e com papel usando linhas, cola, canetinhas coloridas e muita imaginação. A cada cartada minha memória se atualizava com cenas da minha infância e daí e (re)

imaginava

meu mundo

infantil, como criança pobre que nascera no bairro de Bonsucesso e posteriormente fora morar no Conjunto de Favelas do Alemão. Muitos amigos se foram por "balas perdidas". Eu e outros sobrevivemos. Sobrevida. Vivemos. Vida. Ação,

movimento. Criação. Inventividade. Nem isso, nem aquilo. Quem sabe outra coisa qualquer. Em dado momento percebi que as imagens, jogadas, escritos, falas atravessavam-me de tal modo que não hesitei em compor e contar um pouco das minhas brincadeiras de crianças. Menino. Garoto. Moleque. Guri. Saci. Notadamente elas estavam envolvidas numa das brincadeiras mais envolventes quando criança. Pipa. Embora o futebol tenha igual ou maior influência em minha vida - até citei um caso que fui expulso de campo e voltará a-mando do chefão, risos. Mas a pipa foi, por questões sei lá quais, puro afeto e invenção, a jogada do momento. Composta por três varetas finas de bambus linhas e papel tinha um formato retangular na parte superior e ia ganhando formato triangular na parte inferior. Compunham também rabiola e cabresto, além de um carretel de linha para por aquele pedaço de papel com três varezinhas no ar. Pipa é

assim? Puro delírio. Rabiola era feita de um pedaço de linha com fitilhos de papel amarrados e que ficava fixado na ponta inferior da pipa e o cabresto feito de linha amarrado na parte superior e inferior, mas somente onde estava situado o papel, onde dizíamos encapar

Pipa.

P-i-p-a.

pi-pa.

Pi. Pa.

Pai. Pia.

Ai. Ia.

Pia. Nas conversas do jogo, isto é, cartadas no tabuleiro seguidas de falas sobre a cartada, eu insistia

em dizer que feitura deste brinquedo era uma construção artesanal altamente inventiva. Certa nostalgia, talvez, mas nostalgia hoje. Que delícia. Ao prosseguir com e no jogo, inclusive tensionando o modo de fazer e brincar de hoje, percebi que minha memória levava-me por lugares dóceis, simples, de magia, mas também por lugares densos. Em dado momento não conseguir conter a emoção, voz embargada, olhos marejados e aparato mnemônico ativado por tantas jogadas.

Cartadas .

Imagens .

Memórias .

Afectos .

Cidades

do

Alemão .

Minha

cartada :

brincadeiras de criança. Inocência, esquecimento, indica para um espírito dono de si, livre de dogmas e, portanto, criadores de valores. A criança é pureza, potência, espírito livre, alegria, portanto, obra de arte. Da arte de ser criança que nós adultos perdemos para o mundo das exigências do trabalho, para as muitas tarefas que desempenhamos, para a vida reativa, para o consumo como forma de se inscrever no mundo, para A Verdade. Pureza não por ser inocente no sentido de jogo da vida, até porque ela (a criança) sabe muito bem e muito espertamente como engabelar-nos. Dianhoszinhos e dianhaszinhas. Mas pureza em relação a um estado de

candura, inocência diante de um mundo voraz.

Desenvolvimento e progresso. Talvez aí resida a potência desse estado da arte. Da arte de fazer-se, tornar-se, querer-se. Da arte que se impõe pela sua grandeza, beleza e potência. Potência que para além da força, torna a vida mais intensa, mais vigorosa, mais querida. Espírito livre. Somente a pessoa de espírito livre é capaz de inventar, criar e recriar o mundo e as coisas.

A criança, certamente tem o espírito livre capaz de tornar a vida uma obra de arte. Uma afirmação tão poderosa quanto a sua inocência e esquecimento. A arte no seu estado de pureza é assim: Ele nos arrebatava tal como uma criança. Daí brincadeiras de crianças para mim são como "um canto à vida". Cartadas. Imagens. Memórias. Afectos. Cidades do Alemão. Minha cartada: brincadeiras de criança.





O termo Complexo do Alemão, além de redutor é insuficiente para aludir à região. É um termo cunhado pela imprensa tradicional abraçado pelos órgãos do Estado e o senso comum e que passa ao largo da complexidade e diversidade local. Seria um equívoco supor qualquer tipo de homogeneidade interna por conta da denominação de uma área como "complexo". Morro da Esperança/Conjunto de Favelas do Alemão.





Nos arredores da cidade de Vassouras, Rio de Janeiro, havia uma criatura marginal e desagradada. Espantava todos os velhos e crianças com sua piura atemorizante. Percambulava entre os lixos e detritos da cidade, tinha cheiro de podridão e excremento. Se suas expressões falassem... fragância noturna.

O pobre diabo era fruto de mutação genética e adultério. Sua mãe traiu o marido com um gato e era criada em abacaxi. Comia 6 rodelas da fruta pela manhã e ao longo do dia belia cerca de 10 litros de rúes. Sentia-se repelida por uma força estranha toda vez que se deparava com gatos e abacaxis. Mas como ia dizendo foi amaldiçoado logo no dia de seu nascimento, durante o parto uniram-se uros e miodes pesozes. Matou sua mãe sem intenção, em seu ato natural de escapar do útero, rasgou sua mãe por dentro com suas garras abiadas e seu catela coroa-de-dóodi. Levantou-se do leito rapidamente e seu olhar para mãe, partiu.

Seus dias consistem em comer lixo durante o almoço e ser espancado pelos jovens capiros nos rios morderizados. Há quem diga que seus dias mudaram, especialmente quando passou um lugar do CRT denominado Capas. Ah! tornou-se uma leuda. O homem gato abacaxi fruto de mutação Genética e adultério, Agora vive nas Cidades do Aleuas.





AGCA

GOVERNMENT
METAR
SE
TO
OBRS

SMITH

1871





HARDENED SHACKLE

PADO

E-50

MADE IN BRAZIL





FRAGMENTOS. COMPLEXOS.

Em dezembro de 2013 um coletivo que atua no Conjunto de Favelas do Alemão recebeu a TV ONU, a fim de percorrer alguns lugares da favela que foram atingidos pelas fortes chuvas. O coletivo, dentre alguns lugares visitados, esteve no Morro da Esperança/Pedra do Sapo - um dos cinco topos do Alemão. Logo de início percebemos que a situação de muitas famílias era delicadíssima, pois as moradias onde residiam corriam riscos de desabamentos (como aconteceu com algumas). Houve mobilização para atenuar a situação desumana que tais famílias encontravam-se. Muitas doações, organização e pressão para que Secretarias específicas do Estado e Município do Rio de Janeiro dessem uma resposta urgente - aqui a burocracia impera e emperra. Era preciso cadastrar as famílias que estavam em situação de urgência - com casas desmoronando ou sem casas. Conseguimos que algumas famílias fossem para Vila Olímpica Carlos Castilho, na Estrada do Itararé, nas proximidades da Grota. Lá foi um ponto de referência para nos organizarmos e decidirmos junto com as famílias qual o passo seguinte. Coube alguns de nós (re)visitar o Morro da Esperança para auxiliar em tais cadastros (eu estava extenuado física e emocionalmente por conta de tudo que vi e vivi na ocasião), mesmo sabendo que esta não era nossa tarefa de fato e de ofício, tínhamos plena convicção disso, mas a ideia era adiantar o trabalho de agentes do Estado e Município (exatamente por conta da burocracia), para depois pressioná-los em próximas reuniões. Até porque, nas condições que chegou, a nossa tentativa era de diminuir inclusive o número de desabrigados e de mortes.

No percurso fiz opção de fazer uns registros fotográficos fossem para auxiliar no relatório da ONU, fossem para compor minhas intervenções, nãis quais uma delas nomeei de Fragmentos Complexos. Uma tentativa de dizer mundos de diferentes perspectivas a partir de fragmentos. E até para recompor um tipo de discussão que passa pela ideia de cidade. E neste caso pela ideia de favela.

Britadeiras. Mãos de homens brita-de-iras. Sol a pino. Mais um dia de trabalho. Chamados de peões, vestindo uniforme azul e botas eles trabalhavam. Em suas marmitas o cheiro inebriante daquela comidinha caseira, cochilavam um cochilo dos deuses, conversavam, riam, encarnavam-se... muito barulho. Quebradeira. Obras inacabadas. Espaços cheios de entulho. Remoções. PAC. Vai e vem de pessoas. Descida da rua. Um som vindo de uma modéstia casa parecia enfeitiçar trabalhadores e passantes. Um som raro disputava espaço e temporalidade com as brita-de-iras ensurdecedoras. Entrava na disputa de poder dizer algo. Um violão de fundo e um fagote terrivelmente paralisante soavam naquele espaço de brita-de-iras. Nos cinqüentas primeiros segundos em que o som adentrava pelos ouvidos eram como se ele marcasse um tempo diferente. Temporalidade e espacialidade diferente. Enquanto as brita-de-iras eram sufocantes, asfixiantes e ensurdecedoras o som do fagote marcava um tempo do caracol. Da vagareza. Da lentidão. Da preguiça. E pedia...

Deixa-me ir
preciso andar
vou por aí a procurar
sorrir pra não chorar⁶⁴

Um senhor negro de um pouco mais de sessenta anos, consertador de objetos - faz tudo -, abria outra parte da janela de sua casa. A intensidade do som é impossível deter. Ele extrapola, rompe, abre brechas... Trabalhadores do PAC sentados,

⁶⁴ Canção de Candeia na voz de Cartola.

deitados, extasiados. O violão e o fagote pareciam querer provocar outro tipo de experiência pralém daquele tipo de trabalho. O som era potente e insistia

**Se alguém for lhe perguntar
diga que só voltar
depois que me encontrar**

Senhor Miguel, abriira a janela de sua modéstia casa e compartilhara uma experiência indescritível. Era como se estivesse presenteando a todos que alia passavam. Enquanto as brita-de-iras sufocvam e ensurdeciam, Cartola na letra de Candeia, pedia

**Deixa-me ir
preciso andar
vou por aí a procurar
sorrir pra não chorar**

Avenida Central, nº 30 / Morro do Alemão / Rio de Janeiro.
Residência do senhor Miguel

OD E

AS
 CIDADES
 IDADES
 IDA
 DIA
 IA

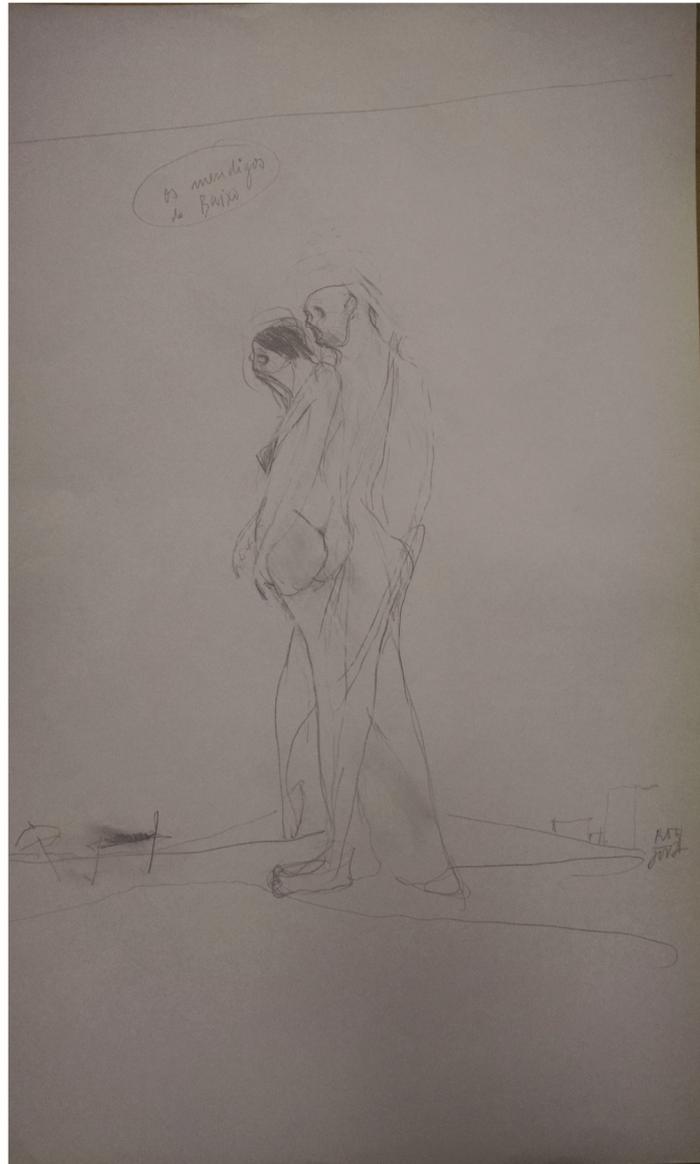
ALEM
 LEMA
 MELA
 LAME-ELA-CIDA
 MÃO-DE-SEDA
 DA-DA-DE
 DICAS-SICA

AS
 MEL-DE-CIDA
 DE-SEDA
 DE-SADE
 MÃO-DE-SEDA
 DE-CIDA
 ALEMÃO

ÃO
 SACI
 CÃO
 AS
 CIDADES
 DO
 ALEMÃO

Fragmentos Outros

Dora Dor Dor Ora Dor Ora Dora

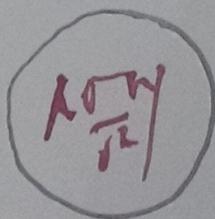


**DIGA
NÃO
AO
VANDALISMO**

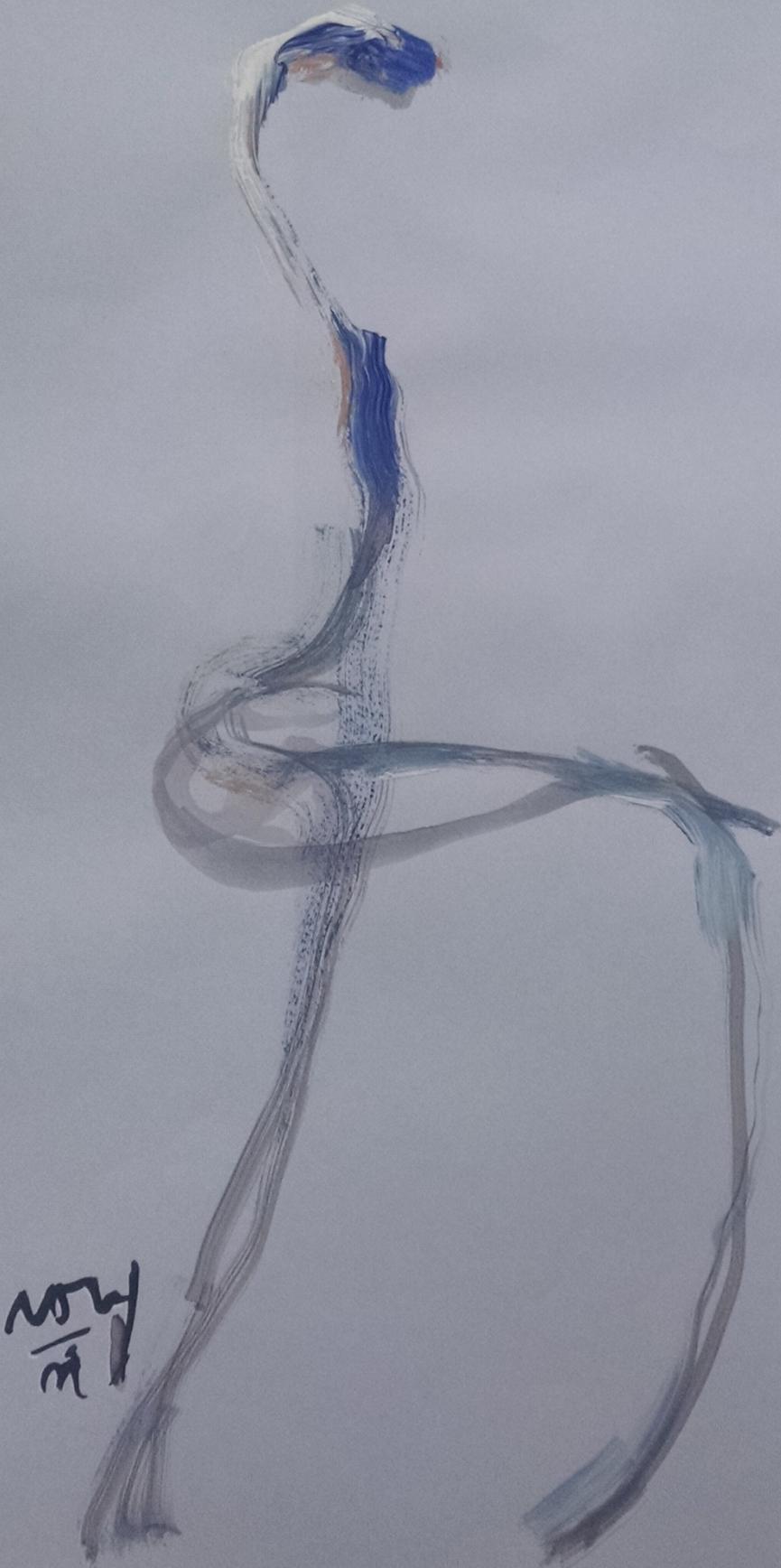
cartografia íntima



Striper



Mrsa de Klein



M
Klein

os mendigos
do Bairro



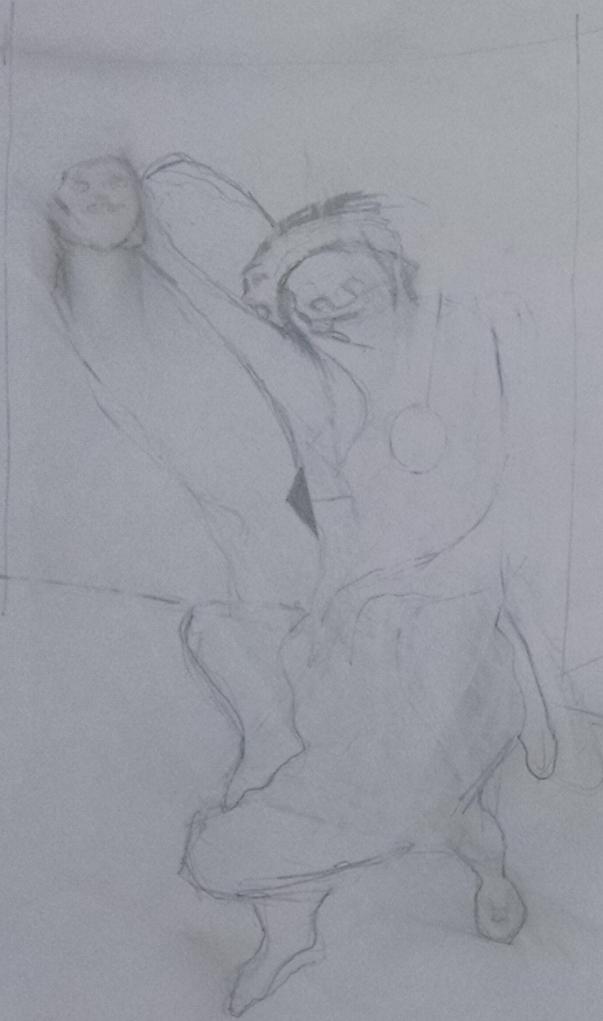
1905
JMA

sei, cachorro



20
20

afarete-x de mim



10/11/2003
(Para do
Amigo
70)

Os mentirosos
Tijucas



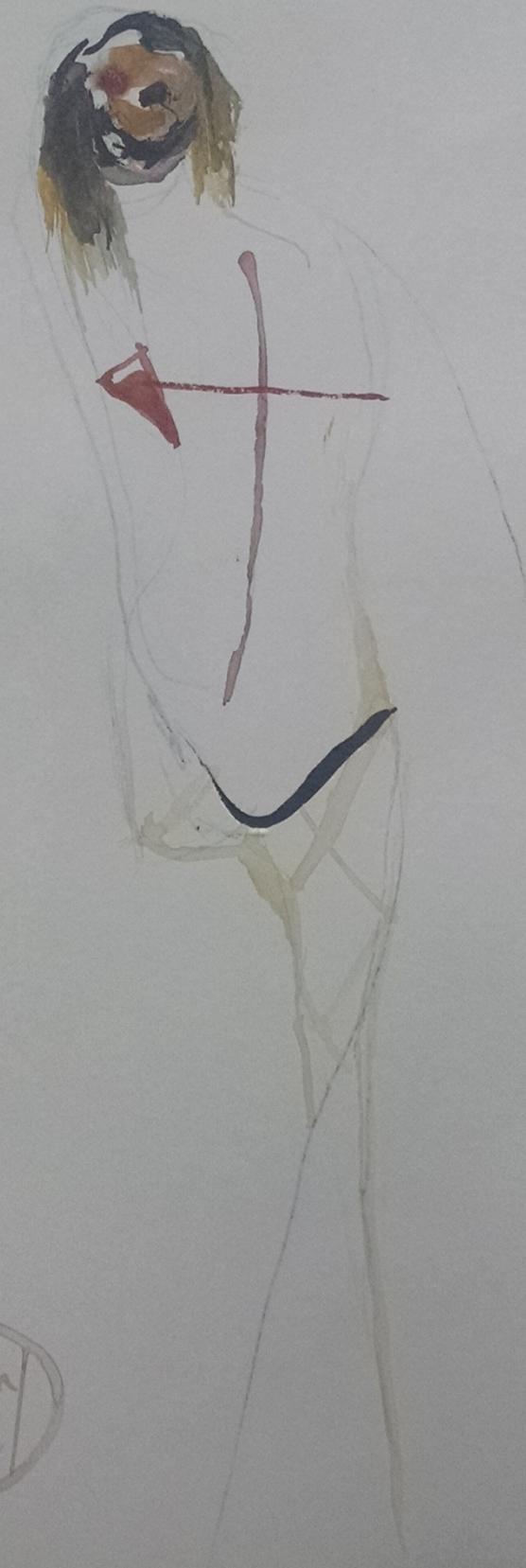
12/11
2012

no estúdio
fotográfico

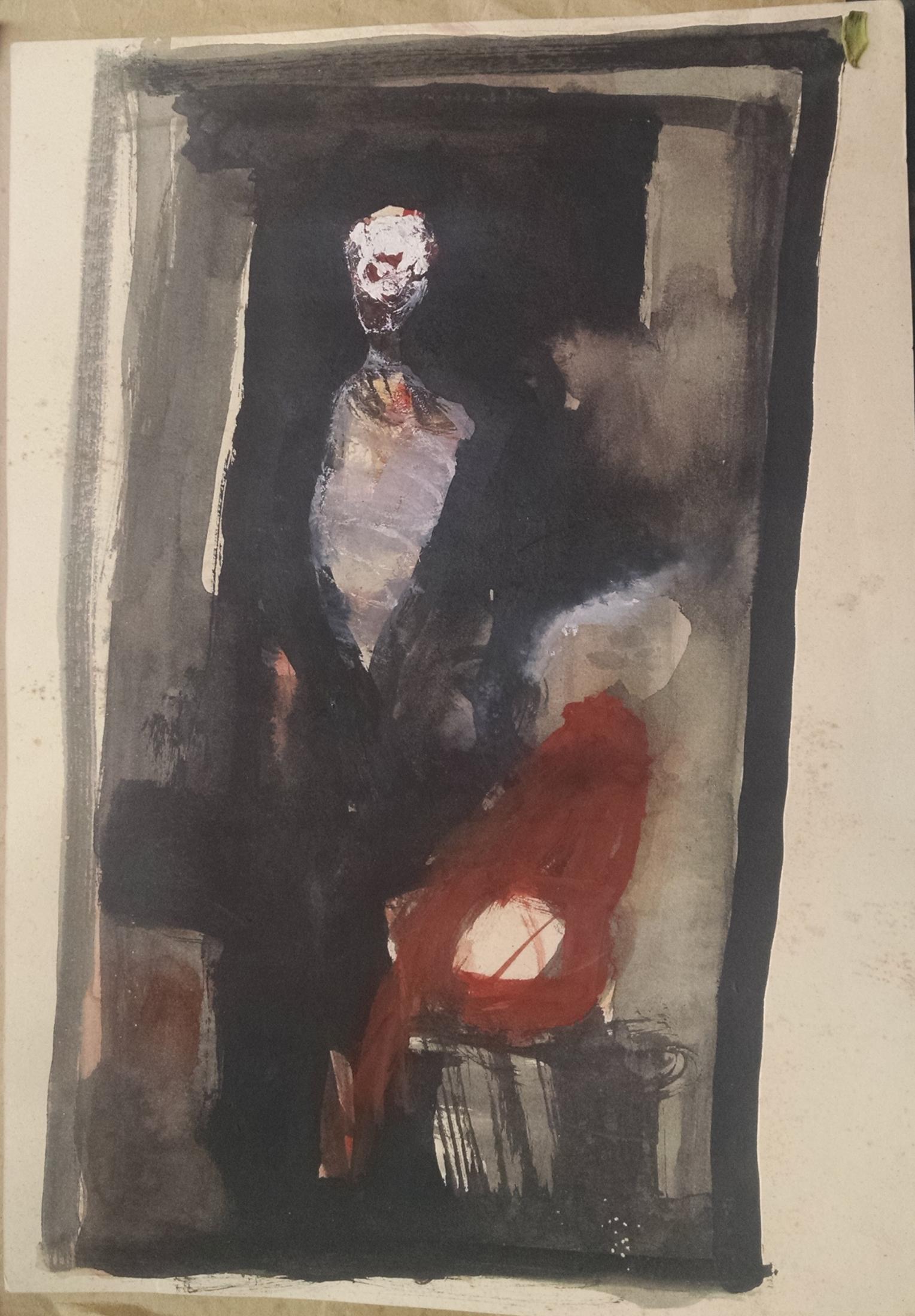


12/11/2000

Striper



MW
02



Dionzeia da Noite



PAIXÃO

ENTRE VEJA COM OS SEUS
PRÓPRIOS OLHOS

DISPENSA APRESENTAÇÃO

VALE A PENA
MISERIA
MISERIA

GRAVIDA

PAN

Num romance dos anos 1970 intitulado *Donzela da Noite*⁶⁵ Padre José Ariovaldo conta estórias insinuantes, salientes e cheias de volúpias de um prostíbulo nos arredores da...*Mata Cavalos*, hoje conhecida como Rua do Riachuelo nos arredores do bairro nomeado como Centro do Rio de Janeiro. E depois este meretrício, por questões, sabe lá Deus quais, ocupou outros lugares da cidade, chegando até o subúrbio carioca.

Na verdade, tais estórias esparramam-se pelos quatros cantos das periferias cariocas. Aliás, o contador dessas estórias parece ter estreita relação com os ares e aromas das periferias. Experiências que somente um espírito mergulhado nos símbolos destes espaços poderia ter. Padre Zé, como era conhecido, relembra estórias do final do século 19, início do século 20 e mistura com as contemporâneas, cruzando em, muitas vezes, com a atualidade. Cenas urbanas de alta voltagem, personagens populares, submundos, lugares *undergrounds* ganham destaque. E para as *Donzelas da Noite* um lugar especial.

Dentre as estórias de Padre Zé destacava-se a da *Casa das Meninas*. Uma espécie de prostíbulo situado num lugar ermo e bem afastado da urbe idealizada. Sabe-se lá por que. Era comum em prostíbulos a frequência de grande número de políticos, aristocratas, homens ricos e poderosos e nos arredores ficavam trabalhadores, vadios, malandros, moças, rapazes, travestis, uma espécie de extensão da *Casa*. Assim, os prostíbulos concentravam todas as classes, curiosamente. Eram lugares que exalava fragrâncias inquietantes. Conversas, discussões, brigas, embriagues, fofocas, mesquinaria, luxúria, entrega a paixões avassaladoras, amores, muitas vezes vagabundo,

⁶⁵ Minha donzela, pernas pra quem te quero! Dizem que a expressão correta é *pernas pra que te quero*. Ou, *pernas para que vos quero*. Coisas da gramática. Dizem também que a expressão surge da boca de João Vitor, personagem da peça *Cabalagem*, uma comédia de *Martins Pena* (1815-1848). Segundo este disse-me-disse a frase é falada quando João fora assediado sexualmente pela bela Walquiria, que lhe mostrou as belas pernas. Como o desejo de João era para com outro tipo de pernas saiu correndo e dizendo: *Pernas, para que te quero?*

ilusório, doentio, mas prazeroso. Lembro-me de um poema da jovem Carolina que dizia:

Amor?
Receios, desejos,
Promessas de Paraíso,
Depois sonhos, depois risos,
Depois beijos!
Depois?
E depois, amada?
Depois dores sem remédio
Depois choro, depois tédio,
E depois...nada!

E depois...nada. Nada? Nos prostíbulos pessoas amavam-se e se entregam ao amor. Amor vagabundo, cafajeste, ordinário, amor de sete pele. Rastros...Prazer e decepção...

Diz o contador de estórias que essa história *Trago seu amor de volta em três dias* começou no prostíbulo *Casa das Meninas* com a Vovó do Amor como era conhecida.

Vovó do Amor era uma senhora de quase setenta anos, muito bonita. 1.65 de altura, 80 kg, cabelos negros crespos, olhos

negros como di-amante, bustos fartos, lábios sempre contornados com batons vermelhos e uma voz suave. Mas que mudava de aparência sem perceber - especialmente quando era tomada pelo coisa ruim -, inclusive em alguns casos parecia não ter aparência alguma, mulher sem rosto. Dedicou-se às causas amorosas desde os quarenta e cinco anos quando perdera seu amor. Não se sabe ao certo como e porque ele foi embora e nunca mais voltou. O que se sabe é que ele se foi. Daí em diante, ela resolveu fazer do seu pequeno aposento, perto de um no cortiço, uma espécie de tenda da Vovó para receber visitas de todos os lugares, inclusive aos aristocratas que frequentavam a *Casas das Meninas* diuturnamente. Era ela quem atendia os desesperançados de um amor perdido, bandido.

A DANADA DA TENTAÇÃO

Disse a serpente: Vá Gina, coma a maçã, pois seus olhos se abrirão e você vai ficar igual ao Senhor conhecedora do bem e do mal...Vendo Gina que a maçã era um petisco dos deuses e desejável aos olhos, tomou o fruto proibido, comeu e ainda deu ao...

Certa vez, conta o escritor, senhor Poderosa, morador de um cortiço, religioso fervoroso, casado com Dorotéia, resolve, mais uma vez, passar em frente à *Casa das Meninas* nos arredores do antigo embarcadouro particular dos padres Jesuítas, entre o antigo Morro do Castelo e Largo do Paço ou Praça XV, como costumeiramente fazia ao sair do trabalho no Cais. Seu temperamento tranquilo e equilibrado servia-lhe com uma espécie de couraça. Mas, neste dia algo atravessou o espírito quando passava em frente aquela casa cheia de cores e luzes, conhecida como antro da perdição. Ele parou em frente ao estabelecimento - Todos os dias, depois de um dia pesado no Cais, senhor Pedrosa passava em frente à *Casa das Meninas*. Um sentimento de volúpia tomou conta do senhor Pedrosa de tal

modo que este não resistiu e começou a subir as escadas da *Casa das Meninas*. Após subir alguns degraus exclamou:

- Meu Deus! o que é que estou fazendo aqui! Como é que tenho coragem de adentrar num lugar desses?

Mas como não ouvira nenhuma resposta nem de Deus nem da sua consciência, subia os degraus dando lugar a tentação que o impelia cada vez mais para dentro da Casa dos prazeres. O caráter tirânico das paixões tomara conta de senhor Pedrosa. O recalçado sempre retorna, dizia Freud.

Ao chegar dentro do recinto depara-se com Dora. Naquele instante não conseguia enxergar nada, além de uma pessoa de estatura baixa, de uns 55 kg, cabelos batidos na nuca com tom avermelhado, olhos de danada, bustos fartos, pernas finas e lábios contornados por um batom ultravioleta. Dizia-se que Dora, chegara ao Rio de Janeiro aos 13 anos de idade de algum canto deste mundo e que, mais tarde, conhecera o prefeito por algum infortúnio. Ninguém sabia ao certo quem era Dora. Tudo o que se sabia é que esta figura espectral adorava perfumes importados e fazer "caridade" sexual a pessoas desvalidas. Senhor Pedrosa ficou inamovível a frente de Dora. Sem saber o que fazer e totalmente entregue a sua "coragem" libidinosa ouve da moça mais cobiçada da *Casa das Meninas*:

- O moço está perdido por estas bandas?

Senhor Pedrosa continua impávido.

- Perdeu a língua machão. Provocou a pequenina e habilidosa Dora.

- É...que...eu...

- Desembucha homem.

- É... eu tava passando por aqui e resolvi...

- Já sei. Resolveu dar uma subidinha para aliviar a tensão do trabalho do Cais. Disse Dora em tom de deboche.

- como você sabe que trabalho no Cais? Perguntou senhor Pedrosa assustado.

- Eu sei de muitas coisas homem. Coisas que você nem imagina. Disse Dora segurando-o pela gola da camisa.

A pequena e habilidosa Dora colara o rosto no rosto do senhor Pedrosa e sussurra algo que o deixara descompensado. Senhor Pedrosa a esta altura já estava totalmente entregue. Alvo fácil da habilidosa Dora. Completamente atordoado por esta flecha que atravessara seu caminho, senhor Pedrosa mal conseguia manter-se em pé. Com as pernas muito trêmulas e uma face empalidecida pelo acontecimento, não oferece nenhuma resistência.

- Vamos para meu cantinho. É no final do corredor. Diz Dora com um sorriso de dianha.

Senhor Pedrosa a segue como um cão domado. Ao seguir em direção ao pequeno quarto, Senhor Pedrosa, como quem quisesse desabafar, revela suas mais pervertidas fantasias. E entrega-se como quem se entrega a uma paixão avassaladora e a beija ardentemente. Volúpia!

Ao entrar no cantinho de Dora, ele fica ainda mais entregue, sobretudo, ao ver algumas calcinhas pretas e vermelhas (eram suas cores prediletas) penduradas nas paredes do cantinho de Dora. Elas eram perfumadas. Fragrâncias. De repente, como alucinado, começa loucamente a cheirá-las sem parar. Dora, enquanto senhor Pedrosa cheira as calcinhas alucinadamente, veste, vagorosamente, a fantasia que sempre deixava homens descompensados. Senhor Pedrosa, ao ver Dora vestida de Chapeuzinho Vermelho, não resiste e a agarra. Dora ordena que senhor Pedrosa se vista de lobo. Ele obedece rapidamente. E começa a uivar. Aquela noite estava "condenada" a ser uma noite de amor e prazer inesquecíveis. Lascívia!

Após este momento, senhor Pedrosa com ar de enorme satisfação disse:

- Nunca tive uma noite como essa. Sempre fui muito tímido e nunca tive coragem de...

- lançar mão dos seus desejos mais íntimos? Dora como uma dianha.

- Vou lhe contar uma história que nunca existiu.⁶⁶

Neste momento, ao fundo, uma música que vinha da recepção da Casa das meninas.⁶⁷ Dora, olha demoradamente para senhor pedrosa. Passados alguns instantes, pergunta retoricamente:

- uma história que nunca existiu?

- Sim. Foi há uns vinte cinco. E aconteceu em paris...

- Você em Paris? Risos.

- Eu era um homem de muitas posses e freqüentador de lugares bonitos. Na ocasião, tinha um amigo com uma doença incurável. E sua esposa, era jovem e muito atraente. Ela guardava um segredo. Tinha uma tara. Era pervertida. Masoquista. E vivia aventuras alucinantes. E isso despertou em mim grande curiosidade.

Dora, enquanto traga um cigarro, ouve atentamente senhor Pedrosa.

- Ela amava o marido. E o estranho é que isso a impulsionava a traí-lo. Tudo em sigilo.

- Tudo que ruim está na espécie humana, inclusive em pessoas moralistas. Elas são personagens de histórias escandalosas.

- É...o desejo mais secreto dela era trair o marido com o melhor amigo dele.

- Então, ele era vítima desse sadismo, disse ironicamente Dora.

- Ela dissimulava seu masoquismo. Mas era uma máscara necessária para seu sadismo.

- Aconteceu exatamente como você está contando? E você sabia de tudo?

⁶⁶ Entre as páginas 180 e 181 o roteiro foi adaptado do filme *Sempre Bela* de Manoel de Oliveira (2006).

⁶⁷ Di Melo (1975) *Má lida*.

- Sim. Sabia. Eu sabia de quase tudo que ela fazia. Dos seus casos.

- Muitos clientes têm necessidade de se confessar, Pedrosa. E só podem fazer isso com uma puta. Uma desconhecida. Com alguém que pareça distante e desinteressada daquilo que ouve. Só assim conseguem se abrir sem ter problemas. Eles precisam se aliviar, falar das traições, das mentiras, das decepções.

Senhor Pedrosa fica em silêncio.

- Você era o melhor amigo do marido dessa mulher?

- Quem era ele não importa. O que importa foi o que aconteceu.

- apenas fiz uma pergunta.

- se esse amigo teve relações sexuais com ela foi a traição mais bela que ela poderia sonhar cometer por amor ao marido. Mas não foi isso que aconteceu. Se não aconteceu fisicamente, aconteceu na imaginação.

- Por isso que veio aqui, então?

- Não. Não sei. Passo por aqui sempre. Mas desta vez algo me seduziu de tal forma que não resisti e subi.

- O desejo é difícil resistir. Ele é tirânico.

- Você vestida de chapeuzinho vermelho é impossível não desejar. De não se submeter ao seu encanto.

- O que não faz uns bons agarrões né garanhão. Você é outro homem depois desses momentos. Está mais leve. Mais solto. Mais...

Depois de algumas horas...

- Nossa já passa das três da manhã. Eu nem fui em casa.

Senhor Pedrosa estava preocupado, pois costumava sair do trabalho as 20h e chegar em casa as 20h30. Dora com aquele sorriso de danada responde:

- É assim mesmo homem. É a sua primeira noite aqui nesta casa né (risos).



Neste momento ao mesmo tempo em que senhor Pedrosa veste-se apressado, Dora acende outro cigarro e dá um trago demorado.

- Preciso ir logo para casa. Amanhã é dia de trabalho pesado no Cais. Preciso dormir um pouco.

- E amanhã? Você continua a estória que nunca aconteceu? A dianha tentando senhor Pedrosa.

- E...Eu...volto. Senhor Pedrosa Gaguejando.

Dora segura uma calcinha preta perfumada e joga em cima de senhor Pedrosa e diz:

- É sua meu amor. E faz um gesto com a mão numa espécie de cobrança pelo serviço.

- Sim! Sim! Senhor Pedrosa Perplexo.

- Pela estrada a fora eu vou bem sozinha levar esses doces para vovozinha. Dora provocando novamente.

Senhor Pedrosa pega a calcinha preta perfumada, dá uma última cheirada antes de partir, retira a fantasia de lobo, pega o dinheiro de dentro da carteira e entrega a dianha, depois enfia a calcinha num dos bolsos da calça e sai como um foguete do cantinho do prazer.

Pela estrada fora

Eu vou bem sozinha

Levar esses doces **para** vovozinha

Ela mora longe e **o** caminho é **deserto**

E **o lobo mal** passeia aqui

por perto...

DE VOLTA PARA CASA

Passa pelo pequeno corredor às pressas e desce as escadas da *Casa das Meninas* como quem quer voar. Era tarde da noite. Andando rápido pelas ruas que o levam para sua modesta moradia não deixa que nada e ninguém o tire do caminho, parece fechar os olhos a magia das ruas, dos becos e vielas. A passos largos e conversando consigo mesmo sobre a experiência que acabara de viver sente-se culpado, um verdadeiro pecador.

- Como é que pude fazer isso meu Deus! Sou um homem honesto, ajuizado e correto. Olha onde fui parar. Olhe o meu estado - segurando a calcinha de Dora bem perto do rosto numa nítida expressão de desespero e prazer.

À medida que ia chegando perto de casa a tensão aumentava, pois precisava arrumar uma desculpa muito bem desculpada para dar a sua mulher. Só em imaginar que, ao passar perto do cortiço, poderiam surgir comentários acerca da sua entrada na *Casa das Meninas*, senhor Pedrosa ficava louco. Ele era um homem respeitado. Embora seus desejos mais libidinosos sempre o atormentassem.

- Imagina se eu chegar por lá essa hora e encontrar aquelas fofoqueiras na entrada do cortiço. O que pensarão de mim? Eu não deveria ter feito isso! Não deveria! Não deveria!

A preocupação em passar por perto do cortiço, naquela hora da noite devia-se ao fato de senhor Pedrosa mantinha um segredo que vinha lá de dentro. Ao mesmo tempo em que sua consciência o atormentava, ele relembrava os beijos cálidos, das mãos, das pernas... de Dora. Não sabia como agir em relação aos seus pensamentos, já que estes eram um misto de pecado e prazer.

- Aquela nuca...aquela boca...aquela calcinha preta perfumada...aquela...capa vermelha...Meu Deus! Que coisa terrível! Não consigo esquecer!

Ao notar que estava chegando próximo ao cortiço, rapidamente põe a calcinha num dos bolsos da calça novamente. Passa pelas vizinhas com quem pisa em ovos e esconde o rosto para não ser notado. As vizinhas que lá estavam, falavam dos homens de Dora.

- aquela que é mulher de sorte. Tudo que é homem quer ela, dizia uma.

- é ela deve fazer gostoso, dizia outra.

- aquela quenga, rampeira deve fazer macumba pros home. Não sei o que tem demais uma capa vermelha, dizia a terceira.

A pressa de senhor Pedrosa dá lugar a vagareza, esconde-se atrás de um poste e nitidamente tentava ouvir o que elas diziam. Fica enlouquecido tamanha é a ansiedade de saber

daquela prosa. Mas resolve, desta vez, vencer a vontade de saber do fuxico e prosseguir. Ao chegar em casa, senhor Pedrosa percebe que uma tranquilidade pairava sobre o local, contrastando com o dia-a-dia. Ele aproveita aquela atmosfera e entra de mansinho em sua casa. Mas de repente ouve uma voz baixinha bem próxima ao seu ouvido: "Pedrosa volta logo tá. E guarde bem o presente". Neste momento senhor Pedrosa fica gélido e sem fôlego exatamente na entrada de sua casa. Era como se tivesse ouvido a voz de um demônio perturbador. Logo a seguir, maneia a cabeça bem devagar por trás dos ombros para ver quem o chamava. Notara que não havia ninguém. Nervoso, pensa ser a voz que ouvira uma assombração. Retoma o fôlego. Entra em casa e fecha a porta com todo o cuidado para não fazer barulho. Ao entrar vê sua mulher dormindo um sono dos deuses e diz: "Obrigado meu Deus". A cama que dormia estava amparada por uma lata em uma das extremidades, além de fazer muito barulho, então, resolve dormir no chão e formula a desculpa (em caso de questionamento da mulher) que chegara tarde por conta das horas extras trabalhadas e não queria incomodar. Mas seu sono naquela noite seria inquietante, pois não conseguia tirar Dora da cabeça. E ficou inculcado ainda mais, quando conseguiu captar na conversa das moças do cortiço o nome de Dora no ar.

- O que aquelas fofoqueiras estavam falando da minha Dora? Perguntava a si mesmo.

Mexia-se, revirava-se, contorcia-se, todavia não conseguia pregar os olhos. Ficou assim até a hora de ir para o Cais, às 6h.

NASCER DO DIA

Senhor Pedrosa percebe que se deitara sem trocar de roupas. Põe-se de pé e vai em direção ao banheiro. Resolve

então enfiar a mão num dos bolsos da calça como de costume. Toma um susto. Um objeto com textura diferente no seu bolso. Fica alisando-o até que se dá conta que era a calcinha preta perfumada de Dora.

DO DOR ORA DOR ORA DORA

DORA ORA DOR

- Meu Deus o que é isso! Fala assustado em voz alta.

Seu estado de tensão era pavoroso. Olha para todos os cantos para certificar Dorotéia não estava por perto. E logo a seguir sai apressado, antes de Dorotéia acordar. Sai de casa, passa rápido por vizinhos e pelas as conversas costumeiras típicas da manhã num dos bares onde tomava seu cafezinho antes de chegar ao trabalho. Sua cabeça estava em **Dora**.

Mas um vizinho, Zé Ariovaldo, que estava no bar, percebe a pressa do Senhor Pedrosa e como eterno gozador brincou:

- quanta pressa é essa Pedrosa. Tá vendo assombração. Tá cheio de porcaria na mente já de manhã. Precisa voltar lá na clínica, talvez encontre uma boa psicóloga. E soltou uma gargalhada.

Senhor Pedrosa sem graça nem olha para trás. Não agüentava Zé Ariovaldo sempre tirando sarro com ele. E segue rumo ao Cais. Se quer voltou em casa para despedir-se de sua mulher. No caminho perturbado pelos pensamentos da noite anterior exclamou consigo mesmo:

- estou apaixonado por uma puta! Meu Deus!

As ruas que trilhava ao Cais estavam, já pela manhã, intensas, mas para senhor Pedrosa parecia-lhes vazia. Estava alheio a tudo que se passava naquele momento. Fora de casa até o trabalho com uma das mãos num dos bolsos. Sentia o cheiro, a textura, a cor. Não conseguia parar de alisar aquele objeto que lhe fizera perder o rumo. Em dado momento se dá conta do

seu membro em riste. E fica apavorado, pois estava no meio de uma avenida movimentada. A pequena bolsa que carregava sua marmitta serve de disfarce. Chega ao Cais. Continua com o pensamento em Dora. Sem conseguir trabalhar direito e ouvindo seus amigos de trabalho reclamar com ele por conta de sua vagareza em repor os carregamentos resolve, após o toque da sirene às 12h, sair às escondidas abandonando o trabalho. Começa então a perambular pelas ruas da cidade. Completamente perdido em seus pensamentos e totalmente alheio aos efeitos do vai e vem das pessoas, pára num boteco antigo nas proximidades da Rua da Relação, nos arredores da Avenida Mem de Sá. Senta numa das cadeiras e fica por longo tempo de cabeça baixa com quem tivesse cheirando alguma coisa. Depois de longo período sentado de cabeça baixa, "embriagado" pela fragrância do objeto que carregara consigo num de seus bolsos, levanta-se e continua a cheirar a calcinha que Dora lhe presenteara. Anda pelas ruas do Centro do Rio de Janeiro em completa solidão até dá a hora de voltar para casa.

Entretanto, no retorno para casa seguiria o mesmo trajeto que sempre fazia, isto é, invariavelmente teria de passar pela *Casa das Meninas*. As vozes dissonantes e perturbadoras não o deixavam. Ele era impelido por uma força demoníaca para aquele lugar de perdição e imoralidade. Era como se fosse uma força pela qual ele, por mais que resistisse, não conseguia vencer.

A carne é fraca.

AO ANOITECER

Ao anoitecer e já a caminho de casa, lá está senhor Pedrosa de frente a *Casa das Meninas* a procura da pequena que mexera com sua cabeça. Desta vez sem titubear entra e vai direto para o cantinho de Dora. Mas para sua surpresa ela não

está lá. Fica Louco. Volta para o salão e pergunta a uma das meninas:

- Onde é que está Dora? Enlouquecido.

- O Senhor é o Pedrosa? Pergunta uma das meninas.

- Sim sou eu. Onde é que ela está?

- Deu uma saidinha.

- Com quem? Nesta altura morrendo de ciúmes.

- Com o Diabo Louro diz a menina.

- Quem é este diabo?

- O senhor não o conhece?

- Não!

- Vai conhecê-lo. Senta lá fora na birosca do seu coxo e toma umas bebidas quentes até ele chegar. O moço vai notar logo de quem se trata.

- Mas eu não esperando esse tal de diabo louro. Meu negócio aqui é com Dora.

- Eu sei. Mas ela saiu com ele para resolver uns probleminhas. E o senhor não quer conhecê-lo?

Senhor Pedrosa olha para a menina, balança a cabeça em sinal positivo e desce as escadas rumo à birosca. Lá ele senta num banco de frente para o prostíbulo para acompanhar o movimento de quem entra e sai da *Casa das Meninas* apenas para se certificar se o tal do Diabo Louro chegaria com Dora. Pede uma bebida. Senhor Pedrosa nunca havia bebido, pelo menos não que se tenha conhecimento.

- Amigo, por favor, me dê um conhaque o mais quente que você tiver.

- Do jeito que o Diabo gosta. Disse seu coxo. Mas devo advertir do jeito que o diabo gosta é para os fortes de espírito, sentenciou.

Meio desconfiado aceita a bebida e num gole mata o primeiro copo. Fica meio zozzo logo na primeira. À hora avança

e nada de Dora chegar, ainda mais com o tal do Diabo Louro. Pede mais uma bebida.

- mais uma, por favor, amigo.

- seu pedido é uma ordem.

De repente chega um homem de média estatura, forte, negro e com os cabelos louros. Pára em frente à *Casa das Meninas*, ascende um cigarro e dá uma demorada e longa baforada. Mas nada de Dora. Começa a subir as escadas lentamente. Senhor Pedrosa desconfiava que fosse ele, bebe a segunda dose do jeito que o diabo gosta, atravessa a rua e sobe as escadas dos aposentos das meninas apressado. Lá em cima senhor Pedrosa vai em direção ao homem que avistara a poucos e pergunta:

- Você é o Diabo Louro?

- Qual o problema? O moço responde.

- Eu quero saber onde está...

O Homem emite uma risada estrondosa e diz secamente:

- Dora viajou. Nossa chapeuzinho viajou.

- Como sabe que procuro por Dora? Nossa chapeuzinho?

Senhor pedrosa completamente confuso.

- Todos procuram por Dora.

- Todos quem?

- Todos.

- Viajou? Para onde?

- O senhor está fazendo muitas perguntas.

- Preciso saber. Ela me pediu para passar por aqui hoje e viaja.

- Ela é assim mesmo Pedrosa.

- Como sabe meu nome?

- Ela me contou que um tal de Pedrosa ia aparecer por aqui. Acho que é você.

- Pedrosa Valdir.N não vai voltar. Pelo menos não nestes próximos meses.

- O que? Não vai Voltar? Valdir? - Senhor Pedrosa confuso com tudo isso, inclusive com o codinome de sua paixão avassaladora.

- Não Volta tão cedo. E Valdir. N é a forma carinhosa de chamarmos a pequena Dora.

- O que você é dela? Pergunta senhor Pedrosa com o coração na mão.

Antes de responder Diabo Louro tenta acalmar senhor Pedrosa dizendo que Dora precisou ir fazer uma visita de urgência à mãe dela. Mas o sumiço de Dora se dera por outros motivos. Segundo ele, Dora soube que o prefeito, o mesmo que ela havia conhecido por um infortúnio, e seus lacaios planejavam remover, mais uma vez, pessoas de suas moradias. Tais moradias, segundo técnicos da prefeitura, impediam o fluxo de transportes causando enormes congestionamentos numa das vias principais que ligava a cidade a zona sul. Dora ficara abalada, sabia que as remoções sempre deixam marcas profundas, inclusive de laços de vizinhança. Neste mesmo lugar marcado ser urbanizado havia uma casinha onde viviam algumas amigas. Diabo Louro, preocupado com o que poderia acontecer com Dora devido o infortúnio com o prefeito, sugeriu que ela fosse para outras bandas, a fim de refrescar a cabeça, enquanto ele fosse ter com o prefeito e seus correligionários, no intuito de tentar outra solução para a situação. Diabo Louro era homem de pouco estudo, mas de muita inserção entre poderosos, especialmente porque era "dono" de muitos prostíbulos.

Depois dessa falação o homem responde.

- Sou o Diabo Louro. E Dora é minha...

Sem querer saber a resposta senhor Pedrosa, muito abalado, sai correndo da *Casa das Meninas*, pois não imaginava que um Diabo poderia ser alguma coisa de sua paixão, ainda mais um Diabo Louro. Ao sair da casinha vagueia pelas proximidades até

sentar na calçada numa esquina conhecida como *paixões avassaladoras*. Lá era um lugar destinado àqueles cuja paixão era um dos vícios mais cruéis que alguém pudesse ter. Após alguns minutos cabisbaixo tenta recobrar as forças para se por de pé. De repente um cachorro das redondezas com o intuito de demarcar território começa a rosnar para ele e urina num dos postes da esquina bem próximo onde senhor Pedrosa estava sentado. Ele leva um susto e se levanta rápido. Um morador de rua que viera de outra esquina percebe que o cão havia intimidado senhor Pedrosa e começa então a dar ordens ao cachorro.

- Rabugento pare de rosnar e nem pense em latir. Calado! Vai procurar outro poste.

A esta altura o morador de rua começava a falar do Rabugento. Um amigo como poucos. E mais, fez toda uma falação acerca da relação dos cachorros com postes das Cidades.

A cidade ideal dum cachorro

Tem um poste por **metro quadrado**

Não **tem carro**, não corro, não morro

E **também** não fico **apertado** ⁶⁸

Senhor Pedrosa assustado.

- Olha bem a sua cara. Parece que está doente. Tá com algum problema moço?

Neste momento senhor Pedrosa depara-se com um cartaz que estava colado num postes da esquina que dizia: *Trago seu amor*

⁶⁸ Cf: *A cidade ideal* de Chico Buarque.

de volta em Três dias. Tenda da Vovó do Amor. Senhor Pedrosa estava abalado e apreensivo. O morador de rua reparou que senhor Pedrosa não ia nada bem e lhe fez outra pergunta:

- O senhor bebeu do jeito que o diabo gosta lá no boteco do seu coxo?

- Sim. Bebi.

- Do jeito que o diabo gosta é para os de espírito forte. Pode causar angústia e depressão para quem não for cabra macho.

E emenda:

- Quer conhecer a tenda da Vovó? Lá é onde vão os que sofrem de paixão pelas meninas...Eu posso lhe dizer onde fica é só me pagar uma pinga. Mas hoje eu não to preparado para beber do jeito que o diabo gosta prefiro uma caninha.

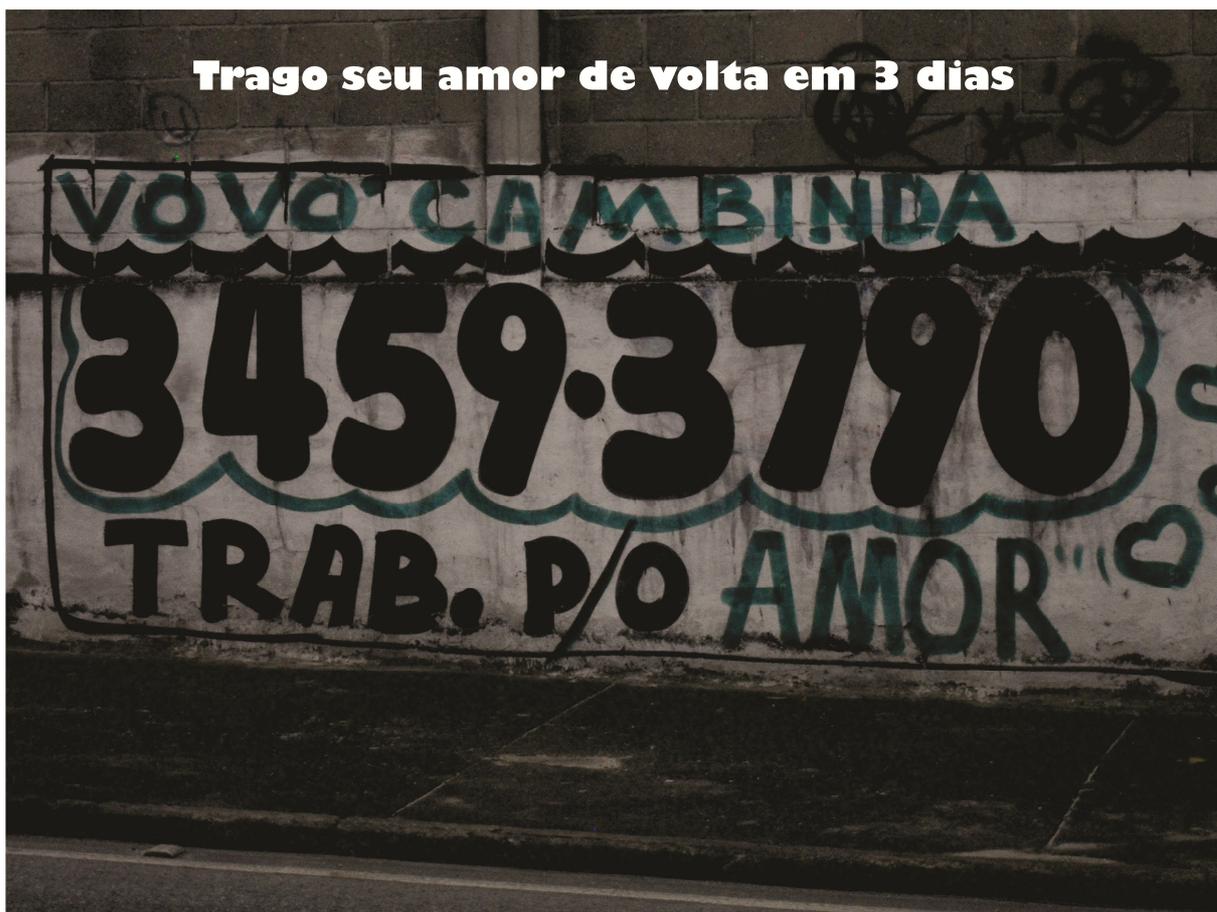
Senhor Pedrosa sem titubear aceita a proposta. Paga uma pinga para o homem e em troca recebe as informações para chegar até a casa da Vovó do Amor. O morador de rua, então, passa a lhes dar informações. Ao perceber que o endereço era exatamente no cortiço que ele passava todas as noites fica sem saber o que fazer.

- Como posso ir à casa da Vovó do Amor se ela faz seus trabalhos lá naquele cortiço? Se ao menos fosse mais distante. Aliás, eu nunca soube dessa Vovó do Amor. Será que é aquela mulher que vive recebendo visitas nas horas noturnas?

Pergunta-se um tanto desnorteado e prossegue falando consigo mesmo:

- Meu Deus me dá coragem para ir até lá, de repente esta Vovó é sua profeta e vai resolver minha **Dora**.

A esta altura já falava coisa com coisa. Estava tão desesperado que resolveu visitar a Vovó, mesmo sabendo de todos os riscos que corria. As dicas que o morador de rua dera para chegar até a Tenda da Vovó eram como se ele soubesse cada passo daquele trajeto por tão boa descrição das ruas, becos e vielas que senhor Pedrosa havia de passar.



Senhor Pedrosa agradece ao morador de rua e percorre as conhecidas, mas não vividas, ruas que faziam parte, especialmente casa-trabalho-casa do seu trajeto. Chegando ao cortiço tarde da noite, toma todo o cuidado para não ser notado - desta vez cai forte chuva e as "fofoqueiras" não estavam lá - e vai em direção à tenda da vovó. Um quarto como os outros do cortiço, mas parecia ter certa luz e atmosfera diferente. Senhor Pedrosa sente isso e ao chegar à porta da *Vovó do Amor*, para solicitar socorro, bate bem devagar.

- Vovó. Chama senhor Pedrosa baixinho.

De dentro da casa da vovó vinha uma música poderosa. Senhor Pedrosa ouve silenciosamente.

Um dia eu vi Vovó Cambinda
 Rodando sua saia ao luar
 Cantava velhas ladainhas
 Saudando os seus ancestrais

As estrelas do céu a ouviam
 E passavam a brilhar muito mais
 E cobriam de luz o terreiro
 Ao som do Caxambu
 Ao som do Candongueiro

O Jongo começou
 Respeito no terreiro
 Toca o Caxambu
 Toca o Candongueiro
 Cambinda, me ensinou:
 O Jongo é feiticeiro
 Toca o Caxambu
 Toca o Candongueiro

Na batida do jongo rasteiro
 Lembro o cativoiro
 Faço a dor passar

Na batida do jongo rasteiro
 Dou ao meu terreiro
 Força pra lutar⁶⁹

Após alguns minutos...vovó como estivesse a receber visitas, responde:

- Pode entrar meu filho.

Senhor Pedrosa lentamente abre a porta. E...

- Vovó Eu gostaria de...Ele fica espantado ao ver a Vovó do Amor. Ela era bonita.

- já sei meu filho não precisa explicar. Você foi alvo de um das raparigas La da casinha né! As flechas delas são certeiras. São como dardos inflamados do mal.

- Sim! Responde senhor Pedrosa meio sem graça.

- Olha deixa eu te contar uma coisa meu filho. Os homens quando se apaixonam por estas raparigas perdem até o pinto se for o caso.

- Que isso Vovó!

- Verdade meu filho. Se for desejo delas que o amado vire...

- Poderosa com voz firme. Vovó eu não vou virar nada.

⁶⁹ Jongo Rasteiro composição de Abel Luiz.

- Mas meu filho sua cabeça já tá virada. Pra virar o resto não falta. Basta olhar para você. Veja suas feições de apaixonado.

- Tá tão na cara assim Vovó?

- Tá! Vovó prontamente responde.

- Por causa de **Dora** minha cabeça esta embaralhada. Não como direito. Tô perdendo a vontade de tudo. Agora ando perambulando pelas ruas. Depois que ela me largou tô assim desse jeito...

- Vamos dar um jeito na situação. É preciso fazer uma mandinga bem forte para reverter a situação. Preste atenção! Você terá que ir à encruzilhada das proximidades da *Casa das Meninas*, nas proximidades de onde você esteve conversando com um enviado meu, conhecida como Paixões Avassaladoras, e levar. Tome nota: duas fotos 3x4 coloridas, um dente de alho roxo, um molho de alface e uma calcinha preta perfumada com o perfume que ela mais gosta.

Senhor Pedrosa intrincado e falando consigo mesmo: Como é que vovó do amor sabia que eu estive na esquina das paixões avassaladoras? E aquele morador de rua era enviado dela? Achou tudo muito esquisito. E morador de rua parado na esquina das paixões avassaladoras estrategicamente? Ele tinha certeza que ia aparecer alguém por lá sofrendo de paixão. E mais: era um modo de ganhar algum trocado da vovó do amor e umas pingas dos apaixonados, conclui em sua mente.

- calcinha preta perfumada...

Neste instante Vovó do Amor percebe quanto senhor Pedrosa estava entregue aquela paixão libidinosa.

- Sim meu filho. Cada um desses ingredientes tem uma conexão. Não se esqueça da calcinha preta perfumada.

Senhor Pedrosa fica parado por alguns minutos... Ele sabia quanto seria difícil desfazer-se do Presente de Dora, mesmo

porque o presente fazia lembrar-se daqueles momentos inesquecíveis...

- Entendi. Responde depois de algum tempo...

- E quanto custa o trabalho Vovó.

- Vai lá e depois de três dias você volta aqui. Depois do trabalho realizado eu te dou o valor.

- Tudo bem Vovó.

- Mas meu filho para este fim os ingredientes precisam ser estes, não esqueça!

- Obrigado pela ajuda e até logo!

Nesse ínterim senhor Pedrosa sai, do jeito que entrou, de mansinho. E se dirige ao seu modesto lar a fim de preparar os elementos necessários para ter de volta sua amada. Sua Mulher, Dorotéia, havia saído para comprar uma alface numa tendinha. Após preparar os elementos para fazer o despacho, coloca-os dentro de uma sacola e sai em direção à esquina das *Paixões Avassaladoras*, próximo a *Casa das Meninas*. Ao deslocar-se para o lugar que faria sua mandinga, passa perto de grupos de pessoas que discutiam em torno da remoção de casas - um dos problemas que Diabo Louro fora tentar resolver, já que havia algumas amigas de Dora nesta situação. Para aquele grupo de pessoas tais espaços eram vistos como espaços do contágio das doenças, de vícios e da vagabundagem.

Senhor Poderosa caminhava alheio a tudo isso, pois sua mente estava em Dora. Mesmo porque ele tinha horror às fofoqueiras dos cortiços, Dum certo modo, ele sabia que as pessoas que moravam lá não eram como se fazia acreditar os discursos sobre desenvolvimento e progresso. Sabia que a experiência em que estava mergulhado - intensa experiência com a paixão - revelara-se num dos lugares malditos da cidade. Meretrício - espaço do antro da perdição como diziam.

Senhor Pedrosa, firme, continua a caminha em direção ao seu objetivo. De longe avista uma esquina deserta, escura e

apta para o despacho. Segue ate lá. Verifica o local. Esquina das Paixões Avassaladoras. O morador de rua que lhe oferecera auxílio por uma pinga, esconde-se atrás de um poste e murmura com rabugento:

- Olha lá aquele camarada, rabugento.

- RRRRRRRRRRRRRRRRRR.

Rabugento rosna.

- Ele deve tá apaixonado pela chapeuzinho vermelho. Aquela tarada, insaciável e debochada.

Novamente rabugento rosna.

- RRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRR.

- vamos ver o que ele vai por no despacho, depois nós vai até lá e pega nossa jantinha. Espero que tenha pelo menos um franguinho, aqueles que só em despachos nós vê né não. Será que vovó do amor pensou na gente, quando mandou comprar as coisas pra mandinga?

Rabugento Rosana.

- RRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRR.

Senhor Pedrosa começa o despacho. Alonga uma bela toalha de mesa numa das extremidades da esquina, fica de joelhos e compõe a toalha com os elementos que a Vovó do Amor ordenara. Duas fotos 3x4 coloridas, um dente de alho roxo, a alface verdinha e a...calcinha preta perfumada com uma colônia importada. Por um longo tempo ele olhou a calcinha de que Dora lhe presenteara. Não resistiu. Cheirou intensamente. E resolveu guardá-la num dos bolsos da calça, tal como fizera quando recebera o presente. E pôs outro elemento no lugar da calcinha, já que esta era como um amuleto para ele. Pôs uma garrafa do jeito que o diabo gosta - aquela que experimentara no boteco do seu coxo na ocasião da espera por **Dora**. Após a realização desse ato, ainda de joelhos, fez o sinal da cruz, benzeu-se por três vezes e rezou sete Aves Maria.

Ao termino levantou-se, deu três passinhos para traz, benzeu-se novamente e disse: Está feito. Era umas 22h.

O CAIR DA NOITE

A vasta noite não é agora outra coisa se não fragrância

Jorge Luis Borges

Senhor Poderosa, completamente atordoado, caminhava pelas ruas da cidade, exatamente por lugares considerados, por determinados grupos, como antro não apenas da vagabundagem e do crime, mas também das epidemias, da imoralidade, espécie de ameaça às ordens moral e social. Ele caminhava como um deles. Na verdade estava experimentando sensações diferentes nesta caminhada, sem eira nem beira por conta da paixão avassaladora e do abandono por Dora. Em meio à caminhada, em uma das esquinas inóspitas, mas cheia de vida, eis que surge a sua frente Zé Galinha⁷⁰, presidente dos desabrigados. Zé Galinha era uma figura conhecida na região. Como quem vem falando em pensamento alto e nos resmungos, Zé Galinha bradava imbuído de uma cólera mortífera na direção de senhor Pedrosa:

- Nós não pedimos esmolas, não queremos esmolas, exigimos o que tiraram da gente [...] Queremos ser vistos, queremos que olhem a nossa feiúra, que sintam o nosso bodum em toda parte, que nos observem fazendo nossa comida, dormindo, fodendo, cagando nos lugares bonitos onde os bacanas passeiam ou moram.

Zé galinha continua falando alto e andando sem paradelo pelas vielas, encruzilhadas, becos.

Após o susto inicial, senhor Pedrosa continua perambulando pelas ruas olhando para todos os cantos como quem estivesse à procura de alguém. Esquinas antro-pofágicas. Embora estivesse arruinado, sentia que desta vez as andanças, desintencionadas,

⁷⁰ O modo satírico que Rubem Fonseca retrata o trapeiro no livro *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro*, tem no personagem Zé Galinha, presidente dos desabrigados, sua potência.

eram diferentes. E Dora foi o estopim. Ruas da cidade já não estavam tão submergidas assim. Era com se ele experimentasse em seu corpo um andar, vir, sentir ruas e noites. A *alma encantadora* dos que moram nos lugares mais exíguos da metrópole carioca. Lixo, escória humana, coisas fétidas atravessavam Pedrosa impietosamente. Ele nunca experimentara tal situação, pelo menos não que as pessoas soubessem, já que vivia sob a égide da moral cristã e os bons costumes da tradição. E Dora?

Dora era uma mulher do povo carioca. Do Brasil. Do mundo. Pedrosa insistia em tê-la. Com um sotaque inigualável, de baixa estatura, olhos castanhos, cabelos crespos, mãos e pés de quem muito andou e acenou para os pobres desabrigados de ruas das cidades numa espécie de afago aos rapazes, homens, mulheres sem destino. Ela, com um andar de uma típica donzela da noite desejava atenuar a dor dos desvalidos.

De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada

O seu **corpo é dos errantes**

Dos **cegos**, dos **retirantes**

É de quem não tem mais nada
Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina
Atrás do tanque, no mato
É a rainha dos detentos

Das **loucas**, dos **lazarentos**

Dos **moleques do internato**

E também vai amiúde
 Co'os velhinhos sem saúde
 E as viúvas sem porvir
 Ela é um poço de bondade

E é por isso que **a cidade**

Vive sempre a repetir

Joga pedra na Geni

Joga pedra na Geni

Ela é feita **pra** apanhar

Ela é boa de **cuspir**

Ela dá pra qualquer um

Maldita Geni

Um dia surgiu, **brilhante**

Entre as nuvens, **flutuante**

Um enorme zepelim
 Pairou sobre os edifícios
 Abriu dois mil orifícios
 Com dois mil canhões assim

A cidade apavorada

Se ficou paralisada
Pronta pra virar geléia

Mas do zepelim **gigante**

Desceu o seu comandante
Dizendo - Mudei de idéia
- Quando vi nesta cidade

- Tanto horror e iniquidade

- Resolvi tudo explodir

- Mas posso evitar o **drama**

- Se aquela **formosa dama**

- Esta noite me servir
Essa dama era Geni
Mas não pode ser Geni

Ela **é feita pra apanhar**

Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

Mas de fato, logo ela
Tão coitada e tão singela
Cativara o forasteiro

O guerreiro tão vistoso
Tão temido e poderoso
Era dela, prisioneiro

Acontece que a donzela
 - e isso era segredo dela
 Também tinha seus caprichos

E a deitar com homem tão nobre
 Tão cheirando a brilho e a cobre
 Preferia amar com os bichos

Ao ouvir tal heresia
 A cidade em romaria
 Foi beijar a sua mão

o **prefeito de joelhos**

o **bispo de olhos vermelhos**

E o **banqueiro com um milhão**

Vai com ele, vai Geni
 Vai com ele, vai Geni
 Você pode nos salvar
 Você vai nos redimir
 Você dá pra qualquer um
 Bendita Geni

Foram tantos os pedidos
 Tão sinceros, tão sentidos
 Que ela dominou seu asco

Nessa noite lancinante

Entregou-se a tal amante
Como quem dá-se ao carrasco

Ele fez tanta sujeira
Lambuzou-se a noite inteira
Até ficar saciado

E nem bem amanhecia
Partiu numa nuvem fria
Com seu zepelim prateado
Num suspiro aliviado
Ela se virou de lado
E tentou até sorrir

Mas logo raiou o dia
E a cidade em cantoria
Não deixou ela dormir

Joga pedra na Geni

Joga bosta na Geni

Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um

Maldita Geni.⁷¹

⁷¹ Executei um roubo de Chico. Canção intitulada *Geni*. As adaptações pareceram-me cair como luva. Dora.

Num suspiro aliviado ela se deitou de lado e tentou até sorrir. Mas logo raiou o dia a cidade em cantoria voltou a repetir: Joga pedra na...

- e assim...

Onde senhor Pedrosa passara a noite?

DIA SEGUINTE

- Acorda! Acorda! Acorda homem onde você andou ontem heim?

Pergunta uma menina dos aposentos das imediações da Rua Uranos, em Bonsucesso.

- Onde estou? Pergunta senhor Pedrosa meio sonolento.

- Vieste parar aqui graças a um morador de rua que te reconheceu e te trouxe aqui.

- um morador de rua?

- sim. Ele ainda veio com o rabugento.

- como assim...

- rabugento é o amigo dele. Um cachorro. Contou que você estava desesperançado por conta da paixão por Dora a boneca que enamora.

- Dora! Dora! Dora! Delirando.

- na verdade o morador te trouxe aqui a pedido de Dora. Ela pediu para te abrigar.

- E ela onde está?

- Olha senhor Pedrosa Dora é isso mesmo. Some de repente. O que posso dizer é que ela está a resolver alguns probleminhas.

- Como sabe meu nome.

- Ora, **Dora!**

- Mas eu estava numa cidade e agora vim pra outra. Um morador de rua me traz aqui na companhia de um rabugento e a pedido de Dora. Minha cabeça está com **Dora.**

Neste momento uma das meninas, a pedido de Dora, cuida do senhor Pedrosa, nitidamente atordoado. Não tinha nenhuma condição de voltar ao trabalho, mesmo porque havia passado a hora de bater o ponto. Seus pensamentos em Dora estavam o fazendo delirar. Perdido, mas cuidado por uma das meninas do interninho, toma uma café fresco, descansa mais um pouco e...

- Acho que está na hora de voltar para casa. Passei a noite fora e Dorotéia deve estar furiosa.

- Dorotéia? A menina do interninho da rua Uranos que cuidava dele naquele momento.

- É minha...

- Já sei. Não precisa explicar. É a mulher com que você casou.

- É.

Ele dirige-se a uma das janelas. O trem passa. Um som de fundo tocava como se estivesse a dizer algo para ele.

Não **posso ficar**

mais nenhum minuto **com você**

sinto **muito amor,**

mas não **pode ser.**

Moro em Jaçanã

se eu perder este **trem**

que **sai** agora **às onze** horas

só **amanhã** de manhã...⁷²

- Tenho que ir embora. Dorotéia deve estar muito brava. Mas antes, por favor, entregue esta carta para Dora. Não esqueça. Diga que eu volto.

Despede-se. Pede, mais uma vez para a menina do inferninho da rua uranos não se esquecer de entregar a carta.

SEGUNDO DIA - "VÁ PRO DIABO QUE TE CARREGUE" ⁷³

Desce as escadas do inferninho com enorme vontade ficar. Ficar ali até **Dora** chegar. Sabia que se fosse embora dificilmente encontraria sua paixão. Desce as escadas vagorosamente, atravessa a rua uranos, desce no túnel e pega o trem. Sua cabeça esta em **Dora**. Mas precisava desculpar-se com Dorotéia. Enquanto Volta para casa, debruça-se em uma das janelas do trem e o assistiu passar com imensa rapidez por cima dos dormentes. Sua cabeça estava em outro lugar.

Ao chegar em casa, toma um remédio e dorme. Dorotéia havia saído para um café na casa das amigas. A noite chega. E com ela o aroma inebriante dos lugares *undergrounds*. Senhor Pedrosa foi alvo de um desses lugares: *A Casa das Meninas*. Foi lá o reinício de tudo. Parecia que os demônios habitavam por lá. Nos corpos. Uma atmosfera tipicamente de festa dionisíaca. De repente:

- Finalmente você chegou heim. Posso saber por onde andou?
- Silêncio. Longo silêncio.
- ficou mudo.

⁷² Canção *Trem das Onze* na voz de Adoniram Barbosa (1964).

⁷³ Ouvir. *Vá morar com o diabo* composição de Riachão interpretada por Cássia Eller.

- Dorotéia tive uma indisposição e fui parar no hospital.

- Hospital?

- É. Mas é um hospital diferente.

- Hospital diferente? Conta essa estória direito Pedrosa. Você fica a noite toda na rua e vem com uma estória de hospital diferente.

- Dorotéia eu passei mal. Cai numa esquina e um morador de rua me levou para...este hospital.

- um morador de rua?

- É.

- Olha sua cara. Deslavada!

- que isso Dorotéia.

- Pedrosa, não sou idiota. De anteontem para ontem você chagou em casa de mansinho. Eu estava muito cansada e não quis levantar. De ontem para hoje você dorme fora e diz que estava num hospital diferente e que fora levado por um mendigo. Essa é dose Pedrosa.

Senhor Pedrosa pensativo.

- É. Até tomei uma dose do jeito que o diabo gosta, mas foi uma só.

- Ah! Então tá explicado. Andou bebendo a maldita né. Ela é para quem tem espírito forte.

- ué! você conhece.

Dorotéia emudece. Pedrosa insiste.

- ficou muda senhora. Por acaso andou bebendo em algum lugar.

- Não.

- Então como sabe que do jeito que o diabo gosta é para quem tem o espírito forte. Anda, responde. Senhor Pedrosa nervoso.

- Uma amiga experimentou e disse ser ótima.

- que amiga é essa?

- Acho que você não vai gostar muito de saber quem é.

- fala logo mulher!

- É uma amiga dessas casas daí da rua.

- e quem é essa amiga Dorotéia?

Silêncio. Longo silêncio.

- anda to esperando.

- é uma amiga que trabalha nessas casas, sabe. Mas é gente boa.

Senhor Pedrosa fica gélido.

- Qual o nome dela?

- Pra que você quer saber?

- Eu vou lá desmascarar essa vagabunda. Fica levando mulher dos outros para mau caminho. Se você não falar eu vou te levar a força em casa por casa até descobrir o nome dessa puta.

- Dora! Pronto, falei!

Profundo silêncio.

Senhor Pedrosa olha longamente para Dorotéia. Completamente empalidecido, fica sem saber o que dizer. Depois de muito tempo ele diz enfaticamente:

- Você é uma mulherzinha sem vergonha. Como pude me casar contigo. Deu para fazer amizades com mulheres de meretrício. Devia fazer isso há muito tempo. Você é uma quenga igualzinha a elas.

- Deixa eu te falar uma coisa Pedrosa. A Dora me contou muitas coisas. E Ela...

Senhor Pedrosa corta abruptamente.

- Ela é uma puta! Uma putaaaaaaa!

A "paixão" por Dora parecia ter virado ódio. Senhor Pedrosa não admitia que sua mulher tivesse uma amizade com qualquer mulher de meretrício, ainda mais Dora. Parecia que a paixão de Senhor Pedrosa por Dora, agora estava a ganhar outros sentimentos. O recalçado sempre retorna, dizia Freud. A velha moral nunca o havia deixado. Embora estivesse apaixonado

por uma puta, **DorDoraOra**, jamais admitiria envolvimento de quaisquer espécie de sua mulher com este tipo de gente. Afinal de contas, Dora era puta.

- uma puta. Sim e qual o problema Pedrosa.

Sem agüentar mais aquela situação, senhor Pedrosa não quis ouvir as explicações de Dorotéia e saiu de casa batendo a porta e aos gritos:

- Vá pro diabo que te carregue! Vocês são todas umas putas! Putaaaasss!!!

TERCEIRO DIA - O RETORNO DO SENHOR PEDROSA A CASA DA VOVÓ DO AMOR

Senhor Pedrosa saiu de casa e vai direto para as esquinas das paixões avassaladoras. Sente-se um lixo devido sua atitude frente à descoberta da amizade de **Dorotéia** e **Dora**. Mas ao mesmo tempo nutre um espírito de ódio. Jamais pensaria que algum dia sua mulher fosse ser amiga de Dora. Sua cabeça fervilhava. Não sabia se Dorotéia havia experimentado do jeito que o diabo gosta. Não sabia muito menos onde que ela se encontrava com Dora. Não sabia o que Dora lhe contara. Sensação de curiosidade, insegurança e desconfiança tomaram conta do senhor Pedrosa. Depois de ficar um bom tempo sentado na esquina das paixões avassaladoras, quase foi expulso novamente pelo rabugento.

- RRRRRRRRRRRRRRRRRRRRR.

- Calma rabugento. Ele é amigo - disse o morador de rua.

Rabugento obedece.

- Você aqui novamente? Tá brabo pro seu lado heim.

- essas putas só nos maltratam.

- que isso Pedrosa.

- Como sabe meu nome?

- o rabugento me disse - risos.

- tudo bem. Vou acreditar.

Senhor Pedrosa começava a desconfiar.

- as putas são bacanas. Elas dão o que a gente precisa. Claro sempre em troca de alguma coisa. É a vida. Interesses. Interesses...

- É. Mas quando você apaixona por elas aí a coisa fica esquisita. E pior é quando descobre que sua mulher tem amizade com elas. Sabe Deus por que.

- Sua mulher conhece Dora?

- To precisando do jeito que o diabo gosta.

- É amigo. Aí a coisa fica esquisita mesmo.

- porque você está dizendo isso?

- Dora enfeitiça homens e mulheres e, se bobear, um terceiro sexo. É o que dizem por aí. Neste caso acho melhor você voltar a casa da vovó do amor para desfazer esta amarração. Ela pode te ajudar.

Sabia que mais cedo ou mais tarde teria que voltar a casa da vovó do amor para receber a resposta sobre a volta do seu amor, **Dora**. Mas desta vez estava com tanto ódio que pensara: - Vou lá, mas para arruinar com a vida das duas: **DoraDorotéia**.

- Vou lá sim. Mas antes preciso tomar uma do jeito que o diabo gosta.

- Seu coxo deve estar te esperando.

- Será?

- Lá é onde do jeito que o diabo gosta é mais procurada. E ela tem o poder de curar paixões.

Seu Pedrosa foi rumo ao bar do seu coxo. Andou um bom pedaço até chegar lá. Ao chegar foi logo pedindo do jeito que o diabo gosta.

- por favor, do jeito que o diabo gosta.

- Voltaste amigo. Pelo visto ela te fez bem.

- ela quem?

- a maldita. A dianha. A danada.

Sem saber direito de quem se tratava - se de Dora ou do jeito que o diabo gosta - ele responde:

- sim. Ela me fez muito bem.

Seu coxo traz a bebida fortificante.

- Tá aqui amigo. Do jeito que o diabo gosta.

Seu Pedrosa mata num único gole.

- Seu Coxo o senhor sabe se Dora esteve por aqui com uma amiga? Perguntou já descrevendo Dorotéia para o dono do bar.

- Olha tinha uma moça andando com ela pra cima e pra baixo. Eu nunca tinha visto esta moça por aqui. Mas de uns meses pra cá parece que virou amiga mesmo de Dora.

Neste momento senhor Pedrosa, paga a bebida fortificante e sai do bar como um foguete direto para casa da vovó amor.

- Pedrosa! Pedrosa! Acorda! - Dorotéia o chama assustada. O que foi? Teve um pesadelo?

Pedrosa acorda com olhos esbugalhados, suando frio e dá um abraço demorado em Dorotéia.

- Nossa! Que pesadelo terrível.

- ontem quando você chegou do hospital, trazido por um morador de rua e um cachorro, pela manhã, deitou-se e dormiu direto. São quase seis da manhã. Você precisa se arrumar e ir para o Cais.

Senhor Pedrosa ficou ainda mais confuso, pois não sabia se era sonho ou realidade. Mas resolveu não tocar no assunto para não ter que dar explicações. Levantou-se, pôs a roupa rapidamente, deu um beijo e abraço demorado em Dorotéia e partiu para...

- Vovó? Bate à porta.

- Quem é?

- sou eu. Pedrosa.

- Rapaz são seis horas da manhã. E eu começo atender a partir das 9h.

- Desculpa, mas tive um pesadelo horrível e acordei desesperado. Preciso da sua ajuda.

- Peraí que vou me vestir.

Senhor Pedrosa estava muito ansioso. Mas, depois de alguns minutos...

- Pode entrar meu filho.

- Vovó a Dora tá acabando comigo. E seu anuncio dizia: "Trago seu amor de volta em três dias". Hoje é o terceiro dia.

- Mas o dia apenas começou.

- Eu sei é que estes três dias para mim tem sido um tormento, até sonhar que Dora fez amizade com Dorotéia e apresentou do jeito que o diabo gosta para ela eu sonhei.

Neste momento senhor Pedrosa conta todo sonho. Lembrou de quase tudo que aconteceu. Contava com tamanha vivacidade que parecia real. Não entendia como poderia sonhar que sua mulher fosse amiga de Dora, freqüentasse os arredores da *Casa das Meninas* e havia experimentado do jeito que o diabo gosta. Um enigma difícil de resolver. Era como seus pensamentos estivessem ligados ao inconsciente libidinal. E que neste momento o perturbava, pois não podia nem pensar que Dorotéia fosse uma quenga. Nem mesmo em sonho.

- Meu filho deixa eu te contar uma coisa. Já passei por muitas coisas ruins nesta vida. Meu marido me deixou e não voltou se quer para dar Adeus. Ele se foi. Tive vários sonhos em um deles me via lendo uma carta erótica que minha filha recebeu de um amante a moda antiga. A carta era dela e para ela. Mas me pequei lendo como se fosse para mim.

- E o que dizia a carta. Senhor pedrosa curioso.

- Nada que você não saiba. É muito parecida com a que você deixou para Dora com uma das meninas lá no interninho da rua uranos. Lembra? Cutucou com perspicácia.

Neste instante senhor Pedrosa fica gélido. Como ela sabe que deixei uma carta para Dora lá no inferninho da uranos? E mais: como ela sabe que o conteúdo era erótico? Pensativo.

- lembro. Senhor Pedrosa meio sem graça.

- o inconsciente libidinal nos atropela meu filho. Sugiro você dar uma volta por aí e voltar a noitinha, porque agora tenho que atender outros clientes. A propósito: você fez o que te mandei fazer? Vovó pergunta lendo uma carta de tarô.

- É...

- Trocastes um dos ingredientes. A calcinha preta por do jeito que o diabo gosta né. Os espíritos sempre me avisam dessas coisas.

- Vovó deixa eu...

- não precisa explicar nada. Volte à noitinha.

- obrigado vovó.

Senhor Pedrosa sai da *Casa da Vovó do Amor* pensativo e surpreso com as revelações de seus atos, aqueles que ninguém podia saber. Mais uma vez não vai ao Cais. Prefere andar como um transeunte pelas ruas até encontrar o bar do seu coxo. Lá fica ouvindo estórias filosóficas de gambiarra. Em uma delas gambiarra cita um trecho do livro *Estudios Sobre El Amor* de Ortega Y Gasset.

- *¡Buenas noches! Lo siento mucho, pero tengo que comenzar dando a ustedes un susto; tengo que comenzar con un grito: «¡Socorro!», porque en este momento un hombre se está ahogando. ¡Sí!, por lo pronto, asisten ustedes a una escena de naufragio. ¡Qué le vamos a hacer! Son cosas que pasan en la vida. La vida es todo: la hora de la delicia y la hora del naufragio. Y en la ocasión presente tenemos que partir de esta última, que es una escena penosa. Sí, ¿no le ven ustedes? Allá lejos, en un lejos que no se sabe dónde es, en un punto de la inmensidad convulsionaria que es un mar borrascoso, sacudido por el espasmo de sus olas gigantes, entre las espumas blancas*

y el verde atroz del agua salobre -¡sí, allí!, a cien metros de la roca-, un hombre se ahoga. Ha braceado enérgico para mantenerse a flote; pero el mar há podido más, y se le traga, le absorbe -¡como si nada! Ya no se ve de él más que una mano, una mano que se agita entre lo blanco y lo verdusco. En esa mano, último resto visible de um hombre, sentimos todo el hombre: en ella se ha retirado y concentrado cuanto él era: su cerebro y su corazón; su carne elástica, capaz de lucha y de voluptuosidad; sus ilusiones y SUS proyectos; su desesperación y sus esperanzas...⁷⁴

- Caranba! Gambiarra, não sabia que falava outras línguas.

- Eu não falo. Apenas decorei esse pedaço para falar aqui no bar, como alguém inteligente (risos).

- Você é doido mesmo. Até para falar de amor você filosofa (risos).

- Esse camarada que chegou aqui, parece que tá precisando. Olha a cara dele.

- Ele anda perdidamente apaixonado por Dora.

- Dianha! Deixa todo mundo apaixonado por ela. Tem pacto com o demo (risos).

- Dizem quando ele se veste de chapeuzinho vermelho não tem ninguém que escape.

- Você não faz ideia. Parece que aquela fantasia tem poderes de magia. Os lobos ficam bobos. Do jeito que o diabo gosta.

Senhor Pedrosa, ouvia a conversa entre gambiarra e seu coxo. Ele estava completamente atordoado. Sem eira nem beira. Mal conseguia falar alguma coisa. Depois de algum foi embora sem ao menos se despedir de seu coxo. Seu estado era de uma pessoa que foi afligido pelas paixões tristes.⁷⁵

⁷⁴ José Ortega y Gasset: *Sobre el amor. Antología*, Editorial Plenitud, Madrid, 1963, 2.a edición ampliada. p.82.

⁷⁵ Cf: Conceito de *Conatus* em Espinosa (1983).

- ele tá tão perdido que foi embora sem falar uma palavra.
- A paixão é assim. Ora ela põe a gente lá em cima, ora ela nos arrebenta, por isso eu bebo do jeito que o diabo gosta, só assim eu esqueço a Madalena.

- Madalena? Você nunca falou desta mulher.

- Pois é amigo. Fui embora de casa e abandonei a Madalena sem ao menos dizer adeus. Estava afogado numa paixão tão triste que abandonei minha mulher...

Seu coxo ficou em silêncio. Sabia que gambiarra tinha vivido alguma decepção amorosa, mas nunca tocou no caso. Por muito tempo o silêncio foi a atmosfera do bar. Até que gambiarra levantou-se e disse:

Preciso ir amigo. Preciso ir.

**Deixa-me ir
preciso andar
vou por aí a procurar
sorrir pra não chorar
Se alguém for lhe perguntar
diga que só voltar
depois que me encontrar**

Num outro canto, senhor Pedrosa andava sem eira nem beira. Passa pela esquina das Paixões avassaladoras. Não havia

ninguém por lá, nem mesmo o rabugento e morador de rua com quem ele iniciou uma "amizade", estavam por lá. Continua seu calvário até chegar à casa da vovó do amor. O relógio marcava 23h. Vovó do amor parecia que estava dormindo devido o silêncio. Senhor Pedrosa se aproxima e...

- Pode entrar meu filho.

- Como sabe que estou aqui.

- não aprendestes? Sei de muitas coisas.

- Vovó hoje é o último dia para que seu trabalho traga de volta Dora. Diga, por favor, ela vai voltar né?

- Meu filho você não colocou os elementos que deveria por na oferenda. Trocou a calcinha preta perfumada por do jeito que o diabo gosta.

- sim. Mas a senhora disse que ia dar um jeito. E de mais acho que do jeito que o diabo gosta serviu para alguém, pois no outro dia que passei por lá havia sumido.

- Igual Gina, diz, baixinho, vovó.

- Igual quem, vovó?

- Igual **Dora**.

- Não foi esse nome que a senhora falou.

- Não? Pensei alto meu filho.

- E então vovó, ela voltou?

- Meu filho deixa eu te falar uma coisa: Gina vestiu-se de chapeuzinho vermelho e foi caminhar pela floresta. Sozinha. Sem lobo. Sem ninguém. Acho que é o momento dela. Entende/

- Não! Não entendo. E porque a senhora está a chamando de Gina. É a segunda vez que troca os nomes.

- Desculpe meu filho, deve ser algum ato falho.

- ato o que?

- Nada. É coisa da minha cabeça. A mulher que você tanto quer de volta foi embora. E as cartas dizem para deixá-la ir. Para não tentarmos trazê-la. Ela é uma mulher do mundo. Tem

espírito forte. Gina precisa partir meu filho. Sua chapeuzinho precisa ir. Meu filho, ela partiu pra nunca mais voltar.

Um enorme vazio toma conta da casa da vovó. Era como se a vovó "entendesse" o sumiço de um amor.

Senhor Pedrosa chora copiosamente.

*Ela partiu, partiu
E nunca mais voltou
Ela sumiu, sumiu
E nunca mais voltou*

*Ela partiu, partiu
E nunca mais voltou
Ela sumiu, sumiu
E nunca mais voltou*

*Se souberem onde ela está
Digam-me e eu vou lá buscá-la
Pelo menos telefone em seu nome
Me dê uma dica, uma pista, insista*

*Ei! E nunca mais voltou
Ela partiu, partiu
E nunca mais voltou
Ela sumiu, sumiu
E nunca mais voltou*

*Se eu soubesse onde ela foi, iria atrás
Mas não sei mais nem direção
Várias noites que eu não durmo
Um segundo
Estou cansado, Magoadado, exausto⁷⁶*

⁷⁶ *Ela Partiu* canção na voz de Tim Maia.

E O DESTINO DE DORA?

Após saber da notícia sobre a remoção de algumas casas, dentre elas a de algumas amigas, resolve aceitar a sugestão de Diabo Louro em visitar outras casas. No caminho, passa pelo terminal da Central do Brasil, ao lado da Avenida Presidente, Vargas, bairro comumente chamado de *Centro da Cidade Vargas*, Rio de Janeiro.

Uma bola de fogo no céu.

Céu?

Espaço e temporalidade

e terra

e céu.

Sol.

45 graus na sombra.

Homem dorme deitado em chão
sob pedaços de panos em cores
e de braços abertos
e de barriga para cima
e uma das pernas ligeiramente recolhida

e.

Vai e vem de pessoas.

Sons diversos.

Ruídos diversos.

Buzinas.

Roncos de motores.

Falações.

Xingamentos.

Pássaros? Talvez.

Guardas
 controle urbano
 cassetetes.
 Ambulantes.
 Trabalhadores.
 Mixórdias.
 Relógio marca 14h30 da tarde.
 02 de fevereiro de um ano qualquer.
 Homem dorme.
 Terminal de ônibus Central do Brasil.
 Parada do coletivo 157.
 Passageiros
 - artigo 157 do código penal decreto lei 2848/1940 -
 à espera.

Dorme homem.

Barriga para cima

e **braços abertos**

e uma das **pernas** ligeiramente **recolhida**

e **panos coloridos**

e **rua**

e **espaço**

e **temporalidade**

e **corpo**
 e **desejo**
 e **plasticidade**
 e **urbanidade**
 e **planejamento urbano.**
Dorme homem.

Completamente desnordeada, Dora, toma um trem até o inferninho da uranos, a fim de saber como andavam suas amigas. No trajeto, observava os ambulantes vendendo todo tipo de objeto.⁷⁷ Até mesmo objetos usados. Quinquilharias. Passadas algumas estações, não se sabe por que, Dora resolveu não descer em Bonsucesso. O inferninho trazia algumas lembranças das quais ela não queria se deparar. Era como se seu espírito a avisasse que senhor Pedrosa havia passado por lá e deixado alguma coisa para ela. Sempre detestou despedidas. Não queria magoá-lo. Sentiu também que as meninas do inferninho estavam bem, na medida do possível. Os belos olhos de Dora estavam longe. Uma espécie de adeus. Ela partiu e nunca mais voltou. Não se sabe por que ela partiu. O que se sabe é ela partiu. Uma espécie de pedido para deixá-la ir...

Deixa-me ir

⁷⁷ Ouvir a composição *Camelo de Profissão* de Abel Luiz.

**preciso andar
vou por aí a procurar
sorrir pra não chorar
Se alguém for lhe perguntar
diga que só voltar
depois que me encontrar ...**

. PONTO

Como todo ponto é um ponto. Ponto. Final?

*A PROPÓSITO DA NEVE DERRETIDA*⁷⁸

*Quando das trevas do erro
Minha palavra ardente e persuasiva
Arrancou tua alma decaída
E, cheia de dor profunda,
Retorcendo as mãos, amaldiçoaste
O vício que te arrebatara;
Quando, com tua consciência entorpecida,
Castigada pelas recordações,
Me revelaste toda a história
Do que se passou antes de mim,
E súbito, escondendo o rosto nas mãos,
Cheia de vergonha e de horror,
Irrrompeste em lágrimas,
Revoltada, enlouquecida...*

Nekrassov

⁷⁸ Dostoievski, Fiodor (2008). *Notas do Subterrâneo* p. 53

REFERÊNCIAS

- AGABEN, G. *Homo Sacer. O Poder Soberano e a Vida Nua*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- _____. *Notas sobre a política*. Tradução Murilo Duarte da Costa Corrêa. Bollati Boringhieri: Torino, 1996, p. 87-93.
- _____. *Ideia de prosa*. Belo Horizonte: Autentica, 2012.
- ALVES, Ruben. *A pedagogia dos caracóis*. Campinas: Versus, 2010.
- ARTAUD, Antony. *O Umbigo dos Limbos - Linguagem e vida*. Tradução de J. Guinsburg - Ed. Perspectiva, 2007.
- ASSIS, Machado. *Obra Completa*. In: *Teoria do medalhão*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II. p. 195-199.
- BARRETO, Lima. *Queixa de Defunto. As cem melhores crônicas brasileiras*. Joaquim Ferreira dos Santos, Organização e Introdução. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, pág. 34/35.
- _____. *O Triste fim de Policarpo Quaresma*. 23ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BARROS, Manoel de. 1993. *Livro das Ignoranças*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- BAUDRILLARD, Jean. *Da Sedução*. Campinas: Papirus, 1991.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. In: *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- _____. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. *Rua de Mão Única: in: Infância berlinense por volta de 1900*. Obras escolhidas Volume III. 5ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 71-142.
- _____. *Magia e Técnica, Arte e Política - Obras escolhidas I*. In: *A imagem de Proust*. São Paulo, Brasiliense 1994, p. 36-49.
- _____. *Anjo da história*. Belo Horizonte: Autentica 2012.
- _____. *Sobre o Conceito de História*. In: *Obras Escolhidas, v. I, Magia e técnica, arte e política*, trad. S.P. Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1994.p 222-232.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1990.

- BONDUKI, Nabil. *Origens da Habitação Social no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- BUARQUE, Chico. *Chapeuzinho Amarelo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- CANEVATI, Massimo. *A Cidade Polifônica*.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- _____. *Proust e os signos*. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006.
- _____. *Diferença e Repetição*. In: *A imagem do pensamento*. Trad. Luiz Orlandi; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006. p. 189-240.
- _____. O ato de criação. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 jun. 1999. *Caderno Mais*, p.5.
- _____. *Lógica do Sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é filosofia?* Trad. Bento Prado Junior e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- _____. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia I*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2010.
- _____. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Cecília Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995. vol. 1.
- _____. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- _____. *Kafka. Por uma literatura menor*. Ed. BH, 2014.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2005.
- DERRIDA, Jacques. *Salvo o Nome*. Campinas/SP: Papyrus, 1995.
- DESCARTES, René. *Meditações*. Os Pensadores - São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- DOSTOIEVSKI, M. Fiodor. *Notas do Subterrâneo*. Tradução Moacir Werneck de castro. 6ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- ESPINOZA, Baruch. *Ética*. Os Pensadores. Tradução Marilena Chauí – 3. Ed. – São Paulo: Abril, 1983.

- FONSECA, Rubem. *A arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro*. In: *Contos reunidos*. Organização: Boris Schnaiderman. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- _____. *Vigiar e punir*. São Paulo: Vozes, 1995.
- _____. *História da Sexualidade*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 19ª ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GASSET, José Ortega y. *Estudios Sobre el amor*. Antología - 2.a edición ampliada - Editorial Plenitud, Madrid, 1963.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura (GPMC). *Manual teórico-prático de Artes Drásticas*. IPPUR/UFRJ: 2015, Inédito.
- _____. *Caosgrafias cidade*. Belo Horizonte: XIV ENAPUR, 2015.
- _____. *e redemoinhos e cidades de leva e traz e dolores e*. Rio de Janeiro: XIX semana PUR, 2013.
- _____. *Por uma geografia desalmada*. Guimarães/Portugal: XIV Colóquio Ibérico de Geografia, 2014.
- GUATARRI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- GUATARRI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 5ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- KASKUS, Márcia; ELEUTÈRIO, Sílvia. *O Baú do Seu Machado*. Rio de Janeiro: Zeus, 2007.
- LAW, Stephen. *O Grande Livro Das Perguntas sobre a vida, o universo e tudo mais*. Tradução Filomena Devechi. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.
- LEÑERO, Carmem. *Remédios e seu demônio*. Tradução Carla Caruso. São Paulo: Callis, 2010.
- LYOTARD, Jean François. *A condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- KEROUAC, Jack. *Os Vagabundos do Dharma*. Lisboa: Relógio D'água, 2000.
- KING, Francis. *Magia: Mitos, Deuses e Mistérios*. Madrid: Del Prado, 1996.
- MACHADO, Roberto Cabral de Melo. *Nietzsche e a Verdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac, 2002.

_____. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac, 2004.

NEVES, André. *Lino*. São Paulo: Callis, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como alguém torna-se o que se é*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

_____. *Genealogia da moral. Uma polêmica*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *O Crepúsculo dos Ídolos*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

_____. *Considerações Extemporâneas*. In *Obras Incompletas*. Coleção Os Pensadores. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 267- 298.

_____. *Escritos sobre educação*. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2003.

_____. Nietzsche: *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (coleção Os Pensadores).

PÉLBART, Peter Pal. *Vida Capital*. In: *Poder Sobre a Vida, Potência da Vida e A Comunidade Dos Sem Comunidade*. São Paulo: Iluminas, 2003. p. 19-44.

PERRAULT, Charles. *Chapeuzinho Vermelho*. In: *Contos de Perrault*. Tradução de Fernanda L. de Almeida. São Paulo: Ática, 1996.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido - No caminho de Swann*. Vol.1. Trad. Mário Quintana 3ed. Porto Alegre: Globo, 2006.

REICH, Wilhem. *Escuta Zé Ninguém*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

SAINT-EXUPERY, Antoine De. *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. *A cidade como um jogo de cartas: in. As cidades como puderam ser no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988. p. 39-48.

SANTOS, Silvio. *Chapeuzinho Vermelho*. CD6 - 2013.

SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

ZOURABICHVILI, François. *Vocabulário Deleuze*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Versão eletrônica, 2004.

Se a chapeuzinho fosse japonesa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z2y-97zYKGE> Acesso em: 21 out. 2015.

Arte/Cidade. Máquinas de Guerra contras os Aparelhos de Captura. Disponível em: http://www.artecidade.org.br/novo/publicacoes/fotonovela/maquinas_de_guerra_ebo_ok_pt.pdf Acesso em: 21 maio. 2016.

POE, Edgar Allan. *O homem da multidão*. Disponível em: http://www.gargantadaserpente.com/coral/contos/apoe_homem.shtml Acesso em: 03 fev. 2016.

FILMOGRAFIA

Arquitetura da Destruição. Direção: Peter Cohen. Suécia, 1992.
Macunaíma. Direção: Joaquim Pedro de Andrade. Brasil, 1969.
Sempre Bela. Direção: Manoel de Oliveira. França, 2005.
A Dama do Lotação. Neville de Almeida. Brasil 1978.
Deu a louca na Chapeuzinho Vermelho. Direção: Cory Edwards. Estados Unidos, 2005.

DISCOGRAFIA

BARBOSA, Adoniram. *Trem das Onze*. 1964.
 BRAGA, Carlos Alberto Ferreira. *Chapeuzinho Vermelho*. c 1965. 1 CD
 BUARQUE, Chico. *Geni*. 1979.
 _____. *Latifúndio*. 1965.
 _____. *Partido Alto*. Intérprete: Cássia Eller.
 CAJUEIRO, Beto; MAIA, Tim. *Ela Partiu*. Intérprete: Tim Maia. 1975
 CANDEIA. Deixa-me ir. Intérprete: Cartola. 1976.
 CORREA, David. *Mel na Boca*. Intérprete: Beth Carvalho.
 Di Melo. *Conformópolis*. 1975
 _____. *Má Lida*. 1975.
 GUSTAVO, Miguel. *Jornal da Morte*. Intérprete: Roberto Silveira. 1961.
 LIRA, Carlos; BÔSCOLI, Ronaldo. *Lobo bobo*. Intérprete: João Gilberto. c1959. 1 CD
 LUIZ, Abel. *Jongo Rasteiro*.
 _____. *Camelo de Profissão*.
 MENINÃO, Walter; BUTINA, Pedro. *Candidato caô*. Intérprete: Bezerra da Silva.

PAGODINHO, Zeca; ARAGÃO, Jorge. *Não sou mais disso*. Intérprete: Zeca Pagodinho, 1999.

RIACHÃO. *Vá morar com o diabo*. Intérprete: Cássia Eller.

SOLON, Ivan. *Defunto Cagete*. Intérprete: Bezerra da Silva. c ano. 1CD

TITÃES ACÚSTICO. *O pulso*. Intérprete: Arnaldo Antunes. c1997. 1CD

TRIBO PERIFERIA. *Chapeuzinho Vermelho*. 2013.

VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto. *O Haiti*. 1993.